

Finalmente em relatório oficial

Vaticano diz “NÃO” às armas nucleares

Pág. 12-13

Lei de bases da Família aprovada pelo Governo

O Governo AD aprovou, na última reunião do Conselho de Ministros, a proposta de Lei de Bases da Família. Horas antes, um semanário de extrema-direita publicava fotografias dos principais dirigentes do PSD exibindo calcinhas de senhora. A menos que se tratasse de uma reunião em defesa da família — segundo conceitos da AD trata-se de um abaixamento moral inqualificável. Em qualquer outro País, estes dirigentes seriam afastados (as fotografias mostram o presidente do Grupo Parlamentar do PSD e dois ex-ministros); em Portugal, a AD vai consentir? Com que autoridade moral para falar agora na Família? Digamos que, para a AD não é necessário construir família... bastam as aparências. Por isso, o Governo lança «Bases» de um «edifício» que não constrói.

Pág. 24



A cinco dias do fim-de-ano

PCP faz o ponto da situação

A situação portuguesa, designadamente a necessidade de demissão do actual Governo, a revisão constitucional e os «vergonhosos acordos» do PS/Mário Soares e AD sobre as chefias militares, constituíram, juntamente com a questão polaca, os grandes temas do discurso de Álvaro Cunhal, no comício do PCP, a noite passada no (superlotado) pavilhão dos Desportos, em Lisboa. A preparação de um golpe de força dos EUA contra a Líbia, com eventual suporte logístico português, foi ainda denunciada na longa intervenção do secretário-geral do PCP.

Pág. 7



Com o Governo português não se brinca

Cortado o telex da Embaixada polaca

Pág. 7

Hoje há Ler/ Escrever

O nosso suplemento literário de hoje, coincidindo com a quadra natalícia, fala-nos do livro dentro e fora do sapato, de Picasso, de Pereira Gomes e o livro «Eles Vieram de Madrugada» de Manuela Câncio Reis, etc. O «Ler/Escrever» inclui colaboração de Júlia Maciel, Mário de Carvalho, José Beirão, Luís Veiga Leitão, Luís Miranda Rocha, Soledade Martinho Costa e, com um poema inédito, Emanuel Jorge Botelho.

Sete Ponto Sete sai sábado

O que Balsemão não disse na TV e o balanço geral do cinema português e estrangeiro que vimos durante este ano são os temas que dominam o Sete Ponto Sete desta semana que, devido ao feriado de amanhã, só publicamos no próximo sábado.



Quarenta horas num bote, seis meses a feijão, batata fardada e peixe, um litro de água por dia para beber e lavar, esgotamento e doenças sem assistência, prisões e castigos por tudo e nada: são as histórias de outros tempos, que hoje acabamos de contar. Podiam-se resumir nestas palavras de um pescador de muitas viagens: «O nosso descanso era o trabalho. Aquilo era uma escravidão».

Pág. 9

Amanhã não há “DL”

Amanhã, Dia de Natal, é feriado nacional. Não se publica o «Diário de Lisboa», encontrando-se encerrados todos os nossos serviços. Voltaremos ao contacto com os nossos leitores no próximo sábado, dia 26. Aproveitamos a oportunidade para apresentar a todos os nossos leitores e anunciantes votos de um Natal muito feliz.

Chegas esta noite, pá?

Qual deles é o pai, Natal? Há um pai que chega, ou procura chegar, todas as noites, cansado, sem vontade para folgedos, de inflação nos sentidos, que ela também já chegou às esmolas. A salvação do quotidiano poderia, então, estar num pai diferente, absoluto, repousado, engalanado. Para cúmulo, repleto de fantasia, brinquedos e 13.º mês que muitos pais a sério não têm. O pai chega todas as noites. Mas o pai, Natal, conseguirá chegar esta noite?

Foto José Tavares

Mário Murteira



a palavra com...

Alternâncias e alternativas

Segundo afirmaram as testemunhas, o debate no Parlamento sobre o Plano e o Orçamento para o próximo ano não mostrou grande margem para alternativas de política económica na área do poder possível — isto é, AD mais PS. Divergências entre especialistas de convicções vizinhas não constituem propriamente alternativas, rumos bem distintos de estratégias económicas para atacar a famosa crise, com quem vivemos todos os dias.

Se isto é verdade, de duas uma: ou o caminho da sabedoria em política económica é fino e difícil como o fio da navalha, e só há a navalha e o fio, em que temos andado os últimos anos; ou a sabedoria em política económica é outra e não está na área do poder possível em Portugal, ao menos no futuro próximo.

Mas, para além disto, a tal sabedoria em política económica é, antes do mais, uma questão de convicções dos economistas? Dito doutra maneira: as distintas formações da política económica para Portugal coincidem com as distintas opiniões dos economistas (por hipótese, distintos) que habitualmente são ouvidos entre nós nestas matérias?

Claro que quem escreve estas linhas é suspeito, ao menos por ter também as

suas opiniões sobre política económica e já ter tido uma vez oportunidade de fazê-las ouvir em Conselho de Ministros (em 1975). Por isso mesmo, não vou desta vez procurar defender a política económica «certa», isto é, aquela em que acredito.

O meu propósito é outro: mostrar que em Portugal, é actualmente possível a alternância no poder político (obtenha-se qualquer parte de uma AD fracturada em aliança com o PS) mas não a alternativa de política económica. Alternativa, repito, não no sentido de diferentes matizes no seguimento de uma estratégia económica basicamente comum, mas antes na formulação e execução de uma estratégia fundamentalmente distinta da seguida em Portugal desde 1977.

Para mostrar isto creio indispensável enumerar brevemente algumas das áreas em que o confronto decisivo das alternativas (possíveis) se coloca.

A primeira respeita às prioridades estabelecidas nos instrumentos da política económica.

A segunda relativamente à estratégia económica externa.

A terceira, à política de desenvolvimento rural, em particular na zona da Reforma Agrária.

Qualquer destas questões se relaciona com as outras, são portanto interdependentes. Mas parece-me útil agrupá-las desta forma para (espero) clarificar melhor o que pretendo dizer.

Pode parecer estranho colocar as prioridades nos instrumentos à frente das prioridades nos objectivos da política económica. Em pura lógica deveria ser ao contrário; mas em matéria política a lógica (pura) é uma batata com bicho. Explico-me: o simples enunciado de objectivos é música celestial sem serem indicadas as armas ou instrumentos que efectivamente se pretendem utilizar na pontaria a tais alvos, metas ou objectivos.

Concretizando mais. Reduzir o debate entre alternativas económicas à discussão dos instrumentos da política monetária e financeira do Estado (taxas de câmbio, taxas de juro, impostos, défices públicos, etc.) é uma grosseria simplificação. Isso faria talvez sentido se estivessemos de acordo sobre o caminho seguido globalmente na orientação do desenvolvimento do país. Não é o caso, como se sabe.

Mas, então, que instrumentos de política económica são efectivamente susceptíveis de utilização?

O velho Tinbergen, mestre

holandês destas coisas, falava na política quantitativa, na política qualitativa e nas reformas — como instrumentos da política económica. A discussão do OGE e do Plano andou praticamente apenas à volta da política quantitativa e nada mais. Discutir o resto implica não só discutir a estratégia de investimentos no sector público (por exemplo) mas também o tipo de gestão e de gestor da empresa pública, o quadro institucional de Reforma Agrária, a participação dos trabalhadores na direcção das empresas, etc..

Quanto à estratégia económica externa, está em causa ultrapassar o cortejo ritual dos argumentos pró e contra «plena adesão à CEE». O problema real poderá talvez formular-se assim: se Portugal é demasiado pequeno para poder fechar-se sobre si próprio e se tem vindo a perder terreno — designadamente, quando em comparação no espaço da Europa do Sul — na economia mundial, como deverá situar-se perante o exterior, em termos de estrutura produtiva, por vontade própria não por vontade directa ou indirectamente expressa das multinacionais? Esta questão não é apenas, nem principalmente, um problema comercial, de promoção de exportações, mas também e sobretudo matéria

de orientação de investimentos, de planeamento industrial, designadamente.

Finalmente a questão rural não é apenas nem principalmente o debate ideológico sobre a Reforma Agrária, mas também e sobretudo incidente no aproveitamento racional da maior parte do espaço português e de boa parte da sua população, directa e indirectamente dependente do «interior» do país, isto é, das grandes manchas relativamente subdesenvolvidas da nossa terra.

Se as alternativas, a existirem, se deveriam definir de forma precisa, em áreas como as referidas, o debate sobre políticas económicas é (deveria ser) bem mais sério que o debate entre economistas políticos (passe a expressão). É debate entre diversas visões do mundo — designadamente do português — entre interesses divergentes de classes e estratos sociais assumidos a nível político, enfim, passe o lugar-comum tão mal frequentado, debate entre projectos alternativos de sociedade consciente e coerentemente assumidos por partidos competentes, na função representativa que é suposto desempenharem.

Mas é certo, também, que a «competência» política não cai do céu, como a chuva que sucede a seca. Pressupõe, a

nível da sociedade global, e além do mais, pujança cultural, mérito científico e intelectual das elites, enfim expressões ideológicas conceptualmente mais profundas dos problemas defrontados na conjuntura política.

Parece então que existe aqui um círculo vicioso: a economia e a política económica condicionam a sociedade global e esta os políticos, logo a política económica, etc. Como romper este vício circular?

Creio que não pela evolução na continuidade, como dizia Marcelo, mas pela ruptura, pela descontinuidade, pela revolução. Por isso, (creio eu) aconteceu o 25 de Abril e se aprovou uma Constituição revolucionária. No fim de contas, a moral da minha história é simples: se o impulso revolucionário de 74 se perder de todo e não se encontrarem sequer os caminhos efectivos de solução dos problemas nacionais, então outra descontinuidade ou ruptura acontecerá no processo português. Mas, quaisquer que sejam as minhas preferências, não posso garantir, nessa hipótese, se virá da esquerda ou da direita (1).

(1) Um post-scriptum: depois de quase seis meses de colaboração neste jornal, chegou o fim de ano de 1981, parece-me prudente ficar por aqui e não exorbitar da tolerância do leitor. Até outro dia.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

REUNIÃO DE 18/12/81

MOÇÃO

A aprovação na generalidade da proposta de lei do OGE para 1982, apresentada pelo Governo à Assembleia da República, vem mais uma vez defraudar as Autarquias em dezenas de milhões de contos.

No Distrito de Setúbal, cabe a Almada o pouco invejável privilégio de ser o concelho onde, em termos absolutos, se regista maior desvio na aplicação da Lei das Finanças Locais. De facto, cabendo-lhe por lei, no mínimo, 577 672 contos, o OGE atribui ao nosso concelho apenas 174 810 contos. Isto significa que à população de Almada são sonogados 402 862 000\$00.

Tal corte terá, é evidente, gravosas consequências para o Município, prejudicando profundamente a sua capacidade de resolução e deixando, portanto, adiadas as necessárias soluções para os graves problemas que afectam a nossa terra e os seus habitantes.

Porque ao Poder Local compete pugnar pela defesa dos justos interesses das populações, a Câmara Municipal de Almada:

- protesta contra o contínuo desrespeito do Governo pela Lei 1/79, unanimemente aprovada na Assembleia da República;
- exige que na especialidade o OGE respeite a citada Lei;
- reserva-se o direito de alertar os munícipes através dos meios mais apropriados (anúncios nos órgãos de comunicação social, faixas, boletim municipal, conferências de imprensa, ...) para as graves consequências que os cortes de verbas verificadas implicarão, responsabilizando a nefasta política do governo pelos prejuízos daí advindos.

Que se envie aos órgãos da informação, Assembleia da República, Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministro das Finanças e do Plano.

Deliberação: Aprovada por 8 votos a favor e 1 abstenção (Castro Gonçalves).

CONSELHO MUNICIPAL DE ALMADA

O Conselho Municipal do Concelho de Almada reunido no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Almada em 16 de Dezembro de 1981 deu por unanimidade, parecer favorável sobre os Relatórios, Balanços e Contas de 1980 da Câmara Municipal de Almada e dos seus Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento de Almada.

No período de antes da ordem do dia foi manifestada pelo plenário deste Conselho Municipal O MAIS VIVO REPÚDIO PELAS MEDIDAS ANTI-SOCIAIS E ANTIDEMOCRÁTICAS, NOMEADAMENTE NO CAMPO DA SAÚDE, DA HABITAÇÃO E DA EDUCAÇÃO CONSTANTES DO O.G.E. ACTUALMENTE EM DISCUSSÃO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA.

Concretamente no campo da saúde, irá assistir-se a um aumento dos medicamentos (cerca de 25 %), a um decréscimo da participação da Previdência (cerca de 20 %), e finalmente a um aumento incomportável das participações do doente nas urgências, consultas externas e internamento nos hospitais civis o que sem margem para dúvidas irá colocar o povo português perante situações insustentáveis;

Em Portugal ninguém poderá estar doente? Ou só os ricos poderão estar doentes?

Almada, 16 de Dezembro de 1981

O Conselho Municipal do Concelho de Almada

Aprovada por unanimidade.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA DO DISTRITO DE ÉVORA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL DESCENTRALIZADA

Nos termos do artigo 39.º dos Estatutos e por força do artigo 33.º convocada Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito de Évora, para o próximo dia 9 de Janeiro de 1982, com início às 10 horas e com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Rever os Estatutos no artigo 15.º
2. Aspectos salariais
3. Situação política ou social.

A Assembleia funcionará conforme a indicação do quadro seguinte:

FUNCIONAMENTO DA ASSEMBLEIA GERAL DE 9/1/1982

LOCAIS DA ASSEMBLEIA (REUNIÃO)

INÍCIO (10 horas)

ÉVORA (No Palácio D. Manuel)

MORA (No Cinema)

Évora, 10 de Dezembro de 1981

O Secretário da Mesa da Assembleia Geral
Silvina Mariana Leal Mendes Calado

política de A a Z

As palavras e as promessas não aquecem o Natal

E NCONTRA-SE no domínio dos artifícios verbais e abusos da maturidade política do Povo português quando se pretende reduzir a crise a uma controvérsia arrastada e áspere sobre o problema da «revisão constitucional». Desdobra-se a presente crise em várias crises: temos uma crise social, económica e financeira, mas temos, também, uma crise política na qual se insere, novamente com uma acuidade crítica, uma crise de relações institucionais. E é, exactamente, a «esperança forte do 25 de Abril», esperança que permanece apesar de desencantos e desilusões, que conduz a uma oposição crítica, generalizada, popular, ao propósito de rever a Constituição contra as conquistas práticas (e legais) e as esperanças teóricas (acaso utópicas) que com o 25 de Abril floresceram. Foi essa «esperança forte», e esse forte amor à Constituição de Abril, que explicam a derrota do «golpismo referendário» que era a arma secreta da aventura eleitoral Sá Carneiro-Soares Carneiro.

O erro político flagrante da «Aliança Democrática», que chega a ser uma obstinação doentia, é o recusar-se a ler, nos resultados eleitorais da eleição presidencial de 7 de Dezembro de 1980, a derrota política do seu «projecto». E surgem como ingénuas as tentativas, em que se esgotam o verbo e a imaginação AD, para impor ao Partido Socialista com um «acordo de revisão constitucional», o suicídio político de uma dependência parlamentar, política de um modo geral, e concretamente no campo da movimentação laboral, em relação ao Partido Social-Democrata e aos seus aliados da «maioria» que, sendo minoria, nos governa.

Sendo uma simples habilidade de palavras classificar de «inimigos do progresso» os que, em matéria de revisão constitucional, «querem que tudo fique na mesma», confundindo, na mesmíssima acusação, os que defendem a manutenção de direitos e conquistas (políticas, económicas e sociais) e os «que não desejam perder poderes», Francisco Pinto Balsemão comete um novo erro de apreciação política. Os seus argumentos não são convincentes. Ninguém, para além do seu círculo, aceita o argumento de que o «progresso» (político, económico, social) consiste na revisão constitucional inspirada numa ideologia anti-socialista.

Face às crises (política e económico-financeira) o Governo AD solicita, pela voz do Primeiro-Ministro, que o acompanhamos na sua «cruzada de interesse nacional contra o adiamento, a desordem e a indisciplina e a favor da racionalização, do realismo e da tomada de consciência de que teremos de viver de acordo com as nossas possibilidades». Declara ter optado «pelo caminho mais duro e menos eleitoralista». Não é sério este argumento: o Governo não cumpriu as suas promessas «eleitoralistas» e provocou com a sua gestão, ou, pelo menos, não soube evitar, o agravamento da situação de crise social, económica e financeira.

Não se pretende ignorar a crise internacional, nem esquecer o reflexo conjuntural da crise internacional sobre a economia portuguesa. Sofre esta de debilidades estruturais, e é, justamente a reforma e modernização das estruturas que está a ser adiada — e por culpa dos sucessivos governos (e não só dos Governos AD). Ora se governa sob a guilhotina do curto prazo, governos de iniciativa presidencial, governos com eleições à vista, ora sob o imperativo da satisfação de clientelas partidárias; ora se governa pensando no «regresso» ao passado; ora se elegem falsas prioridades. Tal a europeia. Como, se a necessidade de não ficar à margem de um processo que nos ultrapassa (como nação situada num espaço geográfico) pudesse determinar as directrizes de política económica correspondentes aos nossos interesses nacionais.

O dever do Governo não é deixar-se arrastar pela corrente, aliás exterior, e não raro contestada (veja-se o que se passa em Inglaterra, considere-se o caso da Grécia), ou seguir tendências de conotação partidária (as solidariedades internacionais, as solidariedades das «internacionais»), mas pautar-se pelo interesse nacional considerado numa perspectiva de autenticidade democrática e de avanço sociopolítico em democracia.

Somos «vulneráveis»: no plano económico e não será a Europa a libertar-nos dessa vulnerabilidade. De países não-europeus, no que às necessidades energéticas se refere, dependemos, nós e a Europa. Somos vulneráveis, igualmente, no plano político, e não será a Europa a «civilizar» a direita que temos. Esta procura apoios europeus e não só. Cultiva ligações internacionais a vários níveis, sendo, incontestavelmente, o mais preocupante — o da dependência económica e o da dependência, em relação a fontes de financiamento estrangeiro, da própria actividade política.

A aprovação do OGE estava garantida apesar de timoratas e vagas agitações de reformismo dito social-democrata que vieram, apenas, mas com algum significado, dar indícios de má consciência no seio do PSD. Todavia aprovado o Orçamento Geral do Estado reconhece-se — é o próprio Primeiro-Ministro que o refere — que com essa frustrante arrumação de contas não ficará arrumada a nossa vida. O País vive acima das suas possibilidades. E muitos vivem acima das possibilidades do País. Existe um problema económico e financeiro. Existe uma questão social. As reivindicações dos trabalhadores, as greves, não são imaginadas e decretadas por agitadores que queiram subverter o Portugal de Abril. Pelo contrário, são os que se mostram incapazes de promover uma política de progresso económico e social, de justa repartição da riqueza, de justiça social e de gestão democrática participada, que querem contrariar que prossigamos na via democrática pluralista.

Era necessário — denunciando serena mas firmemente o «restauracionismo» — apelar para a mobilização dos trabalhadores, para uma mais larga participação dos cidadãos, recorrer «à inteligência e à imaginação criadora».

E aqui se recorda, como palavra final, o verso do grande poeta Manuel da Fonseca: «Venha a ânsia do peito para os braços».

Galporut — crónica de uma ficção

Após três horas de viagem cansativa, o avião, em derradeiro esforço das turbinas, aproxima-se, em lentidão só aparente, da pista cinzenta que se alonga, rectilínea. A chuva miúda que cai persistente, a desmentir álbiis de seca-serve-a-tudo, que ouvimos, repetido. O acoer costumeiro dos cintos, elásticos, o apagar do cigarro, nervoso. A voz monótona que anuncia as boas-vindas a Galporut, os amenos doze graus de temperatura no solo. A emoção do nosso primeiro contacto com este assombroso país, pátria de poetas e navegadores, que outrora haviam dado mundos novos ao mundo. Cantinho verdejante — apesar da seca — à beira-mar plantado, como rezam os prospectos turísticos, país do sol da simpatia dos seus pacíficos habitantes, dos brandos costumes, das idílicas praias de um turismo feliz. Frases feitas que me ocorrem, dispersas, na aterragem perfeita. Pequeno país, com quase 10 milhões de habitantes, 10% de analfabetos, 2000 dólares de rendimento «per capita» (bastante baixo para a prosperidade anunciada por outras vias), recordista mundial do preço da gasolina.

A quase inexistência de formalidades alfandegárias como primeira impressão, simpática. A fila indiana que se forma, a seguir, em direcção a um gabinete de controlo e que avança demorada. Problemas de armas ou de droga, palpito, incómodo. Lenta a fila progride. Dois funcionários, ao longe, que parecem examinar, metuculosos, os pés dos recém-chegados. Inquieto-me. Um calo mal tratado incomoda-

-me há dias e quem sabe — cada povo tem seu uso — se existirá alguma medida anticalosidades neste país de costumes estranhos. Interrogo o parceiro da frente que, sorridente, me indica com um gesto o letreiro onde, em quatro línguas, se pode ler: «Proibida a entrada no país aos pés descalços». Suspiro, aliado. Não terei, com as minhas botas de sola dupla, qualquer problema na entrada em Galporut.

Nos primeiros dias de estadia, breve me apercebi de que algo não ia bem naquele reino distante. Mas adiante explicarei porquê. Com efeito, entendi que uma boa fonte de informação seria assistir, como qualquer paco galporutiano, a uma noite de televisão no recato do hotel. Assim, comecei por ver o serviço noticioso da R.T.G. (Radiotelevisão de Galporut) o qual me surpreendeu agradavelmente, pois revelava claramente qual a importância que os responsáveis atribuíam a uma completa informação dos galporutianos. Nesse noticiário falaram longamente sobre os problemas do país o primeiro-ministro, 3 ministros, 4 secretários de Estado, 5 directores-gerais, tendo ainda sido entrevistados dois representantes da coligação no governo. A minha primeira reacção foi de agrado, pois a democracia (só depois verifiquei que se escrevia, ali, A Democracia) implica uma boa informação. Durante o dia seguinte resolvi viver o dia a dia de um galporutiano em férias numa grande cidade. Passeei-me pela Baixa ribeirinha da capital, olhando as montras. O preço dos artigos expostos mos-

Vitor Faria e Silva

trou-me (desmentindo as estatísticas propaladas internacionalmente) como devia ser elevado o nível de vida naquele país, pois só com muito bons salários se poderiam adquirir tais artigos. Facto que confirmei amplamente pelo preço do almoço num restaurante e pelo custo da viagem de regresso ao hotel. Onde, pelo sim pelo não, resolvi voltar a ouvir o noticiário da TV — Telejornal, como ali lhe chamam. De novo falaram 4 ministros, 3 secretários de Estado, 2 directores-gerais, tendo sido, ainda, entrevistados dois representantes da coligação no governo. O que me confirmou a tendência já referida. Ah, não posso deixar de referir, foi também dado um rápido apontamento de alguns segundos, de uma manifestação da oposição. Sem grande importância, deduzi, pelo quase nulo relevo dado à notícia. Assim conclui (mais tarde vim também a rectificar tal impressão) do apreço e preocupação, bem manifestos, pela boa informação dos galporutianos. E não quero deixar de referir outra conclusão: em vez de ficarem fechados no silêncio dos seus gabinetes (mais tarde perguntei-me se teriam tempo para mais alguma coisa), os ministros de Galporut desenvolviam uma actividade espantosa em deslocação quer no país quer no estrangeiro — naquele momento 4 ministros encontravam-se de visita, é claro, ao serviço da nação, aos mais distantes países do globo. E pensei,

isto sim, é governar (-se, aventei mais tarde). Um outro aspecto significativo, que não quero deixar de referir, foi o relevo dado ao noticiário internacional, por parte da R.T.G. Assisti naquelas duas noites a cinco — cinco notem bem — programas sobre determinado sindicato de um bem país distante de Galporut, nos quais foram focadas as greves que organizava, as principais reivindicações por que lutava, com entrevistas nas ruas, com exaustivos comentários dos locutores, explicando a situação, sendo bem claras as afirmações dos comentadores de total solidariedade com o tal sindicato. Até, imaginem, o próprio director da TV e dois ministros (o que seria inconcebível noutro país) vieram falar muito elogiosamente daquelas greves, dos direitos dos trabalhadores, manifestando-lhes o seu total e incondicional apoio. De assinalar, pensei, tão raro se vai tornando em todo o mundo tal apoio às lutas e direitos dos trabalhadores. Que pena, pensei ainda, as emissões da R.T.G. não serem transmitidas pela Mundovisão, pois teria tido enorme interesse assistir aos programas que decerto terá dedicado à repressão policial sobre os trabalhadores na Argentina, Bolívia, Uruguai, Chile, El Salvador ou Paraguai, às arbitrariedades cometidas na Indonésia ou na Turquia, ou ainda sobre o racismo na África do Sul.

E decidi: será um enorme furo

Continua na pág. 4

ponto a ponto

● O Presidente da República almoçou no Estabelecimento Prisional do Vale dos Judeus, em Alcoentre, no âmbito das visitas que tem vindo a efectuar nesta quadra natalícia desde que assumiu as funções de Supremo Magistrado da Nação. Ramalho Eanes chegou a Alcoentre a meio da manhã, onde era aguardado, entre outros, pelo ministro da Justiça, Meneres Pimentel, bem como pelo director-geral dos Serviços Prisionais e o director do estabelecimento de Alcoentre.

O general Ramalho Eanes esteve ontem no Centro de Reabilitação de Alcoitão, próximo do Estoril, em visita de solidariedade que pretende que «seja a mesma entre todos os portugueses». Enquanto o PR cumprimentava e convivia com os internados de Alcoitão — 160 adultos e 40 crianças —, a esposa e o filho mais velho participavam numa outra jornada, por sinal de impacto nacional também, de solidariedade para com os doentes: Natal dos Hospitais Cívicos, velha e sempre renovada iniciativa do «DN».

No Centro de Reabilitação de Alcoitão, Ramalho Eanes inteirou-se das suas condições e expressou o voto de que este ano, consagrado universalmente como o Ano do Deficiente, continue no próximo «com outros tipos de organização que possibilitem a integração do deficiente na sociedade».

Tem 25 anos o CMR — Centro de Medicina de Alcoitão, que surgiu da necessidade da Misericórdia de Lisboa instalar uma unidade hospitalar dedicada à recuperação de deficientes físicos. Incorporado em 1977 na rede hospitalar do Estado, o CMR, além dos internamentos, presta assistência em regime de consulta a cerca de 400 adultos e cem crianças.

A maior parte dos doentes sofre de lesões músculo-esqueléticas, paralisias cerebrais, amputações, lesões, doenças de nervos, artrite e artroses, bem como muitas outras derivadas de acidentes de viação, quedas e incêndios. Dispõe de todos esses serviços e debate-se com falta de enfermeiros, segundo afirmou o seu próprio director.



● Só a graça de Cristo destrói (pela base) o «egoísmo da humanidade velha e faz renascer o homem novo, recriando-o segundo o modelo da virtude e da justiça»: eis um passo da mensagem de Natal do Cardeal-Patriarca, na sua esperada comunicação de hoje aos cristãos portugueses. Evocando o nascimento de Cristo há dois mil anos, facto que constituiu uma aurora luminosa e abriu brechas de esperança na penumbra de uma civilização ameaçada de ruína, a Mensagem de Natal de D. António Ribeiro deverá ainda acentuar que, nas últimas décadas, «tem sido posto em plano de relevo o papel importante do cristianismo e da Igreja na libertação social e mesmo política dos povos e das nações», sem perder de vista que a libertação mais profunda e mais radical é a redenção do pecado e da morte — que Jesus Cristo oferece. «E só a luz de Cristo projecta a caducidade da vida humana por sobre os confins da morte, na duração perpétua da eternidade de Deus», deverá ainda afirmar-se na mensagem, ao que apurou o «DL» de fonte segura esta manhã.

● António Capucho (secretário-geral do PSD) afirmou ontem, antes de uma reunião de dirigentes da AD esperar que o protocolo da coligação para as eleições locais seja assinado em Janeiro. «Os três partidos saberão fazer concessões mútuas para se encontrar um ponto de confluência» — referiu o dirigente social-democrata. Na reunião, realizada na sede do CDS em Lisboa, participaram, além de António Capucho, José Vitorino e Cardoso Ferreira (PSD), Luís Beiroco e Anacoreta Correia (CDS) e Ferreira Pereira (PPM). A assinatura de um protocolo para as eleições autárquicas de 1982 está prevista no acordo constitutivo da Aliança Democrática subscrito em 1979.

● O presidente do Executivo açoriano (Mota Amaral) manifestou-se convicto da confiança que a população do arquipélago deposita nas instituições autonómicas democráticas. Numa curta mensagem de Natal que dirigiu à população dos Açores, depois de considerar que as condições de vida têm melhorado no arquipélago, salientou o «inegável empenho» das populações da região nas tarefas de desenvolvimento económico e social em curso.

● Está marcada para o próximo dia 7 de Fevereiro uma grande homenagem ao mestre Aquilino Ribeiro, a prestar pelos baldios da Beira Alta, na terra natal do escritor, por iniciativa do Secretariado dos Baldios de Viseu. A notícia foi dada agora em conferência de Imprensa, onde igualmente se manifestou repúdio pelo Projecto de Lei 272/11, apresentado na AR pelo CDS e que, afirmou aquele Secretariado, visa destruir os conselhos directivos dos baldios e os direitos consagrados na Lei 39/76 (Lei dos Baldios). A data de 7 de Fevereiro, referiu ainda o Secretariado dos Baldios, será assim uma oportunidade para, simultaneamente, lutar pela defesa da sua lei e evocar um beirão cuja memória está ligada aos baldios e ao seu uso pelas populações.

● Três partidos e uma coligação concorrem em 31 de Janeiro e às eleições intercalares para a assembleia de freguesia dos Mosteiros, ilha de S. Miguel, soube a ANOP de fonte oficial. Trata-se do PSD, PS, CDS e APU. O acto eleitoral decorre da recente demissão daquela assembleia de freguesia, por incompatibilidade com elementos da respectiva Junta.

Galporut crónica de uma ficção

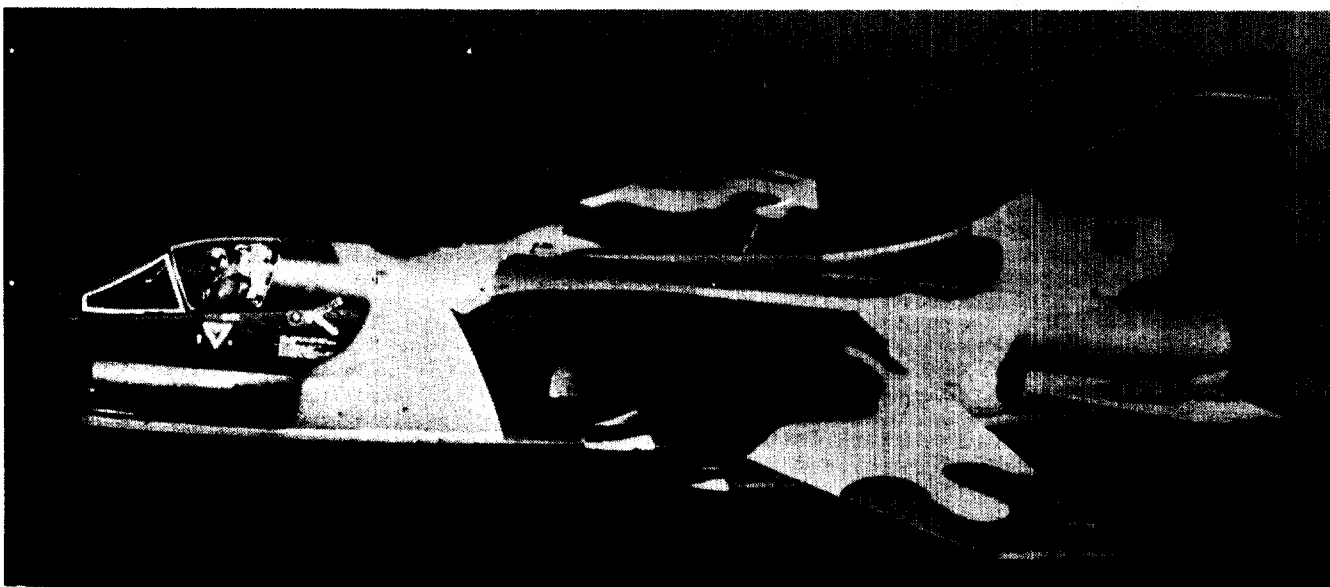
Continuação da pag. 3

jornalístico entrevistar, em exclusivo, o director da TV. E assim pensando, na manhã seguinte, e sob a chuva que continuava a cair, dirigi-me à sede da RTG, situada num edifício moderno na avenida por ora (ouvi dizer) denominada 5 de Outubro. Um enorme dispositivo policial cercava por completo o edifício. Tentei passar, mas em vão. Proibição absoluta. Barafustei, afirmando a minha qualidade de jornalista e de estrangeiro (característica muito apreciada em Galporut, a segunda, claro). Mas sem qualquer resultado. Perguntei então o que se passava. Disseram-me que havia uma greve do pessoal da TV e que a presença de tão forte aparato policial se devia a esse facto (como aliás se verificara, dias antes, numa greve dos operários da indústria têxtil, numa cidade do centro do país, afirmaram-me depois). E ali, julguei perceber: dada a simpatia com que em Galporut eram, por parte dos responsáveis — e em particular pelo avisado ministro das polícias — encaradas as lutas sindicais, todo aquele aparato policial devia destinar-se a apoiar os grevistas. O que, de qualquer modo, era também, pelo inusitado, uma boa notícia em perspectiva. E assim, após uma visita aos bairros de barracas que orlavam a capital, albergando já, uma vida sadia e simples, grande parte da população — solução inspirada, disseram-me, para o grave problema habitacional, apesar de tudo ainda existente — voltei ao hotel aguardando com ansiedade o noticiário da TV, que, haviam-me garantido, iria para o ar mesmo apesar da greve. Pensando com os meus botões: se haviam dado tanto relevo a uma greve num país distante, que cobertura e apoio não iria ser dado, quer por parte do director, quer por parte dos preclaros governantes de Galporut a uma greve no próprio país.

Após largos minutos de publicidade — que me demonstrou, uma vez mais como deviam viver bem os galporutianos e galporutianas — o noticiário começou. De novo com notícias extensas e pormenorizadas sobre o tal sindicato no tal país estrangeiro. Seguiram-se declarações de mais quatro ministros. E de cinco secretários de estado. Tudo, com certeza, informações com muito interesse para Galporut. Depois as notícias de deslocamentos ao estrangeiro de dois ministros e três secretários de Estado. E só no fim chegou o momento esperado. O director da RTG ia falar sobre a greve. Mas, com grande surpresa minha, em vez do apoio esperado e de uma longa reportagem que explicasse os motivos da greve, falou-se de acusar os grevistas disto e daquilo, de serem manobrados pelo estrangeiro, de serem antipatrióticos, de se tratar de uma baixa manobra política, etc., etc. Percebi, então, o que de estranho me diziam passar-se em Galporut e em que consistia a tal A Democracia de que me tinham falado. E a confusão derivava afinal de pequenas sutilezas semânticas, sabidamente exploradas. Por exemplo, o prefixo «a» significava geralmente negação. O que se tornava patente na A Democracia que pretendiam instalar em Galporut. A TV dizia-se pluralista apenas porque era plural o número de ministros diariamente entrevistados; o governo apoiava greves, sim, mas com a condição de serem no estrangeiro. Que o termo «seca», que tanto me intrigara, era uma expressão queiroziana que significava chateza.

E assim, debaixo de uma chuva miúda, persistente, abandonei Galporut. Recostado no assento, reclinável, desapertei, aliviado, os atacadores das botas, olhando o folheto turístico, de promessas de sol, que o vizinho do lado dfoleava, desapontado.

em duas palavras



URAP comemora assalto ao quartel de Beja

Por iniciativa da URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses) será expressivamente evocado em Beja em 1 de Janeiro próximo o 20.º aniversário da tentativa revolucionária que teve como centro de acção o assalto ao quartel do Regimento de Infantaria 3, hoje RIBE.

No decurso da operação desencadeada às primeiras horas desse dia, sob o comando do então capitão Varela Gomes, morreram os antifascistas António Vilar e David Abreu, cujos cadáveres foram lançados na vala comum do cemitério desta cidade.

A Câmara Municipal de Beja, atendendo à sugestão feita pela URAP, deliberou, por unanimidade, dar o nome daqueles dois revolucionários a uma rua de Beja e participar activamente no programa das cerimónias que nessa data decorrerão nesta cidade: romagem ao cemitério local, com deposição de coroas de flores no local onde se presume estejam os restos mortais de António Vilar e David Abreu, desceramento da placa toponímica referida na rua «C» do

bairro social, e sessão evocativa no salão dos Bombeiros Voluntários, com a presença das principais personalidades que tomaram parte naquela acção revolucionária contra o regime salazarista.

Nesse mesmo dia, e não desligado na jornada de evocação dos antifascistas mortos, a Câmara Municipal procederá ao descerramento de placas que dão também nome a ruas da cidade ao poeta Pablo Neruda e Salvador Allende, ambas personalidades democráticas marcantes da história do Chile.

Jovens pela paz contra o OGE

O pró-Comité Juvenil pela Paz protesta contra o OGE aprovado na generalidade pela AD na Assembleia, porque este «acentua a militarização da sociedade portuguesa», e convida todas as organizações de juventude a realizar em 9 de Janeiro, em local a anunciar, com o objectivo de institucionalizar o Comité.

«É inadmissível — diz a organização — que se reduzam as verbas para a Educação e a Assistência Social, se fixe um tecto salarial ridículo, anunci-

em-se aumentos dos transportes e dos medicamentos, e, ao mesmo tempo, se aumentem todos os anos as verbas destinadas à chamada Defesa Nacional.

«Lutar contra a militarização da economia portuguesa é engrossar o enorme caudal que por toda a Europa tem exigido o fim da corrida aos armamentos por parte das superpotências, o fim dos preparativos da guerra».

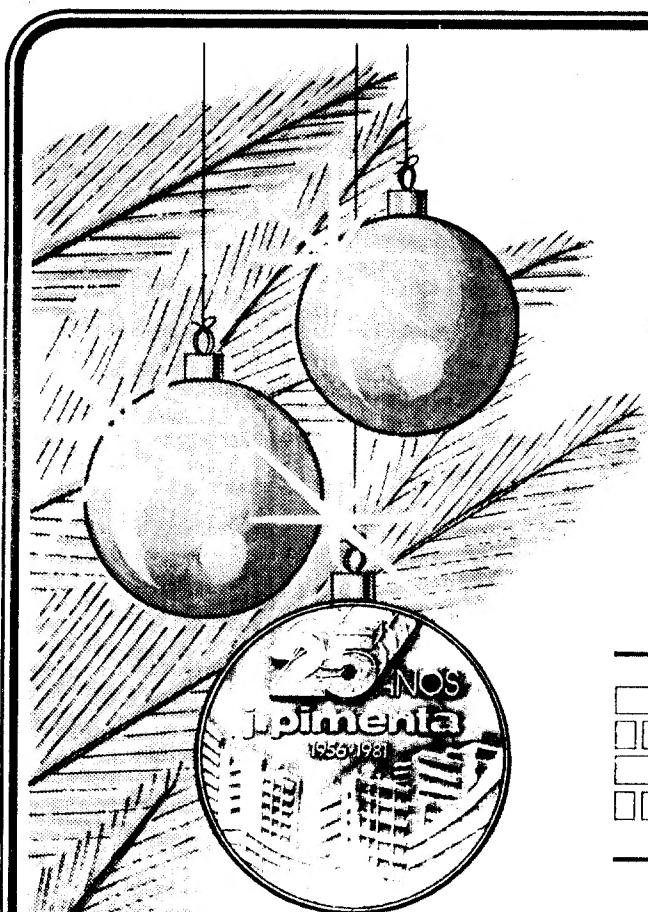
«Amigos da Terra» contra Jaruzelski

A Associação Portuguesa de Ecologistas «Amigos da Terra» solidariza-se com quantos reagem contra a situação criada na Polónia pelo Conselho Militar. «O pano caiu sobre a Polónia — diz a «Amigos da Terra» — e parece que o que se vai seguir é a estafada representação do poder, dono da finalidade da história. A encenação do poder, dono do socialismo. Os ecologistas juntam a sua voz à daqueles que não gostam deste espectáculo e ao povo polaco que amordaçado bate com os pés e sob o poder das baionetas continua

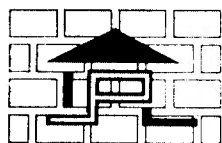
a assistir à mesma representação... em que não participa.»

Só hoje os «Corsair» chegaram a Monte Real

A Base de Monte Real passa a ser a mais bem equipada de quantas há em Portugal com os nove «Corsair» que ao fim da manhã começaram a aterrar aí, procedentes dos Açores. Fazem parte, como já referimos, de uma encomenda de vinte que Portugal fez aos EUA no quadro da Base das Lajes. A meio da manhã começaram a descolar da Base açoriana com intervalos, pilotados por elementos das FAP (que trouxeram seis aparelhos à sua conta) e da Força Aérea dos EUA (três pilotos). Trata-se de um avião monolugar considerado mais importante (para Portugal) que os «Fiat». Recordar-se que ontem deviam já ter aterrado em Monte Real, mas o agravamento das condições meteorológicas não o possibilitou, como afirmou ao «DL» um porta-voz da FAP. É um avião eminentemente ofensivo susceptível de tarefas de salvaguarda e patrulhamento aéreo e marítimo.



Ao chegarmos ao Natal e fim do ano de 1981, com 25 anos de actividade, cumprimos os nossos clientes e amigos, desejando-lhes
Feliz Natal e Alegria para 1982.



j. pimenta
SARL

Campo Mártires da Pátria, 96, 2.º - Telefone 55 88 51
Telex 42 681 JPCM P - 1100 LISBOA - PORTUGAL

S R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E
ENERGIA E EXPLORAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA
ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-2.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2331, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Benavente, de uma linha provisória a 30 KV com 189 metros, do poste n.º 8 da linha para o P.T. do Posto de Abastecimento «SACOR», em Benavente, ao posto de transformação da NISA, SARL, Indústria Transformadora de Celulose de Papel, Lda., (Fábrica de Papel).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Dezembro de 1981.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Nunes

Mensagem do Conselho da Revolução

Apesar da instabilidade política e da degradação económica consolidaremos a democracia

A vida política portuguesa, embora decorrente dos resultados das eleições que permitiram constituir a maioria da Assembleia da República em Outubro de 80 e conduziram à eleição na primeira volta pela significativa maioria de 56,4 por cento do Presidente da República em Dezembro do mesmo ano, tem-se caracterizado por assinaláveis sintomas de instabilidade — refere o Conselho da Revolução numa mensagem ontem divulgada e na qual expressa «a sua confiança na vontade do povo português em consolidar a democracia e constituir uma sociedade em liberdade, mais justa, fraterna e progressiva».

«Além de termos assistido à queda do Governo que manteve confiança do Presidente da República e não viu a sua acção contestada na Assembleia da República por nenhuma das formas que a Constituição prevê — adianta o CR — «continuamos a observar sintomas preocupantes de pouco respeito pela solidariedade institucional que decorre das competências constitucionais legitimadas dos órgãos de soberania».

Por outro lado, o CR realça que «estão garantidas desde o início da actual sessão legislativa as condições que não-de permitir uma revisão da Constituição que expresse a vontade do povo português através dos seus legítimos representantes e respeite integralmente os preceitos constitucionais sobre a matéria» e acrescenta:

«Porém, não foi ainda possível à Assembleia da República, no ano que agora finda, terminar tão ingente tarefa de que dependerá não só o quadro que há-de estruturar a sociedade portuguesa, como também, em larga medida, os caminhos que percorrerá toda a vida política nacional. Até lá o Conselho da Revolução continuará a desempenhar as funções que a Constituição lhe confere com a serenidade e a determinação que o tem caracterizado».

A degradação

Na sua significativa mensagem o CR lembra igualmente que neste ano que agora finda se assistiu «ao súbito agravamento das dificuldades financeiras que já no ano anterior se desenhavam como preocupantes», situação que «além de não permitir resolver os problemas de estrutura económica com que o País se debate e que são essenciais para o seu desenvolvimento, tem já fortes incidências na vida dos portugueses que assistem à constante degradação das suas condições económicas, vêm reduzidas as garantias sociais a que aspiram e se preocupam cada vez mais com o espectro dum desemprego crescente».

E a concluir este ponto:

«Temos assistido mesmo, neste findar de ano, a um acentuar das lutas laborais que, sujeitas a certas tensões, poderão ter reflexos profundos na serenidade social que é essencial à nossa democracia nesta fase da sua consolidação».

Palavra de louvor às Forças Armadas

O Conselho da Revolução, nesta sua mensagem, dirige depois «uma palavra de louvor e

estímulo às Forças Armadas pela atitude altamente meritória que têm sabido manter no quadro das dificuldades nacionais» e especifica:

«De facto, as Forças Armadas têm revelado uma grande compreensão pelos problemas gerais do País devendo salientar-se a forma como têm sabido respeitar e adaptar-se às restrições financeiras que lhe têm sido impostas e que afectam o cumprimento das missões que por natureza lhes competem».

«Por outro lado» — continua o CR — «distante ainda das metas desejáveis, a evolução verificada ultimamente no comportamento das Forças Armadas — no sentido de fortalecimento da sua isenção, pautada apenas pelo dever nacional, da sua serenidade perante a agitação que as cerca e da disciplina consciente que já as caracteriza e torna independentes das conjunturas — tem sido factor importante do seu prestígio nacional assim como forte contributo para a consolidação do nosso regime democrático».

Tensão internacional

No início da sua mensagem o CR refere que a vida política internacional tem-se caracterizado «por um aumento de tensões em diversos pontos, nada propiciador do desanuviamento, da cooperação e da paz a que aspira a humanidade do nosso tempo», sublinhando:

«Na Europa assistimos aos preocupantes acontecimentos da Polónia e ainda este ano não foram dados passos significativos para a resolução dos graves

problemas que afectam várias áreas do Médio Oriente. Em África as tensões motivadas pela luta de independência da Namíbia e a ingerência e agressão sul-africana nos Estados vizinhos, são factores de grande preocupação para Portugal que, este ano, através da histórica visita do Presidente da República a Moçambique, à Zâmbia e à Tanzânia, pôde testemunhar não só os laços de cooperação e amizade que nos ligam àqueles países como expressar o empenho e solidariedade com que nos esforçamos por contribuir para o encontro das soluções para aqueles problemas».

Confiança

O CR não deixou igualmente de recordar os portugueses que «por razões várias se encontram vivendo e trabalhando noutros países, contribuindo não só para a economia nacional, mas também para uma mais profunda ligação entre todos os povos do mundo» e conclui assim a sua mensagem:

«Certos de que o caminho em que nos encontramos é o do espírito respeito pela vontade popular, de que a nossa acção só poderá orientar-se pelo interesse nacional e de que só assim contribuiremos para a consolidação do regime que terá que ser cada vez mais a expressão renovada dessa vontade. O Conselho da Revolução, nesta quadra que sendo de festa é também de reflexão, quer expressar a sua profunda confiança nas capacidades do povo português para superar as dificuldades em que presentemente vivemos e construir o País que queremos para nós e para os nossos filhos».



**Sindicato dos Trabalhadores
na Hotelaria, Turismo,
Restaurantes e Similares
do Sul**



ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 1, do Art.º 34 e dando cumprimento ao estabelecido no Artigo 33, n.º 1 alínea B - e n.ºs 2 e 3, dos Estatutos deste Sindicato Convoco para o dia 30 de Dezembro de 1981, pelas 16.30 horas, na Sede do Sindicato, Pátio do Salema n.º 4 em Lisboa, a ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, com a seguinte

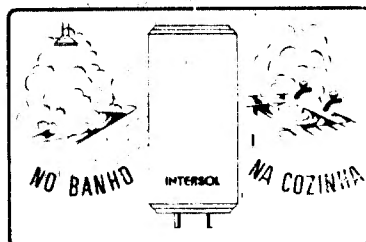
ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Análise e aprovação do Contrato de arrendamento a celebrar entre este Sindicato e Caixa Nacional de Pensões, tendo por objecto o edifício Sede do Sindicato.
- 2 — Autorizar a Direcção do Sindicato a intervir na escritura pública necessária para a validade do referido Contrato.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1981.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

JOAQUIM PEREIRA PIRES

ÁGUA QUENTE COM SEGURANÇA

Troque o seu velho aquecedor de água por um
INTERSOL
e diminua os seus custos

Para catálogo informativo ou
INTERSOL
AV. ALBANO, 110 - LISBOA

A sorte grande
da Lotaria do Natal,
foi vendida
pela Casa Testa.



71 668 — 100 000 contos

Assim como as aproximações

71 667 — 2 701 800\$00
71 669 — 2 701 800\$00

O maior prémio de sempre da Lotaria Nacional.
SE QUER FESTA JOGUE NA CASA TESTA

N.B. — O N.º da Sorte Grande, foi enviado ao nosso Agente em Grândola, sr. Sobral da Luz.



**CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS**

**OFERECE-LHE
AS MAIS ALTAS TAXAS
DE JUROS**

4%
**PARA DEPÓSITOS À ORDEM
ATÉ 100 CONTOS**

17%
**PARA CONTAS
DE COFRE MEALHEIRO**

21%
**NOS DEPÓSITOS A PRAZO
SUPERIORES A 1 ANO**

22%
PARA EMIGRANTES



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

**BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO**

justiça

As prisões que temos e as que queremos

O ministro da Justiça aproveitou a oportunidade da inauguração de uma nova delegação da Polícia Judiciária para anunciar, a semana passada, a próxima aprovação de um novo Código Penal, destinado a substituir o diploma aprovado em meados do século passado.

Depois de longos anos de estudos, onde o prof. Eduardo Correia da Faculdade de Direito de Coimbra teve um papel de destaque (se bem que muitas das suas soluções sejam hoje abertamente contestadas), a substituição da legislação penal é hoje uma necessidade premente, sentida por todos os que lidam de mais perto com o sistema judiciário.

E das novidades que Meneres Pimentel deixou entrever, uma das mais importantes é decerto a que se relaciona com as penas de prisão. Disse o ministro que o novo Código traça um sistema punitivo que «arranca do pensamento fundamental de que as penas devem sempre ser executadas com um sentido pedagógico e ressocializador».

Para quem conheça, mesmo de longe, a forma como hoje funcionam as prisões portuguesas, este seria um passo em frente de uma relevância extraordinária.

O Estado tem hoje uma forma muito simples de lidar com os criminosos. Em primeiro lugar faz deles marginais. Na sua maioria nascem desenraizados nos centros urbanos, não têm acesso à educação, são dos mais atingidos pelo desemprego, criam um sistema de valores éticos e sociais que os afastam do convívio da sociedade.

Depois, porque eles são marginais, nada melhor do que os enviar para as prisões, onde não podem «contagiar» o corpo social bem-pensante. Poder-se-ia pensar que ainda assim, a prisão podia não ser um mal absoluto. Ali poderiam criar-se mecanismos de reinserção social que deles fizessem cidadãos úteis e iguais, quando cumprissem as suas penas.

Mas não! Na prisão são esquecidos. Para além da dotação orçamental para que não morram de fome (o que, aliás, à maioria dos casos apenas acontece pelo apoio que as famílias dão, à custa sabe-se lá de que sacrifícios), o Estado despreocupa-se completamente dos seus marginais. As cadeias portuguesas, superlotadas, misturando responsáveis pelos pequenos furtos de subsistência e grandes criminosos, funcionam como verdadeiras Academias do Crime, onde, após algumas estadias, qualquer pessoa estará pelo menos pós-graduada em infracções penais.

O Estado nem sequer se preocupa com a criação de um corpo de funcionários capazes de lidar com os presos, encarando-os como seres humanos, e apostados na sua recuperação (salvo, claro, as honrosas excepções).

Mesmo ao nível dos principais responsáveis, tanto juizes como directores das prisões, nem sempre a situação é melhor. E por isso, a anunciada reforma terá de ser complementada por outras medidas que a tornem exequível.

E deverá também ser seguida com atenção pela opinião pública. Esta ainda recentemente foi alertada pelas peripécias do chamado «capitão Roby». Muito se escreveu sobre este insólito personagem. Mas curiosamente, no dia em que ele fugiu do Linho, também deixaram essa prisão outros três reclusos. Que ficaram esquecidos, apenas porque não eram conhecidos como «Don Juans» desta parvónia.

E já agora importa também que se observe o que se passará nas prisões nos próximos meses. Será nomeado dentro de dias um novo director-geral dos Serviços Prisionais, que será, ao que consta, o actual director da Penitenciária de Lisboa.

Da forma como actuar, poderá depender a viabilidade de qualquer modificação, para melhor, do sistema prisional.

José Manuel Vilaça

comunicação social

Breve balanço 81

Prémios, agressões e «bombas»

A atribuição de prémios internacionais a jornalistas portugueses, a agressão a profissionais da informação por forças policiais e o aparecimento dos suplementos literários do «Diário de Lisboa» e de «O Diário», bem como a edição quinzenal de «JL» e algumas «bombas», foram

Conselhos de Redacção da RDP são reconhecidos oficialmente.

Os prémios, também, neste meio tempo: o da Agência EFE para Maria João Avilez («Expresso») pelo seu trabalho «Sá Carneiro: último retrato»; e o do tema «Pela justa causa do povo palestino» para José Goulão, de «O Diário». Na RDP, a Rádio Húngara premeia o trabalho apresentado por António Cartaxo e José Manuel Gonçalves e subordinado ao tema «Bela Bartok visto por nós».

O Sindicato dos Jornalistas (porque outras coisas que não só prémios vão sucedendo...) responsabiliza ao longo dos meses: o Governo AD e as autoridades (GNR, PSP) pelas «claras violações do Estatuto de Jornalista». Em questão (ou melhor: agredidos fisicamente e também na sua dignidade) jornalistas nomeados do «Diário de Lisboa», «O Diário» e «Portugal Hoje». Últimas ainda (de hoje): demissão das chefias da ANOP.



Bela Bartok valeu um prémio à RDP

ocorrências relevantes no sector da Imprensa em Portugal em 1981. Durante o ano que agora termina surgem ainda dois novos diários, um no Porto, «Notícias da Tarde», e outro na Beira, «Diário de Viseu». E também a revista «Come e Cala», de Beja Santos. Por sua vez, ocorreu a extinção dos jornais «A Rua» e «A Tribuna». Verificaram-se também greves em diversos órgãos de Comunicação Social.

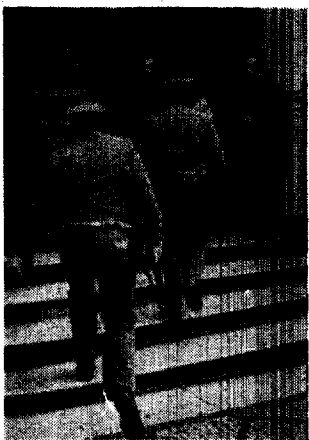
Alguns outros acontecimentos (e «casos»): realização em Lisboa do VII Congresso de Jornalistas Europeus; expulsão pelas autoridades guineenses do delegado da ANOP em Bissau; aumento da taxa televisiva e (para compensar...?) suspensão do programa «A par e passo» na sequência de uma entrevista com o militante do PRP Carlos Antunes; publicação pelo semanário «Tal e Qual» de uma «conspiração» contra Alberto João Jardim, do que resultou um processo ao jornalista Paulo David (arquivado depois de uma greve dos jornalistas da agência) e a demissão de José Manuel Barroso; despedimento de três profissionais por motivos diversos (Álvaro Graça, do «Comércio do Porto», Júlio Pinto, de «O Diário», e José Mensurado, da RTP); etc.



Fernando Amaral, MAI, denuncia contra-informação

Igualmente algumas «bombas» em certos órgãos de comunicação social: o PPM Ferreira do Amaral afirma ter «engolido elefantes vivos» na área da Informação; Fernando Amaral, da Administração Interna, declara ao «DN» existir em Portugal uma central de contra-informação; «Grande Reportagem», na RTP, dá relevo ao «facto político» de Timor-Leste, com propósitos desestabilizadores; etc. E etc., porque muitas outras «bombas» foram aparecendo (e morrendo).

Uma das últimas é recente: no «DN», e aproveitando-se da situação polaca, Ventura Se advo-ga, por assim dizer, a reintegração da ditadura em Portugal.



Por vezes, a PSP não respeitou os jornalistas

Por entre estes acontecimentos, a RTP encomenda a Vasco Pulido Valente, Vitor Cunha Rego e Sarsfield Cabral um programa sobre Sá Carneiro, tendo um semanário dito na ocasião que os três haviam embo-sado 800 contos, o que foi desmentido pelos dois últimos. Entretanto, facto que não agradou à direita e aos seus aliados objectivos e subjectivos, a Procuradoria - Geral da República emite um parecer favorável à reintegração dos profissionais da RDP afastados após o 25 de Novembro, ao mesmo tempo que o governador civil de Lisboa arquiva os processos instaurados a trabalhadores da Televisão na sequência dos acontecimentos verificados na mesma data. Outro facto positivo: os



Nova Direcção do SJ, novo CCT. E Ordem de Benemerência para D. Wanda...

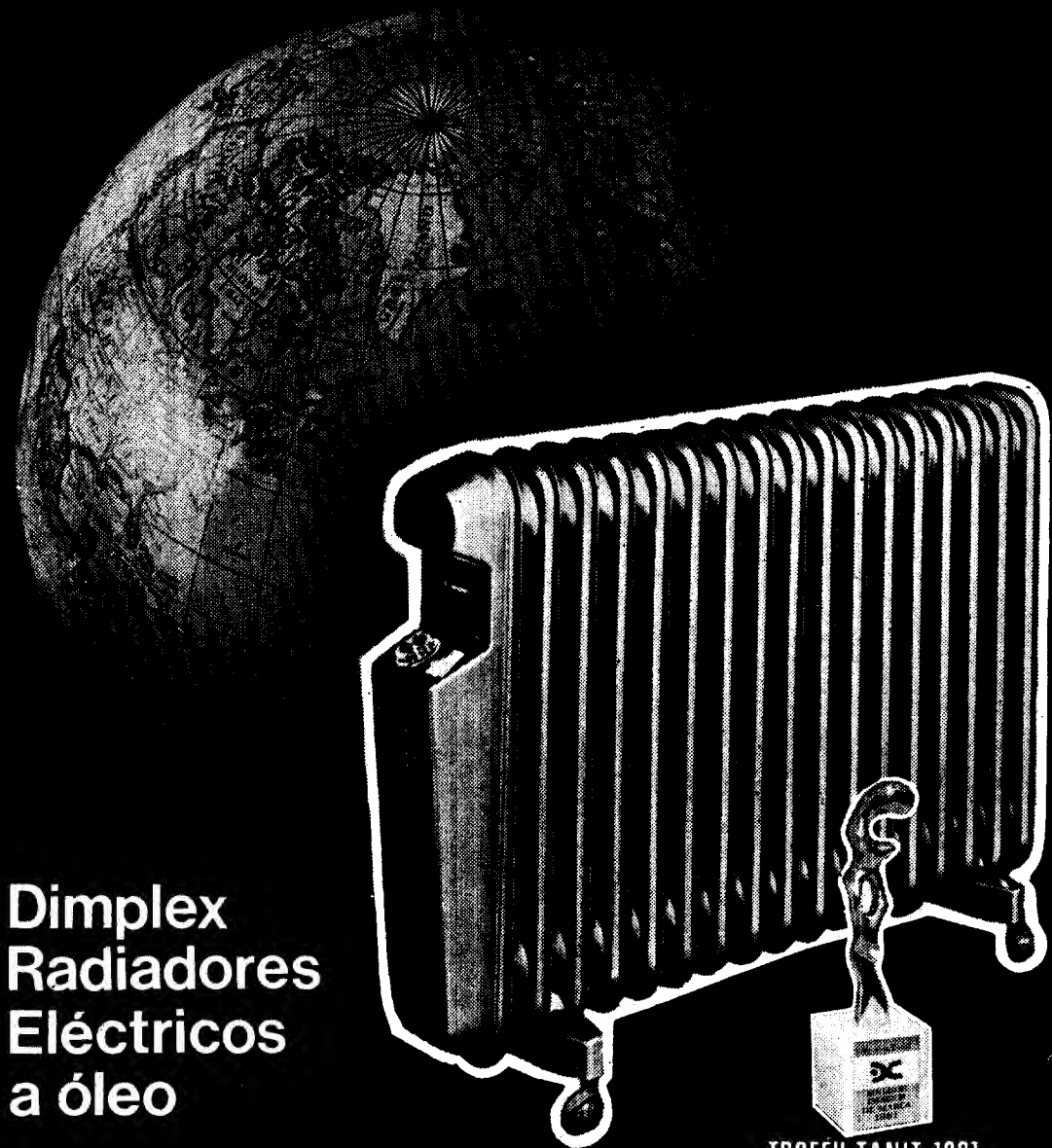
Enfim... últimas ainda (de hoje): demissão das chefias da Anop.

Para terminar (e até porque há quem faça coisas): no dia 30 do corrente é assinado o novo CCT dos jornalistas, cujo articulado entra em vigor no próximo dia 1 de Janeiro. Um voto para o ano que vai entrar: menos «diversão» e mais seriedade na comunicação social.

PORQUE RAZÃO

DC Dimplex

É PREFERIDO EM MAIS DE 40 PAÍSES DO MUNDO?



Dimplex
Radiadores
Eléctricos
a óleo

TROFÉU TANIT 1981

SOMENTE PELA QUALIDADE !

DIMPLEX * mais de 15 milhões de clientes satisfeitos !

PUBLIARTE

Pergunta de Cunhal ao Governo AD:

É ou não verdade que os EUA pediram facilidades nas Lajes para golpe de força contra a Líbia?

«Se um cidadão de outro país só conhecesse o que se passa em Portugal através dos jornais fascistas e reacçãoários, de alguns jornais estatizados que se encontram nas mãos da AD, dos jornais PS/Mário Soares, da Rádio e da Televisão, ficaria sem dúvida, convencido nos últimos dias de que para Portugal e para o povo português o problema fundamental, central, quase exclusivo, no momento actual, é a situação na Polónia — assim começou Alvaro Cunhal a sua intervenção a noite passada no Pavilhão dos Desportos, no comício promovido pelo PCP.

Denunciando a «colossal mistificação que representa esta campanha orquestrada sobre a Polónia», o dirigente comunista, explicou que a realização do comício prendeu-se com a necessidade de esclarecer «o que é necessário esclarecer acerca da Polónia, mas fundamentalmente para falarmos de Portugal, daquilo que directamente nos toca, para falarmos do nosso povo e do nosso país».

«Estamos aqui» — sublinhou ainda Cunhal, perante uma assistência entusiástica que superlotou o pavilhão — «não naturalmente impressionados pelas ridículas macacadas de manifestações de protesto contra o Governo polaco e de solidariedade para a contra-revolução polaca, promovida pelos partidos reacçãoários, pelo PS/Mário Soares e por toda a poeira de grupos e grupelhos esquerdistas ou esquerdistas, mas impressionados, fortalecidos, estimulados, reforçados com as grandiosas manifestações populares do dia 12, manifestações que deram novo e poderoso testemunho da determinação da classe operária e das massas populares de defenderem os interesses do nosso povo e da nossa pátria, de correrem a AD do Poder, de defenderem a Constituição e o regime democrático e de assegurar, finalmente, uma alternativa para a perigosa situação actual».

«Caso alarmante...»

Cunhal dividiu o seu longo discurso em vários temas nomeadamente a política de «desastre nacional» da AD; a revisão constitucional; acordos secretos PS-AD; a Polónia e «as medidas necessárias e urgentes».

No primeiro caso, o secretário-geral do PCP descreveu exaustivamente a situação portuguesa actual no plano económico («verdadeira catástrofe» à vista), social e político. Lembrou a dívida pública de 660 milhões de contos, o déficit de 180 milhões do OGE, a inflação, o desemprego, os milhões de contos para indemnizações aos capitalistas e grandes proprietários, a corrupção, os atropelos às liberdades (PSP e GNR enviadas contra trabalhadores na Sodre, Cambournac, Metro e RTP), o anúncio de leis antioperárias, a política de desinformação e a política externa de «enfundamento ao imperialismo norte-americano».

Neste último caso e depois de citar a hostilidade face aos países socialistas, o apoio a contra-revolucionários angolanos e moçambicanos, Cunhal levantou o que apelidou de «caso alarmante» a propósito do golpe de força que a Administração Reagan visa levar a efeito contra a Líbia, tendo como um dos seus objectivos o assassinato do presidente Kadafi.

«Nós perguntamos — disse — ao governo se sim ou não o governo dos Estados Unidos pediu facilidades para a utilização da base das Lajes para o efeito, e qual foi a resposta do Governo português. Perguntamos também ao Governo se está disposto a dar facilidades para a utilização das Lajes pela aviação militar dos EUA para efeitos de apoio a novas agressões expansionistas de Israel contra os países árabes como é o caso dos Montes Gola».

Sobre a intervenção na RTP do primeiro-ministro Balsemão: «agradecemos-lhe a propaganda que fez... contra o seu próprio governo...».

«A procissão ainda vai no adro...»

Quanto à revisão constitucional e depois de historiar as metas falhadas pela AD (eleição, por exemplo, de Soares Carneiro) o líder do PCP falou da nova estratégia. Citou os conselheiros de jornais fascistas (Nuno Júdice, «o diabo», e Nuno Rocha, «tempo») que — disse — puseram as coisas a claro: «a AD devia desistir de exigir do PS o que este muito dificilmente lhe podia dar (os votos para riscar princípios fundamentais da Constituição relativos à organização económica e às liberdades e direitos individuais) a troco de um acordo com Mário Soares em que deputados da «AD» e deputados do PS se juntassem para arrancar ao presidente da República, e passar para o Governo, a competência de designar as chefias militares».

Considerou Cunhal, sobre a afirmação de Balsemão, em 9-11-81, baseado no acordo PS-AD sobre a extinção do CR («Na prática já não existe» disse então o PM) que o chefe do Governo «está a confundir desejos com realidades porque ainda agora a procissão vai no adro (...) porque há possibilidades reais de derrotar este novo plano subversivo e golpista».

Falou, então, dos «vergonhosos acordos do PS com a AD» na comissão parlamentar de revisão constitucional, os quais, a irem por diante, serão peça do verdadeiro «golpe de Estado». E sublinhou — «constituirá uma mancha inapagável na história de um partido que se afirma democrático, juntar os seus votos aos da reacção para que esta consiga tal objectivo».

Denunciou, a propósito, o projecto de lei de base da Defesa Nacional que o PS prepara e que permitiria ao ministro titular (neste caso Freitas do Amaral) indicar os chefes militares e os comandantes das Regiões Militares.

Demissão do Governo e novas eleições

Sobre a questão polaca começou por salientar que a campanha lançada entre nós explica-se porque os «reacçãoários portugueses e os seus aliados depositaram grande esperanças» na evolução da situação e «vêm agora cair como castelos de cartas os seus sonhos de uma contra-revolução polaca vitoriosa».

Disse também que tudo indica que «os camaradas polacos estão em vias de resolver a situação económica, social e política causada pelos «graves erros cometidos pelo Partido e pelo governo, pela ingerência imperialista e as sucessivas concessões e cadências à contra-revolução».

Falou depois das falhadas manifestações promovidas pela direita, PS e esquerdistas, contou o caso do debate pretendido pela RTP e visou, particularmente, Mário Soares e as suas afirmações (no falido cinema Europa) de que o PCP não pode, devido à sua posição sobre a Polónia, defender os trabalhadores portugueses.

Respondeu Cunhal que não têm autoridade para afirmar que defendem as liberdades e os trabalhadores de um outro país os que em Portugal se «aliam às forças reacçãoárias na ofensiva contra as conquistas da revolução, contra os interesses vitais dos trabalhadores».

Em vez da anunciada «ofensiva de Outono» contra o governo AD, vê-se que Mário Soares procura lançar a ofensiva de Inverno contra o PCP — disse, ainda Cunhal, que concluiu o seu discurso insistindo na necessidade da demissão imediata do Governo, dissolução da AR e formação de um governo de gestão e a realização de eleições no prazo constitucional de 90 dias.

Respondendo às objecções de democratas quanto à oportunidade da demissão do Governo, disse que «o extraordinário não é que se exija a demissão deste governo, mas que este governo não tenha sido ainda demitido»; que em novas eleições a AD sofrerá «estrondosa derrota» e que há alternativa desde que os «democratas se unam».

A finalizar e sobre a célebre audiência de 7 minutos que Eanes concedeu a Balsemão, contou que «em tempos remotos um filósofo foi expulso de uma cidade grega. Perguntaram-lhe porque tinha sido expulso E ele respondeu: «não fui eu que fui expulso. Fui eu que os condenei a lá ficarem...».

Governo corta telex à Embaixada polaca

O governo português determinou ontem o corte das ligações de telex da Embaixada da Polónia em Lisboa como retaliação pelo facto de não poder comunicar com a Embaixada portuguesa em Varsóvia.

Uma nota do MNE informa que o embaixador polaco foi chamado às Necessidades, sendo-lhe comunicado que o Executivo português tomou essa decisão «atendendo a que, com desrespeito dos usos e convenções aplicáveis, continua a não poder comunicar com a sua Embaixada em Varsóvia».

O secretário-geral do Ministério garantiu ao diplomata polaco que «de harmonia com o princípio da reciprocidade tal medida cessará logo que sejam restabelecidas as ligações com a Embaixada portuguesa em Varsóvia».

Ontem o embaixador polaco foi recebido pela Comissão de Relações Internacionais do PSD, tendo-lhe sido expressado o desejo «de um pronto restabelecimento das liberdades civis e sindicais na Polónia».

Elementos da Embaixada polaca contactados esta manhã pelo «DL» (o embaixador encontrava-se ausente numa reunião) não comentaram esta inacreditável e poderosa decisão do Governo português, com quem, como se vê, não se brinca impunemente. Olho por olho, dente por dente, telex por telex. Na Embaixada polaca apenas confirmaram ao «DL» que neste momento estão sem poder contactar com Varsóvia restando-lhes ouvir com atenção a Rádio polaca.

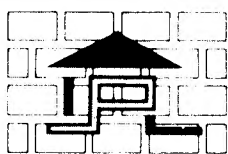
«O que não deixaremos de fazer, obviamente», concluíram, com simpatia.

CAPACIDADE DE PRODUÇÃO: 1500 HABITAÇÕES POR ANO



Construímos e vendemos propriedades de Norte a Sul de Portugal, destinadas a habitação e turismo.

Fomos até 1974 a maior empresa de construção civil e imobiliária e voltámos, após a desintervenção, a ocupar o mesmo lugar em Portugal. Temos novas modalidades para investimento em propriedades destinadas a Turismo, altamente vantajosas para o comprador.



j. pimenta SARL

Lisboa - Campo Mártires da Pátria, 96-2º - 1100 Lisboa - Telef. 55 88 51 - Telex 42681 JPCMP P
 Queluz - Rua Mateus Vicente de Oliveira, 18 - 2745 Queluz - Telef. 95 20 21/5 - Telex 16111 PIMENT P
 Porto - Centro Comercial Sirius - Rua 5 de Outubro, 156 r/c. - 4100 Porto - Telef. 66 72 97
 APARTHOTEL EQUADOR - Conjunto Turístico da Pampilheira - 2750 Cascais - Telef. 284 05 24 - Telex 42144 EQADOR P
 Praia da Rocha - ROCHA PRAIA-MAR 8500 Portimão - Telef. 26 020/244 46
 Brasil - Av. Franklin Roosevelt, 137/701 - Cep 20021 Rio de Janeiro - Telef. 220 95 65 - Telex 2133222 JOPI BR

de ontem para hoje

Natal em trânsito

A Guarda Nacional Republicana iniciou ontem, ao meio-dia, a habitual «Operação Natal» à saída dos grandes centros populacionais e nas estradas de maior movimento.

Esta acção, que se desenvolve nas horas de maior movimento, termina às 12 horas do dia 28 e conta com todos os elementos disponíveis, disse o major Terra Quente, da Brigada de Trânsito da GNR.

Este oficial disse que se prevê maior movimento nas saídas dos grandes centros populacionais a partir do fim da tarde de ontem e durante todo o dia de hoje.

Enquanto as saídas se prolongam por dois dias, o regresso em massa de automobilistas ocorrerá no domingo. Por isso, aquele responsável considera que os automobilistas devem iniciar as suas viagens a partir das primeiras horas da manhã, para evitar grandes corredores de trânsito e longas horas de espera.

A «Operação Natal» de 1980 registou 28 mortos e 408 feridos, dos quais 226 em estado grave, num total de 406 acidentes.

Mortes no sapatinho - 1

Dois mortos é o resultado de um acidente de viação ocorrido ontem na Via Norte, Porto, na bifurcação que conduz às cidades de Braga e Viana do Castelo.

Um veículo pesado da Junta Autónoma das Estradas, carregado de pedra, despatou-se, atravessou para a outra faixa de rodagem e foi embater contra um automóvel ligeiro.

Os Bombeiros Voluntários de Leça do Balio, que ocorreram ao acidente, tiveram de usar uma moto-serra para retirar do interior do automóvel os dois ocupantes já mortos.

As duas vítimas são Francisco Martins Rafael, de 42 anos e seu filho João Paulo de Azevedo Rafael, de 17 anos, residentes no concelho de Vila Nova de Famalicão.

Mortes no sapatinho - 2

O despiste de um automóvel na Avenida Elísio de Moura, em Coimbra ontem ao princípio da noite, provocou a morte do condutor e ferimentos na acompanhante.

Vitor Manuel Pereira Fábrião, de 34 anos, residente em Coimbra, no Alto da Conchada, guiava a viatura e teve morte instantânea quando esta embateu num poste de iluminação.

Ermelinda de Jesus Carvalho, de 35 anos, moradora em Tovim, Coimbra, foi ontem dada nos hospitais da universidade. Sairam ilesas duas crianças que seguiam nos assentos traseiros do automóvel.

Temporal no sapatinho

Rajadas de vento com cerca de 100 quilómetros horários continuam a assolar a região da Guarda e da serra da Estrela no terceiro dia de intenso temporal.

O mau tempo provocou já a queda de árvores, algumas das quais em estradas. Folhas, lama e areia provocadas pelo vento e pela chuva tornaram perigosas as estradas da região.

Nas últimas 48 horas, a Estação Meteorológica da Guarda registou mais de 25 milímetros de chuva, enquanto que se registou uma ligeira subida de temperatura.

As estradas de acesso à Torre (serra da Estrela) por Seia e Covilhã, encontram-se interrompidas devido à neve.

O mau tempo danificou igualmente várias redes telefónicas das zonas de Sabugal, Trancoso e Celorico da Beira. As ligações telefónicas, segundo informação dos CTT, só ficarão completamente restabelecidas na próxima semana.

Balões no sapatinho

Uma tradição é o que é. Há um arduina na Rua do Crucifixo, João da Silva Graça, que todos os anos, por alturas do Natal, distribui uma quantidade de balões às crianças.

repetiu-se. Foram 50 ou 60 balões. Não será muito, mas tanto era o que tinha.

Emigrantes no sapatinho

Mais de 5300 veículos entram em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso nos últimos cinco dias - revelaram as autoridades fronteiriças. Para as próximas horas prevê-se um aumento sensível de tráfego, com a entrada de mil automóveis por dia.

O afluxo de entradas é considerado normal pelas autoridades aduaneiras, prevenindo-se a partir do dia 26, um aumento do número de saídas por esta fronteira.

A Brigada de Trânsito da GNR da Guarda iniciou ontem, às 12 horas, uma campanha de segurança nas estradas da região, integrada na «Operação Natal/81».

Um serviço de acolhimento e assistência foi instalado pela Secretaria de Estado da Emigração junto da fronteira de Vilar Formoso.

A Cruz Vermelha Portuguesa estabeleceu por seu turno, um programa de assistência na mesma fronteira durante a época do Natal.

Jogo no sapatinho

O Governo deverá encargar a curto prazo a possibilidade de declarar uma zona de jogo no concelho de Matosinhos. O futuro casino deverá ficar situado na Marginal de Leça da Palmeira (estrada da Boa Nova) e o seu projecto encontra-se já em fase de estudo. O detentor do projecto é um industrial nortenho, que diligencia actualmente a compra dos terrenos.

A mesma fonte adiantou que a criação de uma zona de jogo em Leça da Palmeira granjeava o apoio do secretário de Estado do Turismo do VII Governo Constitucional, Alcino Cardoso e que o presidente do município matosinhense, Narciso Miranda, é favorável à sua instalação.

Metro no sapatinho

O ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes presidiu à assinatura do acordo relativo ao prolongamento do Metropolitano, de Sete Rios até à Luz.

Uma fonte do ministério disse que o financiamento será processado através do Fundo Especial de Transportes Terrestres e à «custa da mais valia de terrenos», sem incidência no Orçamento Geral do Estado.

A cerimónia assistiram entre outros, os secretários de Estado dos Transportes Interiores e Planeamento, respectivamente, Abílio Rodrigues e Alberto Regueira, o presidente do Metropolitano de Lisboa, Pestana Bastos e o presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecassis.

Crise das pescas agravou-se ao longo do ano de 1981

• Apresamentos, assaltos armados, conflitos laborais e guerrilha com barcos espanhóis

O contencioso entre pescadores portugueses e espanhóis, que os contestados acordos luso-espanhóis de Setembro último deixaram intacto, dominou o sector das pescas em 1981.

Apresamentos de barcos e conflitos laborais, estes com expressão em sucessivas greves, foram também elementos de perturbação do sector.

Nos incidentes com barcos avultou o caso do pesqueiro «Porto Céu» de Sines, alvo de um ataque a tiro que matou um tripulante e feriu outros dois em águas reivindicadas pela Polisário, organização que, no entanto, rejeitou o atentado, atribuindo-o a Marrocos.

Os acordos luso-espanhóis de Setembro, negociados em escassos dois dias em Madrid e criticados por Sindicatos e Associações Patronais, deixaram de pé a situação que inspira tais críticas: os espanhóis continuam a capturar pescada e crustáceos na Zona Económica Exclusiva (ZEE) portuguesa, reservas incluídas, como a do cabo Sardão (Sines), enquanto os portugueses, em Espanha, pescam charru.

Repartição do total das licenças de pesca outorgadas: 231 para Portugal, 477 para Espanha.

A este desequilíbrio têm-se juntado os prejuízos causados

por arrastões espanhóis a barcos de pesca artesanal portugueses na ZEE de Portugal, onde os primeiros, além de dizimarem reservas piscícolas destroem, por arrastamento, redes e outras «artes» dos nacionais.

Estas e outras infracções explicam que no primeiro semestre de 1981, segundo as mais recentes estatísticas oficiais publicadas, a armada portuguesa tenha identificado 996 pesqueiros, visorizado 341 e apresado 151, neste último caso com muitas.

Espanha paga na mesma moeda: identificação, vistoria, apresamento com multa. De parte a parte, as penalizações em número chegam a rondar o milhão de escudos, além de confisco das artes e do pescado. Com a agravante, no caso da pesca artesanal, de que dia parado é dia sem remuneração.

Em Setembro, bloqueio da barra do Guadiana, a impedir a navegação entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, zona eleita de pesca de crustáceos, com esmagadora vantagem até então dos espanhóis. Os armadores de Vila Real haviam chegado a acordo com os de Huelva no sentido de os portugueses terem 75 licenças de pesca e os espanhóis 36 (contra as anteriores 50 destes em alternância diária), mas a Secretaria de Estado das Pescas não deu avale

ao acordo - e o bloqueio da barra foi a resposta, aliás sem consequências práticas.

Quanto aos conflitos laborais, traduzem-se, entre outras paralisações, nas greves sucessivas registadas na pesca do arrasto de Junho a Novembro e na praia de Matosinhos em Agosto e Setembro.

Em Matosinhos interromperam o trabalho os motoristas e ajudantes de motoristas dos arrastões, com a solidariedade dos pescadores de 120 embarcações.

Igual movimento afectou os pescadores do arrasto, em greve no segundo semestre do ano por períodos de quatro horas a dois dias, com uma adesão total, como no primeiro caso, segundo fontes sindicais.

Em ambos os casos, reivindicações contratuais: redução do tempo de trabalho de dezasseis para doze horas diárias, pagamento de subsídios de alimentação e reparações e de Natal, descanso semanal de dois dias, elevação do salário mínimo, até então fixado em 6250 escudos.

O incidente com o «Porto Céu», o mais grave do género registado durante o ano, verificou-se em 26 de Setembro, interceptado e abordado por lanchas não devidamente identificadas ao largo do Sara, teve o convés varrido por rajadas de

metralhadoras ligeiras ao tentar libertar-se, como veio a consequir, dos cabos que o haviam imobilizado. E foi com um morto e dois feridos entre os tripulantes que rumou a Sines, porto de origem.

Vários observadores e os próprios tripulantes atribuíram o ataque à Frente Polisário, que reivindica a soberania na área marítima do incidente.

Porém, em declarações a um semanário de Lisboa, o delegado da Frente de Libertação Saraui para a Península Ibérica negou peremptoriamente a responsabilidade da organização, atribuindo o ataque às autoridades de Marrocos, empenhadas com essa «provocação» em fornecer da Polisário a imagem degradada de um movimento «terrorista».

Segundo outras interpretações, os atacantes, saraui ou marroquinos, apenas teriam reagido pela força quando o «Porto Céu», ignorando a ordem de detenção, tentou a fuga, apresado que já estivera em Marrocos.

«Não queremos mais mortos» foi a palavra de ordem da manifestação, que depois do pesqueiro, reuniu no Terreiro do Paço pescadores em protesto contra a política piscatória do actual Governo.

Secretário espanhol para as relações com a CEE afirma:

“Portugal e Espanha deveriam aprofundar contactos com vista ao futuro de ambos na CEE”

«As economias de Portugal e Espanha têm de se preparar quanto antes com vista à adesão dos dois países à CEE» - afirmou ontem à ANOP em Madrid o secretário de Estado espanhol para as relações com o Mercado Comum, Raimundo Bassols.

Este responsável disse ainda que os processos de adesão dos dois países devem ser conduzidos separadamente - no que a sua opinião não se distingue das demais, tanto em Espanha e Portugal como na própria Comunidade. Acrescentou todavia que os problemas designadamente económicos e políticos com que os dois países ibéricos se defrontam têm muitas semelhanças, pelo que se imporia um mais íntimo

contacto entre as duas partes antes da adesão.

Tem havido trocas e intercâmbios de pontos de vista e impressões entre Madrid e Lisboa - adiantou ainda o responsável espanhol, apontando no entanto para a necessidade de que tais contactos sejam institucionalizados, e pensando desde já na livre circulação de pessoas e bens que vai haver entre Portugal e Espanha a partir da integração dos dois países no que vai ser então a Comunidade dos Doze.

Das demais declarações de Bassols à ANOP avultam as ressaltantes à expectativa espanhola quanto às datas em que a adesão de Madrid virá a verificar-se. «O Governo Espanhol nunca tomou um compromisso em rela-

ção a uma data fixa - disse -, mas considera que 1982 é razoável, possível e desejável, o que coincide com a opinião de altas personalidades da CEE, entre as quais Lorenzo Natali» - palavras do responsável espanhol, para quem, «apesar dos altos e baixos das negociações, 1984 continua a ser uma data válida», depois que as negociações, na sua fase técnica, podem ser dadas por concluídas no ano que vem.

Bassols revelou à agência portuguesa que Madrid está a utilizar, junto da CEE e com vista à integração, argumentos políticos e económicos. «Consideramos que se trata duma operação sobretudo política, pois a Espanha é o único país que se tem mantido afastado dos grandes blocos poli-

ticos europeus» - disse. Acrescentando ainda que se trata duma operação igualmente económica.

Segundo Bassols, «há uma coincidência de pontos de vista entre o que a Espanha tem de fazer para sair da crise económica e para entrar na CEE». A Espanha «pensa que, apesar das declarações políticas favoráveis - por este ano, e todas elas importantes -, a CEE só está utilizando os argumentos técnicos e menciona com frequência os próprios problemas» - disse ainda o responsável espanhol, numa «queixa» veiculada em relação à Comunidade, e às reservas que aí se mantêm quanto ao alargamento em perspectiva.

Bagão Félix anuncia no Porto

Orçamento para 82 prevê 104 milhões para pensões

PORTO, 24 - O secretário de Estado da Segurança Social afirmou ontem nesta cidade que o orçamento da segurança social para o próximo ano é de 160 milhões de contos e que o OGE prevê o pagamento de pensões no valor de 104 milhões de contos. Bagão Félix disse também que o aumento das pensões concretizado em Dezembro ficou à segurança social por um aumento global de 16 milhões de contos.

Estas indicações e a afirmação de que há presentemente em Portugal 1,7 milhões de reformados, isto é, quase metade da população activa, a esmagadora maioria com pensões de miséria e fome, foram feitas pelo secretário de Estado da Segurança Social na sua deslocação a esta cidade para uma visita às obras de construção da futura sede do Centro Regional de Se-

gurança Social do Porto, na zona da Boavista.

A empreitada de ampliação e acabamento do edifício em questão, de dezasseis pisos, compreende uma área de 16 460 metros quadrados e está orçada em 260 mil contos. Aguarda-se que a obra, interrompida e suspensa desde 1972, esteja concluída dentro de dois anos, permitindo a instalação dos serviços de produção e apoio do Centro Regional, prestações pecuniárias, acção social, apoio administrativo e serviços técnicos.

O orçamento para o próximo ano, que retira à saúde 12 milhões de contos que deverão parar nas mãos dos «tubarões» farmacêuticos, é o reflexo da política que o Governo determinará - e que fez aprovar pela AD na AR - em 1982, com cortes substanciais em áreas significativas. Bagão Félix referiu a primeira

parte da premissa, nesta cidade, durante a visita às obras em apreço adiantando que a verba estipulada para a sua área não está à espera do OGE: confia em que 96 por cento do seu total venha das receitas da previdência, dado tratar-se - acrescentou - de um «corpo autónomo encarregado de gerir e distribuir as receitas dos sectores produtivos, empresariais e trabalhadores».

Uma outra questão assinalada por Bagão Félix nesta sua visita, por ter a ver com a potencial fonte de receitas para a Segurança Social, foi das dívidas à Previdência, que ascendem a 28 milhões de contos. A posição do Governo é a mesma de sempre, de marcante tolerância para multos que devem à previdência e têm dinheiro a tanto de taxa de juro por ano, ou outros que nem sequer cumprem o clausulado colectivo contratual por des-

peito. A todos continuará a ser permitida uma certa maleabilidade - relativamente às dívidas dos anos transactos -, enquanto que em relação às dívidas do presente e do futuro (segundo o secretário de Estado) a posição será de inflexibilidade.

Recorda-se que os trinta milhões de contos que eram devidos à Previdência há dois anos representavam 50 por cento do total do orçamento da Segurança Social para esse ano (60 milhões de contos), ao passo que a dívida actual, ascendendo a 28 milhões, é menos significativa relativamente ao volume total de cobranças previsto para o próximo ano, ou seja, 140 milhões de contos. A evasão contributiva por parte de comerciantes e de outros cidadãos, exercendo profissões liberais, está na mira do Governo, acrescentou Bagão Félix.

reportagem

Pesca do bacalhau, tempo de escravidão

Histórias que ouvi contar

O bote é um ponto negro no oceano. O pescador não se move, oscilando apenas ao sabor das pequenas vagas. Nem mesmo quando o enorme paquete se atravessa no seu rumo, rasgando águas e silêncio. Entorpecido pelo frio e pelo cansaço, deixa passar o navio, sem um simples olhar. Era outra a sua saga, onde não cabia a curiosidade. Esta pequena história aproxima-nos ao quotidiano de um pescador do bacalhau.



«Novos Mares», rumos velhos: o mar, a falna, a prisão e a doença

História, que não se constrói apenas da vida a bordo. Em 1937, a «surpresa» aconteceu em terra. O «interesse da Nação» exigiu que saíssem à pesca todas as unidades em condições de o fazer. O decreto n.º 27 658 deu-lhe forma:

«São mobilizados todos os pescadores de bacalhau matriculados para a campanha de 1936 e que até ao dia 15 do corrente mês não concorreram à matrícula para a campanha de 1937».

Foram buscá-los a casa. Disso se recorda o mais antigo pescador que encontramos, Manuel da Silva Pereira:

«O Tenreiro levou-nos à força».

Muitos anos depois, em plena guerra colonial, o sentido inverso: muitos homens escolhe-

ram os bancos da Terra Nova e Groenlândia para escapar às emboscadas de África.

«Descanso era o trabalho»

«As quatro e meia, já havia luz. Comíamos, pegava-se no isco e não havia descanso enquanto não tivéssemos seis ou sete quintais», recorda Mário Caçoi.

Descanso, é uma maneira de dizer. Explica António da Silva: «Por vezes, eu passava 30 a 40 horas no mar».

Depois, vinha o amanho do peixe, uma penosa escala a bordo, ou a pesca do isco.

O lento escoar do tempo, à dimensão de uma eternidade. Passando por tudo: o cálculo a olho do peixe pescado, por

exemplo. Vinte escudos por cada 60 quilos limpos. E quem podia contrariar a estimativa do capitão, sempre a puxar para baixo? Ou protestar, se o relógio era adiantado durante a noite, para abreviar os tempos mortos e aumentar o ganho alheio?

«O nosso descanso, era o trabalho», afirma António Pereira da Rocha. «Aquilo era uma escravidão».

O «Ave Maria» é o último barco de casco de madeira ainda no activo. À proa, incrustados nas paredes, os beliches parecem gavetões tumulares. Uma criança de dez anos teria dificuldades em dormir à vontade. Mas nos anos duos da pesca, chegavam a dormir neles dois homens. Durante quatro horas, em enxergas que tinham de trazer de casa.

«Levávamos um tachinho com azeitonas»

De sono e alimento se mantém um pescador. São elementos vitais à sobrevivência física e à reprodução da sua própria força de trabalho. Naqueles anos difíceis de 30, 40 e 50, em condições de tempo e de labor severos, uma campanha de seis meses era um desafio permanente à capacidade de resistência.

«A comida era fraca», afirma António Caçoi da Silva. «Feijão assado e café com leite de manhã, batata fardada e bacalhau fresco ou salgado ao almoço e feijão frade com bacalhau ao jantar».

Era esta, invariavelmente, a ementa ao longo dos meses. Até à saturação.

Manuel da Silva Pereira recorda ainda a carne da Argentina («parecia borracha virgem») e a salmoura em barricas («os barcos não tinham frigoríficos»).

«Levávamos um tachinho com azeitonas, peixe frito e uma garrafa com água, e assim nos aguentávamos até à noite, no bote. O vinho, era à nossa conta».

Para os oficiais, «três pratos do melhorio» (António Rocha). E quando o capitão Juvenal passou a dar aos pescadores «uma pinga de vinho e fruta, bifes e posta de peixe frito duas vezes por semana, caiu o mundo», acrescenta Joaquim Paixão.



Depois da pesca, não vinha o descanso: primeiro, era necessário amanho o peixe, neste espaço

Por vezes, as vitaminas entravam na dieta alimentar, para compensar a falta de verdes. Interroga o antigo electricista:

«Não era melhor dar-lhes um repolho, que se consegue conservar durante bastante tempo?»

Escassez de água, falta de assistência

A escassez de água era o maior flagelo. Barcos havia que regressavam a Portugal sem uma pinga do precioso líquido. A bordo, contam os velhos pescadores, cada homem dispunha apenas de um litro por dia para todas as necessidades.

«Nós enchíamos a boca de água, e às escondidas lavávamos a cara com ela», recorda António Rocha. Da higiene corporal, é escusado falar. «Mudávamos de meias e tínhamos que aguentar», diz Manuel da Silva Pereira.

Para tornar as coisas ainda mais graves, havia capitães «que esvaziavam tanques de água para os encher de caras e línguas de bacalhau, com que se abotoavam».

Com pouco descanso, má alimentação e falta de água, a resistência física ia diminuindo e a doença, mais cedo ou mais tarde, instalava-se a bordo.

Médicos, não se sabia o que eram. Apenas enfermeiros em alguns navios, enquanto noutros era o próprio capitão a prestar os primeiros (e últimos...) socorros.

O «Diário de Bordo» do «Açor», abrangendo os anos de 1910 a 1916, refere a composição da farmácia de bordo: emplastro cuticúra, emplastro adesivo de borracha, frascos de «Pahinckler», dedeiras de borracha e frascos de «Friar's Balsam». Era tudo.

Mais tarde, o barco-hospital «Gil Eanes», que a propaganda oficial elevou aos píncaros, passou a tratar os casos mais graves, envolvendo fracturas ou «ferimentos graves».

«Tínhamos que suportar tudo, e aí daquele que adoecesse», sintetiza Manuel da Silva Pereira.

Eliminados e readmitidos

Aguentar, aguentar sempre.

Até que uma derradeira gota fazia transbordar a taça da paciência e da resignação. Nessa altura, o «Gil Eanes» transformava-se em barco-prisão.

«A indisciplina, explica Joaquim Paixão, era por causa dos tratamentos aos pescadores, das injustiças, dos favoritismos».

Os «insubordinados» passavam para o «Gil Eanes», sendo julgados em terra. Quando os casos disciplinares envolviam oficiais ou a mestrança, o capitão mandava recolher ao camarote.

Raras são as fichas individuais de pescadores (cerca de 30 mil registados) que não integram re-

ferências no capítulo disciplinar, com sucessivas indicações de «eliminado», «readmitido» e um novo «eliminado definitivamente».

«Nós não respondíamos às imprecações, afirma António Marçal, mas qualquer coisa servia para nos espezinhar».

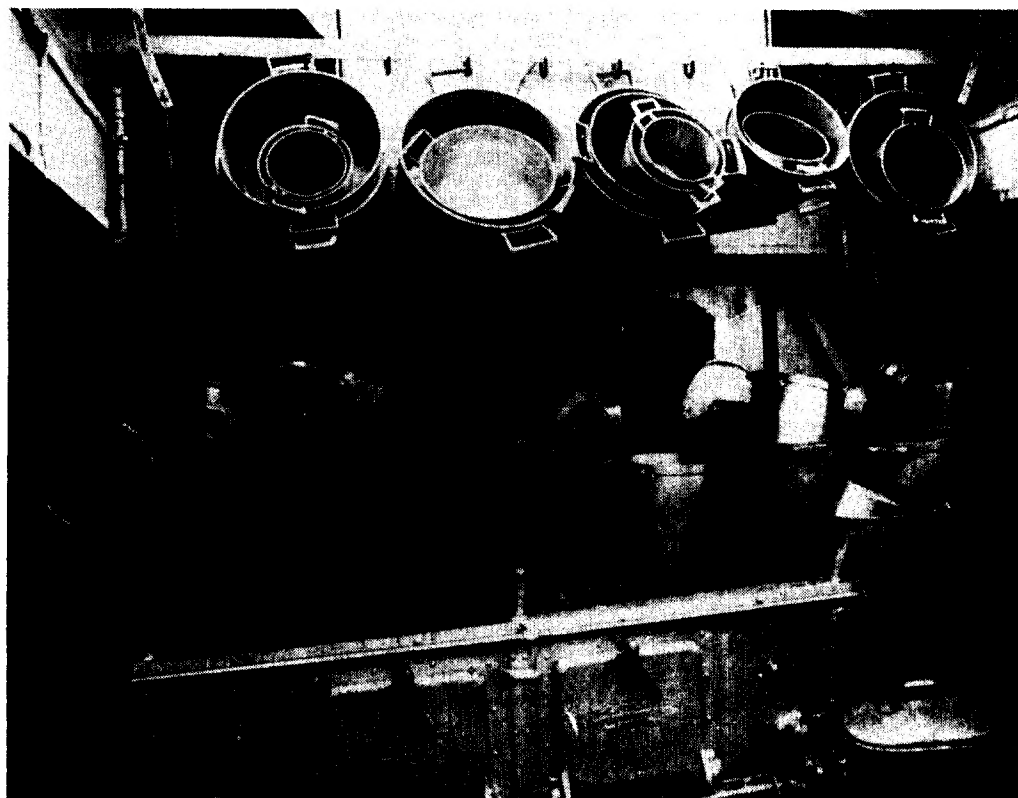
Contra tudo e todos, o dizer de António Rocha:

«Dávamo-nos bem. Lá havia umas falas, mas isso passava. Não servia para andarmos agarrados uns aos outros».

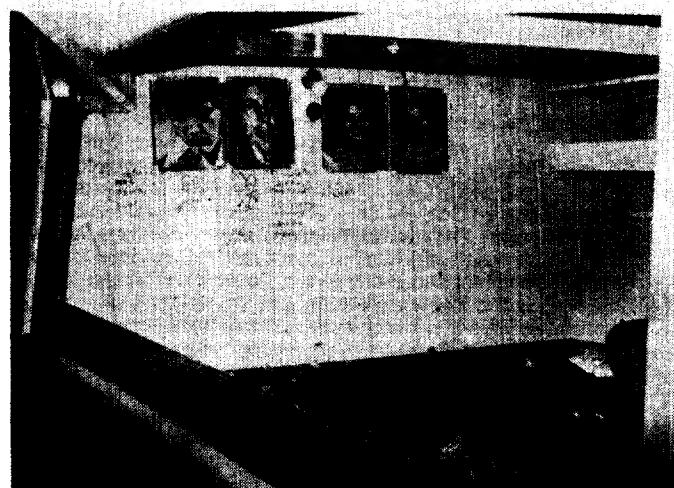
Carlos Pessoa (texto)
Rui Pacheco (fotos)



Vinte e nove viagens à Terra Nova: «durante todo o tempo, feijão, batata fardada e bacalhau»



Cozinha do «Ave Maria»: a sobrevivência física e a reprodução da força de trabalho passam por aqui



Neste cubículo dorme um pescador. Antes, era ocupado por dois homens

Desde inícios de 1980

Economia Portuguesa andou para trás

- A factura eleitoral está a ser paga e vai custar ainda mais no próximo ano
- Negociações com o FMI recomeçam em Janeiro num cenário ainda mais pessimista

Todos os indicadores do crescimento económico a atingirem níveis muito inferiores aos apontados pelo Governo, o desemprego a aumentar em vez da redução prometida, os preços a subirem muito mais do que o esperado e o défice nas contas externas a atingir números inimagináveis depois dos excelentes resultados de 1979, constituem o saldo económico da actividade do Governo da Aliança Democrática ao findar este ano de 1981.

O povo português pagou, este ano, uma parte substancial da factura eleitoral elaborada por Cavaco e Silva quando foi ministro de Sá Carneiro no Governo de meses (Janeiro/Outubro de 1980). Os mecanismos da política económica e financeira e o aparelho de Estado foram colocados ao serviço da política eleitoralista então praticada com resultados condizentes: a reafirmação da vitória eleitoral da AD, e dessa feita para quatro anos. Em Janeiro, quando recomeçarem as negociações com o FMI virá a segunda e mais gravosa parte da factura.

Instado pela Oposição, o actual ministro das Finanças, João Salgueiro, recusou-se a responder no Parlamento se a revalorização do escudo no início de 1980 — gesto fundamental da gestão Cavaco e Silva — tinha contribuído para o agravamento incontrolado das contas externas portuguesas, não obstante, na prática, o discurso económico actual e a política contida no OGE e no Plano para 1982 serem uma resposta afirmativa directa a tal questão.

Mas o Departamento Central de Planeamento do Ministério das Finanças acaba de responder pelo ministro ao explicar o défice de mil milhões de dólares da balança de pagamentos e transacções correntes em 1980. Este défice, que subiria para o dobro no ano que está prestes a findar, é ligado a uma paragem do crescimento das exportações portuguesas, que no estudo do Departamento Central de Planeamento aparece relacionado com a revalorização do escudo no início de 1980.

«Como consequência da política cambial seguida — diz aquele Departamento do Ministério das Finanças — a competitividade externa da indústria portuguesa medida em termos unitários de mão-de-obra comparativamente com alguns dos países nossos con-

correntes, que vinha melhorando desde 1976, mostrou ao longo do primeiro semestre de 1980 uma certa erosão.»

Evolução negativa

A partir deste quadro geral, o serviço económico-financeiro da ANOP acaba de divulgar a sua síntese do ano que finda concluindo pela afirmação de que «este ano se registou uma evolução em sentido negativo» reafirmando «a balança de pagamentos como principal objectivo da política económica».

A taxa de inflação deverá rondar os 20 por cento (16,6, em 1980), o défice da balança de transacções correntes ascenderá a 2008 milhões de dólares (1068 milhões em 1980), a taxa de crescimento do produto interno bruto depois de uma previsão inicial de 4,8 por cento nas Grandes Opções do Plano a Médio Prazo foi reduzida para 2,9 por cento, ainda por Morais Leitão e, agora, prevê-se um crescimento do produto de 1,6 por cento.

O investimento produtivo não deverá crescer a uma taxa superior a 6 por cento, quando a previsão inicial apontava para 10 por cento, com uma participação significativa do investimento privado.

O ano ainda em curso foi muito fértil em correcções aos objectivos de política económica, cujas metas foram quantificadas no início do ano nas Grandes Opções do Plano a Médio Prazo e sujeitas a correcção em Julho e as Grandes Opções do Plano para 1982 já mostram a não verificação da quase totalidade das previsões, mesmo as corrigidas.

O primeiro cenário para a economia portuguesa para este ano apontava para as seguintes metas: 4,8 por cento de crescimento do PIB, 3,5 por cento do consumo, 10 por cento do investimento, 7 por cento das exportações e das importações, 1,3 mil

milhões de dólares de défice das transacções correntes, 16 por cento da inflação e a criação de 80 mil postos de trabalho.

Argumentando com os problemas resultantes da seca, da revalorização do dólar e da alta das taxas de juro nos mercados internacionais, o ministro das Finanças do VII Governo Constitucional, Morais Leitão, anunciou em Julho uma série de medidas restritivas, nomeadamente na área do crédito, as quais obriga-

prevê que o cenário efectivamente verificado inclui um crescimento do PIB de 1,6 por cento, com quebras acentuadas na energia (10 por cento) e na agricultura (5 por cento) e aumento modesto na indústria (2 por cento) e muito significativo na construção (6 por cento).

Os consumos privado e público deverão crescer mais do que o previsto, atingindo uma taxa de 3,5 e 3 por cento respectivamente e o investimento não

devido à subida no primeiro semestre deste ano das taxas de juro nos mercados internacionais. É ainda possível verificar que este ano praticamente não se registaram avanços nos grandes projectos industriais, nomeadamente no Plano Siderúrgico Nacional e em parte substancial do Projecto de Aproveitamento Integrado das Pirites. Mantém-se a indefinição relativamente a Alqueva.

Uma excepção pode considerar-se o sector automóvel onde o Projecto Renault está a avançar dentro dos prazos previstos devendo a Ford tomar uma decisão a curto prazo sobre a instalação de uma fábrica em Sines, prevendo-se, também, para breve, legislação sobre a reconversão das fábricas de montagem existentes em Portugal.

devido à subida no primeiro semestre deste ano das taxas de juro nos mercados internacionais.

É ainda possível verificar que este ano praticamente não se registaram avanços nos grandes projectos industriais, nomeadamente no Plano Siderúrgico Nacional e em parte substancial do Projecto de Aproveitamento Integrado das Pirites. Mantém-se a indefinição relativamente a Alqueva.

Uma excepção pode considerar-se o sector automóvel onde o Projecto Renault está a avançar dentro dos prazos previstos devendo a Ford tomar uma decisão a curto prazo sobre a instalação de uma fábrica em Sines, prevendo-se, também, para breve, legislação sobre a reconversão das fábricas de montagem existentes em Portugal.

O espectro do FMI

Os juros da dívida pública atingem em 1982 perto de cem mil milhões de escudos e as amortizações 37 mil milhões, devendo o recurso ao crédito externo atingir 55 milhões de dólares e a emissão total da dívida pública ascender, em 1982, a 187,7 mil milhões de escudos.

A dívida pública total ascendia a 750.387 milhões de escudos em 30 de Setembro deste ano.

A política económica em 1982 baseia o crescimento do PIB (3 por cento) nas exportações, que se pretende cresçam 7,5 por cento nomeadamente com a conquista de novos mercados e venda de produtos petroquímicos, esperando-se uma queda das importações para colocar o défice da balança de transacções correntes em 1,4 mil milhões de dólares, nível que se considera elevado mas suportável nos próximos anos.

Prevê-se uma taxa de inflação de 17 por cento e um crescimento dos salários entre 15 e 19 por cento respectivamente para os sectores em difícil situação económica e para os rendíveis. Para financiar parte dos défices das transacções correntes nos próximos três anos o Governo está a negociar com o FMI um empréstimo cujo pedido, formulado no tempo de Morais Leitão, ascendia a 1,3 mil milhões de dólares.

Contas apuradas de 80

O Produto Interno Bruto deverá ter aumentado em 1980 perto de 5,5 por cento, num ritmo mais rápido do que os 4,5 por cento em 1979, conclui-se num estudo do Departamento Central de Planeamento.

Numa análise do comportamento dos incidentes económicos em 1980 em relação aos objectivos do Plano afirma-se que entre os aspectos negativos está um défice da Balança de pagamentos de 1000 milhões de dólares, contra uma previsão inicial de 700 milhões de dólares.

O défice comercial, isto é a diferença entre as exportações e as importações portuguesas, foi de 4,1 milhares de milhões de dólares (203 mil milhões de escudos) contra 129 mil milhões de escudos em 1979.

Consequência deste au-

mento das importações em relação às exportações, o grau de cobertura das importações pelas exportações diminuiu de 57 para 53 por cento, aumentando o peso do défice comercial no Produto Interno Bruto de 11,4 por cento em 1979 para 18,5 por cento em 1980.

Este aumento das importações esteve também ligado ao declínio da procura externa verificado em 1980, que tornou o mercado interno, ao contrário do que vinha sucedendo desde 1977, o principal factor de expansão da economia portuguesa.

Segundo os cálculos do Departamento Central de Planeamento os salários reais em 1980 aumentaram 3,8 por cento, quando em 1979 se tinha verificado uma diminuição do salário real de cerca de 3 por cento.

deverá evoluir a mais de 6 por cento.

O défice da balança de transacções correntes está estimado em 2008 milhões de dólares, fundamentalmente devido a um crescimento real de 5 por cento das importações a uma queda em termos reais de 3,5 por cento das exportações e a taxa de inflação deverá rondar os 20 por cento (19 por cento nos dez primeiros meses).

Nenhum avanço nos projectos industriais

Face aos resultados já apura-

sentar este ano 8,7 por cento do PIB e o défice comercial poderá ascender a 4,4 mil milhões de dólares, reflectindo a queda das exportações e o aumento das importações e a deterioração dos termos de troca de cerca de sete pontos.

As transferências privadas, fundamentalmente remessas dos emigrantes, deverão atingir 3,3 mil milhões de dólares, o que representa um crescimento de 6 por cento e o saldo negativo dos rendimentos de capitais ascenderá a 850 milhões de dólares,

Um programa de 150 milhões de contos

Empresas e técnicos portugueses trabalham na bacia do Limpopo

Portugal está a participar com 40 técnicos individuais e outros de seis empresas num programa de desenvolvimento acelerado das bacias do Limpopo e do Incomati, em Moçambique.

O secretário de Estado para o Desenvolvimento daquelas zonas do Sul do país, Rui Gonzalez declarou à ANOP que Portugal e o Brasil podem vir a ter grande papel na concretização deste programa, cujo valor é de aproximadamente dois mil milhões de dólares (130 milhões de contos) e que envolve a construção de três grandes barragens.

As empresas portuguesas que já têm técnicos seus a trabalhar neste programa, que vai decorrer até 1990, são a COBA, com projectos hidroagrícolas e de infra-estruturas rodoviárias, a Construtora do Tâmega, com a construção de regadios, a Sorefame, com equipamento hidromecânico para as barragens de Massingir e Macarretane, a Agropromotora, com assistência técnica à agro-indústria, em particular à produção e processamento de tomate, a SNEDE, com um projecto de vinha em Massingir e próxima participação em projectos florestais e de apoio ao desenvolvimento de cooperativas agrícolas e a SIS-MET, com informática e organização empresarial.

Com Portugal pretende Moçambique desenvolver cooperação na região de Massingir, visitada em Novembro pelo Presidente Eanes e onde se situa a segunda mais importante barragem do país, depois da de Cabora Bassa.

Através da COBA e da SNEDE, a Secretaria de Estado para o Desenvolvimento Acelerado das Regiões do Limpopo e do Incomati efectuou já contactos para que entidades portuguesas se interessassem por projectos de citrinos e de algodão de regadio, na região de Massingir.

«As diligências prosseguem e espera-se que venham a ter um bom êxito» — disse Rui Gonzalez.

Quanto ao Brasil, está presente num dos maiores projectos deste programa acelerado, o de Lumane, que dará emprego, directo ou indirecto a 90 mil pessoas e que terá grande impacto na região do Baixo Limpopo, próximo da cidade de Xai-Xai.

Ele permitirá o desenvolvimento de culturas tropicais em particular as de banana e ananás, no quadro da cooperação de Moçambique com o Brasil.

1,5 milhões de moçambicanos deverão viver em 1990 na zona de implementação deste programa do Limpopo e do Incomati, sem contar com a população de Maputo, principal centro urbano a ser abastecido a partir desta região-piloto, cuja superfície é idêntica à de todo o Portugal.

Trata-se de um programa com aspectos de carácter político, que se relacionam com a interdependência económica entre a Zona Sul de Moçambique e a República da África do Sul. Desta região parte a maior parte dos mineiros moçambicanos que normalmente trabalham em território sul-africano.

O Governo pretende, em primeiro lugar, recuperar as áreas agrícolas abandonadas após a proclamação da independência e que constituíam a principal fonte de alimentos para a capital.

A já existente barragem de Massingir, traçada pelo engenheiro português Laginha Serafim, as linhas de caminho-de-ferro que da região se dirigem para o Zimbábue e a África do Sul e a boa rede de estradas asfaltadas entre Massingir e Maputo, numa extensão de 350 quilómetros, vão ser trunfos para se começar com o desenvolvimento acelerado das plani-

cies aluviais que rodeiam o Limpopo e o Incomati.

Além do Brasil e de Portugal, também a Itália, a União Soviética, a Bulgária e o Fundo de Investimentos do Kuwait se interessam por este programa, que é um dos grandes projectos moçambicanos de desenvolvimento a concretizar durante a década de 80.

Os pólos principais de desenvolvimento são neste momento as cidades de Chokwe e Xai-Xai, situadas no vale do Limpopo, enquanto que em 1982 vão ser também as vilas de Moamba, Magude e Marracuene, no vale do Incomati.

O número de pessoas a trabalhar em empresas directamente sob o controlo desta Secretaria de Estado de natureza bastante específica é já de 12 500, incluindo além de portugueses e brasileiros técnicos chilenos, uruguaios, argentinos, holandeses, búlgaros, franceses, britânicos, soviéticos e italianos.

Neste território de 90 mil quilómetros quadrados, de altitude geralmente inferior aos 100 metros, as principais culturas que se vão destinar a alimentar toda a população da parte sul de Moçambique são arroz, milho, trigo, hortícolas, frutas tropicais, mandioca e batata.

Por outro lado, produzir-se-á carne, leite e ovos e ter-se-á sempre em conta o objectivo de integrar a produção agrícola, a pecuária e a industrial, tirando o máximo benefício dos subprodutos e dos resíduos agrícolas.

O programa vai dar emprego a centenas de milhares de pessoas e diminuirá a atracção urbana do grande Maputo, bem como a corrente emigratória para a África do Sul.

Jorge Heitor, da ANOP

Enquanto o 'Metro' ratifica greve STCP manifestam disposição de encetar formas de luta

Os trabalhadores do Metroropolitano ratificaram por unanimidade e aclamação, em plenário geral, a greve por sectores proposta pelas estruturas sindicais e que paralisará aquele meio de transporte nos próximos dias 5, 6 e 7 de Janeiro.

Esta forma de luta, coincidente com outras empresas do sector de transportes, visa conseguir a revisão das tabelas salariais da empresa, em vigor há mais de 14 meses. Com o mesmo objectivo já se realizaram anteriormente na empresa oito dias de greve.

A CNS voltou a acusar o secretário de Estado de Transportes Interiores de «não se interessar pelo conflito, demitindo-se das suas responsabilidades». Esta acusação resultou do facto de aquele membro do Governo ter desmarcado uma reunião

prevista para a tarde de ontem com os representantes dos trabalhadores.

Relativamente às negociações do AE do «Metro», a CNS, embora referindo a tentativa de entrar no processo, por parte do CG, afirma que este, no entanto, fez um recuo, aceitando «finalmente abandonar a posição de intransigência negocial mantida até agora».

Entretanto, e depois das greves da UGT, na Carris (que não paralisou os transportes da empresa) e CP, que foi desconvoada, os sindicatos da CGTP, como já anunciámos, marcaram uma greve para o dia 7 de Janeiro naquelas empresas.

Transportes do Porto

Os trabalhadores dos Ser-

viços de Transportes Colectivos do Porto da Estação da Carreira, poderão vir a adoptar várias formas de luta, caso o conselho de gerência (CG) continue a ignorar as suas reivindicações. Esta decisão resulta de um plenário realizado, no passado dia 22, na referida estação durante o qual aqueles trabalhadores resolveram também alertar a opinião pública para as anomalias verificadas e para a hipótese da sua luta vir a trazer eventuais prejuízos à população utente.

Segundo comunicado difundido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos do Porto o pessoal dos STCP «apenas exigem que seja posto cobro à situação de insegurança e falta de higiene que se vive naquele local». Na verdade, dizem os representantes sindicais,

«apesar dos inúmeros protestos e abaixo assinados, o acesso às fossas continua a oferecer perigos vários». De facto, além de os trabalhadores serem obrigados a respirar diariamente fumos tóxicos provenientes dos escapes das viaturas das secções de pintura, não existe nas instalações água suficiente para se poderem lavar após o dia de trabalho, nem a estação possui qualquer tipo de aquecimento, «tornando insuportável o trabalho nos dias frios e, para cúmulo, chove dentro das próprias oficinas», acrescenta aquele comunicado.

Apesar da evidência dos problemas, «o CG limita-se a dizer que não cede a pressões» colocando assim aos trabalhadores uma interrogação: «será que o conselho de gerência prefere a agudização do conflito?»

Há pão em Lisboa apesar da greve

Para além de algumas deficiências, em alguns casos, a greve dos trabalhadores da panificação de Lisboa e dos distritos do Sul, iniciada às 19 horas de ontem, não afectou o normal abastecimento de pão às populações.

A paralisação, decretada pela Federação Sindical da Panificação tem por objectivo pressionar as associações patronais de Lisboa, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve a assinarem o novo contrato colectivo de trabalho que as duas últimas chegaram a acordar. Segundo uma fonte sindical, as associações patronais pretendem aplicar aos trabalhadores do sector «um contrato de traição» assinado com o Sindicato Democrático da Panificação e Produtos Afins do Algarve.

O mesmo informador refere que este contrato retiraria aos trabalhadores regalias já conquistadas através da portaria de regulamentação do trabalho, publicada no ano passado.

Estes trabalhadores, como já noticiámos, vão repetir a greve no sábado, entre as zero e as 24 horas.

Construção civil

A greve dos trabalhadores da construção civil registou uma adesão de 80 por cento a nível nacional, segundo revelou um dirigente da Federação dos Sindicatos da Construção Civil.



Os trabalhadores da construção civil efectuaram terça-feira uma greve nacional pela aceitação das suas reivindicações salariais no âmbito da revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (CCTV).

Os trabalhadores pretendem um aumento salarial de 30 por cento e a passagem do subsídio de refeição de 50 para cem escudos, enquanto as entidades patronais contrapõem 16,7 por cento — afirmou o dirigente sindical.

Acrescentou que durante uma reunião de negociações efectuada terça-feira em Coimbra, o

patronato admitiu informalmente subir a sua proposta para 20,5 por cento de aumento dando 70 escudos de subsídio de refeição.

Para analisar a situação e discutir eventuais formas de continuação da luta reuniu ontem o plenário de sindicatos.

O dirigente sindical declarou que a greve dos cerca de 250 mil trabalhadores da construção civil teve uma adesão massiva nos distritos de Lisboa, Porto, Setúbal, Braga e Coimbra.

No referido plenário foi decidida nova paralisação para os dias 6 e 7 de Janeiro, no caso de o patronato não alterar a sua po-

sição relativamente à revisão do CCTV do sector.

Aviação estrangeira

A greve dos trabalhadores das companhias de aviação estrangeiras em Portugal, que segundo um dirigente do SITAVA registou uma adesão de 90 por cento, originou ontem o cancelamento de vários voos.

O dirigente sindical precisou que das 22 companhias estrangeiras apenas duas tinham ontem escritórios abertos em Lisboa, mesmo esses com abertura assegurada pelos respectivos representantes.

Os trabalhadores pretendem com a greve obrigar as representantes das empresas de navegação aérea (RENA) a negociar novas tabelas salariais e novo clausulado pecuniário.

O porta-voz sindical afirmou que os representantes das empresas «pretendem diminuir os salários reais acordados em 1974 e 1976, prejudicando as futuras actualizações de salários por via da indexação, com a agravante de pretenderem um período mínimo de vigência de quatro anos».

A greve tem como consequência a interrupção das operações normais das companhias aéreas estrangeiras de e para Portugal e abrange cerca de 600 trabalhadores em Lisboa, Porto, Faro, e Funchal — precisou o dirigente sindical.

que está em vigor no actual CCTV.

Para que as justas aspirações da classe sejam conseguidas, aquela federação sindical aponta a mobilização, organização e unidade dos trabalhadores nas empresas e em conjunto com as suas organizações sindicais como «tarefa imediata de todos e de cada um dos trabalhadores abrangidos pelo CCTV da Imprensa».

Indústrias eléctricas

Paralisam dia 5 pelo CCTV

Os trabalhadores do sector de fabricantes de material eléctrico e electrónico paralisam 24 horas no dia 5 de Janeiro, anunciou a Federação dos Sindicatos das Indústrias Eléctricas.

Um porta-voz daquela Federação revelou que os cerca de 30 mil trabalhadores do sector pretendem que a revisão do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) consagre aumentos salariais que reponham o poder de compra, a vigorarem desde Janeiro e um clausulado social e económico mais adaptado.

As negociações do novo contrato que se iniciaram há cerca de um mês foram agora interrompidas, por iniciativa patronal, que contrapõe 18,95 por cento, às propostas sindicais que baixaram nas negociações a sua proposta de 30,8 para 25 por cento. Posteriormente a associação patronal do sector (ANIMEE) anunciou o pedido à ANI de conciliação, facto que todas as organizações sindicais envolvidas nas negociações consideraram «prova de intransigência e má fé negocial».

Este sector, dominado por multinacionais, tem uma alta produtividade, atestada, aliás, pela boa situação de todas as empresas que, segundo os dirigentes sindicais, auferem milhares de milhões de escudos de lucros.

Os Sindicatos pretendem

ainda às horas extraordinárias, subsídios de turnos rotativos, trabalho em dias de descanso semanal ou feriado, direitos dos trabalhadores estudantes, refeitórios e subsídios de almoço.

Comércio de material eléctrico

Também a Federação dos Sindicatos do Comércio e Serviços apoiam as formas de luta a desenvolver no sector do comércio de material eléctrico e electrónico visto que o Ministério do Trabalho «continua a congelar a publicação da PRT para o sector». Segundo esta Federação «esta atitude é tanto mais grave quanto os salários dos trabalhadores estão em vigor há já 31 meses».

Os sindicatos manifestam a preocupação pela cedência do Ministério do Trabalho às pressões do patronato sobretudo se «para além de continuar a adiar a publicação da PRT, vier a ceder quanto à não aprovação de duas tabelas que reflectem a realidade económica do sector». As estruturas representativas dos trabalhadores remetem para o Governo todas as responsabilidades sobre eventuais formas de protesto que a sua atitude, a manter-se, poderá vir a desencadear.

Discurso de Balsemão:

“Antevisão do naufrágio”

— considera a CGTP

A CGTP/IN afirmou que a única solução do Governo para combater a crise económica «é velha e gasta: é o apertar do cinto preconizado por Salazar».

Numa reacção ao discurso de terça-feira do Primeiro-Ministro Balsemão, aquela central sindical disse que «a conversa em família do Primeiro-Ministro não passou dum arrolamento vazio de generalidades sem enunciar qualquer perspectiva de solução para os problemas nacionais».

A CGTP/IN referiu que «para as centenas de milhares de desempregados e para os trabalhadores a quem se quer impor sacrifícios, o Governo aponta como prioridade da sua política a

regionalização, a iniciar na melhor das hipóteses em 1984.

A central sindical considera ainda que Pinto Balsemão foi claro na «intenção de atacar os direitos e liberdades dos trabalhadores e o regime democrático consagrado na Constituição» e que o Primeiro-Ministro utilizou expressões como «firmeza» e «não recuar nem um milímetro» que «pretendem alardear uma força que o resto do discurso demonstra não ter».

«A basfóia do discurso do Primeiro-Ministro constituiu o sinal evidente de um Governo que antecipa o seu naufrágio» — acrescentou a CGTP.

Trabalhadores da CT2 voltam à luta

Lutando contra a repressão e desrespeito dos direitos sindicais, exercidos pelo director António Proença, os trabalhadores do Centro de Formação Profissional n.º 2, do Porto, decidiram em plenário paralisar no próximo dia 13 de Janeiro.

Em virtude de António Proença continuar a impedir (ilegalmente) a realização de reuniões sindicais nas instalações da empresa, o plenário decorreu na rua e debaixo de chuva. Os trabalhadores, além da greve, decidiram pedir a solidariedade activa do pessoal dos restantes

centros profissionais do País e realizar, no dia da paralisação, novo plenário para análise da situação.

Foi igualmente aprovado um documento, a enviar ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro, em que os trabalhadores manifestam estranheza pelo facto de o Governo se mostrar preocupado com os direitos dos trabalhadores de outros países e continuar a permitir que o director do CT2 mantenha um trabalhador arbitrariamente transferido e continue a reprimir e a desrespeitar os mais elementares direitos do pessoal.

Porto

Plenário de Direcções Sindicais

A luta contra o tecto salarial e contra a proposta do Governo AD sobre os despedimentos é uma das principais conclusões do plenário de direcções sindicais do distrito do Porto, que ontem se reuniu durante todo o dia na sede da USP. Os sindicatos

afirmaram igualmente a «convicção de que a política da AD não só não resolve como agrava os problemas com que o País se debate», manifestando-se igualmente pela necessidade de demitir o Governo Balsemão.

CCTV da Imprensa

Proposta patronal não corresponde aos interesses dos trabalhadores

A contraproposta patronal para a negociação do CCTV da Imprensa e das Agências Noticiosas «não corresponde, de uma forma geral às pretensões e interesses dos trabalhadores».

afirma, em comunicado, a Federação Portuguesa dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa. No que diz respeito ao clausulado social, acrescentam os repre-

sentantes sindicais, «ignora as propostas sindicais e contrapõe de forma geral no sentido negativo de retirar ou limitar direitos e regalias dos trabalhadores» aplicando o argumento de remeter para a «lei geral». Ainda no que se refere às tabelas salariais a proposta das entidades patronais é de um aumento salarial de 17,5 % sobre os mínimos contratuais.

O mesmo comunicado refere

ainda que, no início das negociações, a comissão negociadora sindical propôs à comissão negociadora patronal que se desse prioridade à discussão das tabelas salariais, proposta não aceite. Desta forma, e para obstaculizar ao impasse, começou a discutir-se o clausulado. Por acordo, foram já retiradas algumas propostas patronais «de carácter duvidoso ou negativo», mantendo-se, nesses casos, o

Devido à anexação do Golã

Príncipe Fahd da Arábia Saudita adia visita aos Estados Unidos

O príncipe herdeiro Fahd da Arábia Saudita decidiu adiar indefinidamente a sua viagem aos Estados Unidos, devido aos acontecimentos no Médio Oriente e à situação internacional em geral, foi ontem anunciado oficialmente em Riade.

Um comunicado oficial ontem difundido acrescenta que Fahd comunicou a sua decisão ao presidente norte-americano, Ronald Reagan, alegando que a sua presença é requerida no reino saudita devido às actuais circunstâncias no Médio Oriente e no mundo.

O adiamento da visita, que estava marcada para 19 de Janeiro, foi anunciado cerca de hora e meia depois de o presidente sírio, Hafez Assad, ter deixado a Arábia Saudita a caminho do Kuwait.

Assad manteve conversações com o rei Khaled e com Fahd acerca da anexação por Israel dos montes Golã na Síria.

Assad no Kuwait

O presidente sírio, Hafez

Assad chegou ontem ao Kuwait, proveniente da Arábia Saudita, no âmbito de uma digressão pelo Médio Oriente.

Fontes governamentais disseram que nas conversações entre Assad e os dirigentes do Kuwait serão abordadas a situação no Médio Oriente e as relações bilaterais.

Em Damasco, funcionários governamentais sírios tinham dito que o principal objectivo da digressão de Assad era «proporcionar a coordenação e co-opeção entre os Estados árabes face às ameaças de expan-

sionistas sionistas».

A Síria condenou a anexação israelita dos montes Golã que considerou como uma declaração de guerra contra os árabes.

No Kuwait os editoriais dos jornais têm vindo também a referir-se à necessidade de uma maior coordenação entre as políticas árabes.

«Os árabes não precisam da bomba atómica para alcançarem o equilíbrio estratégico com Israel... o que eles precisam é de estabelecer entre si uma real e sincera solidariedade» — escrevia hoje o jornal «Al Qabas».

Zimbabwe

Mugabe anuncia revisão da política de conciliação

O governo zimbabueano terá de rever inevitavelmente a sua política de reconciliação nacional, declarou ontem à noite o primeiro-ministro Robert Mugabe, durante um banquete ao presidente Samora Machel.

Referindo-se, claramente aos membros do regime derrubado após a independência, Mugabe disse, sem citar nenhum nome em particular, que o que «tem contrariado o governo zimbabueano são as acções movidas por esses elementos reacçãoários e contra-revolucionários. Embora os tenhamos perdoado pelos seus crimes, pois podíamos tê-los fuzilado, continuam a prevaricar e a agir como agentes sui-aficanos» — disse. «Em vez de trabalharem pela construção da paz no nosso país, aceitando os nossos princípios de reconciliação nacional, prosseguiram, rejeitam-nos na prática e estão a actuar em conluio com os sul-

-aficanos para destruir a nossa convivência, sabotar a nossa economia, e derrubar o governo que eu lidero e que foi eleito pelo povo. Segundo Mugabe, é necessária a independência também económica. Destacou que a maioria dos recursos económicos no Zimbabwe estão firmemente nas mãos da grande burguesia, que num passado recente utilizava o seu poder político para oprimir as massas zimbabueanas. O governo não pode permitir uma situação «em que essa mesma burguesia continue a deter o monopólio do poder económico zimbabueano».

«Os nossos vastos recursos — disse — têm de passar para as mãos do povo, nomeadamente dos camponeses e da crescente classe operária». O governo anunciou um plano de desenvolvimento de transição nacional de três anos, e que marca uma

progressão definitiva em direcção à socialização da economia. Mugabe regressou ao Zimbabwe, depois de ter visitado Gaza, última etapa da sua viagem a Moçambique.

Depurações na Argélia

O Comité Central da Frente de Libertação Nacional (FLN) da Argélia decidiu terça-feira destituir deste órgão Abdaziz Boutefflika e Belaid Abdesslem, ambos ex-ministros — referem notícias difundidas em Paris.

A destituição destes dois partidários do falecido presidente argelino, Huari Boumediene, verificou-se três anos após a sua morte.

Já em Junho haviam sido destituídos do Comité Central outros quatro ex-colaboradores de Boumediene.

Boutefflika e Abdesslem foram

acusados de terem contribuído para o aumento da dívida externa argelina, de fomentarem unilateralmente a indústria pesada e de esbanjarem dinheiro do Estado.

Amnistia na Libéria

O presidente da Libéria, sargento Samuel Doe, concedeu uma amnistia geral a todos os exilados voluntários e a todos os presos políticos do seu país, excepto para três destes, entre os quais figura Benedict Tolbert, filho do antigo presidente William Tolbert, bem como o ex-vice-presidente, Bennie Warner.

Na sua mensagem de fim de ano, o presidente liberiano anunciou que o recolher obrigatório será suspenso no Natal e no dia de Ano Novo.

Richard Allen ilibado

O departamento de justiça norte-americano declarou fora de qualquer suspeita o conselheiro do presidente Reagan para os assuntos de Segurança Nacional, Richard Allen, que fora acusado de ter recebido três relógios de amigos japoneses.

O «attorney general» dos Estados Unidos, William Smith, anunciou na 4.ª-feira, efectivamente, não ter encontrado motivos para nomear um procurador especial para este caso, onde Allen era acusado de ter recebido prendas e cometido erros na gestão dos seus assuntos. Segundo William Smith, o inquérito demonstrou, sem margem para erros, que os relógios aceites por Allen tinham sido ofertas pessoais de amigos seus.

Recorda-se que os altos funcionários americanos não podem receber presentes de valor superior a 100 dólares. Há três semanas, a justiça americana concluiu também a favor da ilibação de Allen no caso de 1000 dólares recebidos por Allen, de jornalistas nipónicos, como agradecimento por uma entrevista dada pela esposa do presidente norte-americano.

O porta-voz adjunto da Casa Branca, Pete Russel, recusou-se, na 4.ª-feira, a formular qualquer comentário sobre essa decisão da justiça norte-americana. Allen encontra-se ainda em férias administrativas, há três semanas.



Final Allen não recebeu luvas. Ei-lo aqui feliz, rodeado pela família (Telefoto Upi/Anop/DL)

Reagindo à decisão do «attorney general», a Casa Branca declarou, na 4.ª-feira, que o presidente Reagan se sente «satisfeito» pelo facto de o departamento da justiça ter ilibado Richard Allen.

Outro inquérito

O departamento da Justiça anunciou que vai ser nomeado um procurador especial para in-

vestigar as actividades do secretário americano do Trabalho, Raymond Donovan, quando era um dos responsáveis numa empresa de construção no Estado de Nova Jersey.

Esta decisão foi tomada na sequência de alegações dum responsável do Sindicato da Construção Civil, Mario Monturo. Segundo este, Donovan teria estado presente em 1977 numa reunião em que outro responsável da companhia para a qual ele

trabalhava, a «Schivone Construction», teria pago dois mil dólares a um dirigente sindical, Luis Sanzo, em troca da paz social na empresa.

Donovan desmentiu com indignação tais alegações, qualificando Monturo de «mentiroso descarado e desprezível». Num comunicado divulgado ontem exprimiou satisfação pela nomeação do procurador especial, «única maneira de provar a falsidade destas alegações dum vez para sempre».

Ação, firmeza e Ocidente

O general Leopoldo Galtieri, novo presidente argentino, pronunciou ontem à noite em Buenos Aires a sua primeira mensagem ao país desde que tomou posse.

Na sua alocução, Galtieri anunciou que em matéria de política externa a Argentina «não cederá em coisa nenhuma os seus direitos soberanos à autodeterminação» e defenderá posições «nitidamente ocidentais».

O chefe do Estado exortou à austeridade e ao esforço, acrescentando: «Não pedimos no imediato aos cidadãos confiança e consenso. Isso ganha-se pelo exemplo, a coerência e a eficácia nos actos de Governo».

O general Galtieri afirmou, por fim, que «terminou o tempo das palavras e das promessas para dar lugar ao da firmeza e da acção».

Vaticano diz não às armas nucleares

A impossibilidade de sobrevivência da humanidade a uma guerra nuclear é demonstrada num documento da Academia Pontifical das Ciências divulgado ontem pelo Vaticano.

«As recentes declarações, segundo as quais uma guerra nuclear poderia ser ganha e que se poderia sobreviver-lhe apenas revelam deficiência na avaliação da realidade científica» — afirma o documento elaborado a pedido do Papa e que contou com a colaboração de 13 cientistas de várias nacionalidades.

«Qualquer guerra nuclear provocaria inevitavelmente a morte e o sofrimento em proporções e escala gigantescas sem que fosse possível uma intervenção médica eficaz», acrescenta o documento publicado no «L'Osservatore Romano».

Os cientistas calculam que, numa cidade de dois milhões de habitantes, uma só bomba nuclear de um milhão de toneladas provocaria morte de 250 mil pessoas e ferimentos graves em 500 mil e causaria a devastação completa num raio de 180 quilómetros.

«Trata-se não apenas dos mortos mas também das consequências que teria um bombardeamento nuclear sobre as condições de saúde dos sobreviventes destinados a morrer a curto prazo após sofrimentos atrozes, e sobre o ambiente biológico», sublinha a declaração.

«A impotência da assistência médica, aos feridos com queimaduras graves seria completa», dizem os cientistas que citam depois o testemunho de um médico japonês que presenciou o bombardeamento de Nagasaki pelos Estados Unidos, no qual foi utilizada uma bomba com uma potência de 20 mil toneladas de TNT.

«Mas — prossegue — as visões de horror não chegam para descrever o desastre humano que resultaria de um ataque contra um país com a acumulação actual de armas nucleares, que incluem milhares de bombas de uma potência de um milhão de toneladas de TNT ou mais».

Os cientistas referem depois a interrupção das comunicações abastecimento de alimento e água, a impossibilidade de prestar auxílio às vítimas sem uma exposição a radiações mortais, a «desagregação social», o surgimento de infecções generalizadas, lesões cerebrais irreversíveis para os fetos, multiplicação das formas de cancro e deteriorações genéticas para «as gerações vindouras, supondo que as houvesse».

O relatório observa que «mesmo que o ataque seja dirigido unicamente contra as instalações militares, as suas consequências seriam igualmente devastadoras para o conjunto do país atingido».



ABRIGOS ANTI ATOMICOS
Construção Federal da Suíça da pelouse.

Je desire recevoir votre documentation sur le ty je joins 29,20 F

abri 6 places NOM
abri 8 places ADRESSE
abri 10 places
abri 12 places
abri 14 places TEL.

CBI 6, rue du Génér 77170 Brié-Com

«Abrigos antiatômicos — construção do Departamento Federal da Protecção sob o relvado da sua casa» — eis o que propõe aos leitores. A troca de pouco leitores podem solicitar informações sol colha para 6, 8, 10, 12 ou 14 lugares. É t v. A guerra nuclear na Europa é uma hix conviver tranquilamente e para o qual através destes abrigos. A propaganda r quem pretende lançar a «guerra nuclear» também por este condicionamento pel.

«O exame objectivo da situação sanitária após uma guerra nuclear leva a uma só conclusão: a prevenção é o nosso único recurso», sublinha o relatório.

Ao divulgar o documento, o jornal do Vaticano salienta que ele foi entregue por delegações do Vaticano aos presidentes norte-americanos, britânicos, franceses e soviéticos, bem como ao presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, que «concordaram com a necessidade de uma acção directa para sensibilizar a consciência universal dos homens sobre o problema da paz».

«Com esta iniciativa (...) o Santo Padre, quis salientar a ausência total de alternativa à hipótese de uma guerra nuclear que não seja a redução, hoje, e a eliminação, amanhã, de todas as armas nucleares, efectuada simultaneamente por todas as partes, mediante acordos concretos e com o compromisso de submissão a controlos eficazes».

O relatório — que aborda exclusivamente os aspectos médicos e genéticos das consequências do emprego da

Pentágono desmente execução de Dozier

A notícia da execução do general James Dozier pelas «Brigadas Vermelhas», comunicada terça-feira em Beirute, foi desmentida categoricamente pelo departamento da defesa americano.

«Tal informação é pura fantasia e totalmente falsa», declarou um porta-voz do Pentágono, recusando-se a tecer mais comentários.

A condenação à morte e execução do general Dozier, reportado na passada quinta-feira em Verona, fora anunciada em telefonema anónimo recebido na delegação da agência italiana «ANSA» em Beirute.

Investigadores disseram ontem esperar que os raptos do general norte-americano James Dozier difundam em breve um novo comunicado in-

A situação na Polónia A situação na Polónia A situação

Milícia e exército evacuaram siderúrgia de Huta Katowice

— detidas 357 pessoas

A milícia e o exército fizeram cair um dos principais focos da resistência polaca, ao evacuar na quarta-feira, a enorme siderúrgia de Huta Katowice, a maior do país, e que o antigo chefe do Partido Comunista polaco, Edward Gierak, pretendia transformar na maior da Europa.

Segundo a emissora polaca, dois mil operários encontravam-se ali, desde a semana passada, «retidos contra a sua vontade pelos terroristas da comissão local do Solidariedade» e «puderam regressar aos lares» após a intervenção das «forças da ordem» sem que tivesse havido feridos a lamentar.

«Vários trabalhadores tinham conseguido, antes, escapar do perímetro do complexo» — acrescentou a emissora estatal polaca, esclarecendo que foram presas 357 pessoas, enquanto as restantes estavam a ser procurados no imenso estaleiro. Foi aberto um inquérito, adiantou ainda rádio Varsóvia.

Na passada segunda-feira a agência noticiosa soviética TASS afirmara que membros do Solidariedade se tinham barricado dentro de Huta Katowice e ameaçavam fazer explodir os altos-fornos se as forças da ordem ali entrassem.

Até agora, rádio Varsóvia utilizava a fórmula geral de «forças da ordem» e, no seu relato sobre o tiroteio na mina Wujek, que se saldou por sete mortos, segundo números oficiais, falara de «funcionários da milícia, feridos».

Após a desocupação de Huta Katowice, as duas minas ocupadas de Tychy (Piast e Ziemowit) continuam a ser os únicos focos de tensão abertamente evocados pela emissora polaca, que deixou de evocar a mina Anna, cuja ocupação fora anunciada acidentalmente. Rádio Varsóvia mantém-se silenciosa acerca da situação real em várias das principais fábricas polacas.

Em Piast, 1587 mineiros con-

tinuam nas galerias subterrâneas que desde há dez dias ocupam. Segundo rádio Varsóvia, os mineiros seriam impedidos de subir, à superfície por um «grupo de extremistas».

Segundo um jornal de Katowice, citado por rádio Varsóvia, os grevistas de Piast exigem o levantamento do estado de sítio, a libertação de todas as pessoas «internadas» e a imunidade para todos os que participam na ocupação da mina.

Na outra mina ocupada, a de Ziemowit, continuam no fundo das galerias 1002 mineiros.

Jaruzelski com intelectuais

Os rigores do estado de sítio são impostos para preservar o futuro do país e o processo de renovação, afirmou o general Jaruzelski, antes de pedir aos cientistas, intelectuais e artistas que «trabalhem para salvar a pátria, reforçar o Estado e construir uma plataforma de entendimento social e patriótico».

O prof. Hieronim Kubiak, membro da comissão política do Partido Operário Unificado, e Mieczysław Rakowski vice-presidente do conselho, participaram neste encontro, que terminou com uma discussão sobre as tarefas dos meios científicos e universitários nas condições do estado de sítio.

Os participantes expuseram os pontos de vista dos meios a que estão ligados, a respeito dos acontecimentos, que ocorrem no país, salientando em particular a necessidade de ganhar a confiança da sociedade, indicou ainda a rádio polaca.

Apelo ao consenso

«O futuro da Polónia encontra-se nas mãos dos que

produzem, mas depende igualmente muito do que será a resposta ao apelo do general Jaruzelski pelos intelectuais polacos», indicou rádio Varsóvia, captada hoje pelos serviços de escuta da BBC em Londres.

Citando artigos publicados neste últimos dias pelo jornal do exército polaco «Zolnierz Wilnosci», a rádio prosseguiu: «Se é verdade que a força impôs a obediência à lei e aos princípios da coexistência social, também é verdade que é impossível resolver as causas desta crise pela força, como declarou no seu discurso o general Jaruzelski».

«A força e a lei marcial, conseguiram vedar o caminho à anarquia, às greves, à violência, aos roubos e à especulação», salientou ainda a emissora.

Os polacos «compreenderam que conseguimos evitar pagar o preço mais elevado, o que o primaz da Polónia (mons. Glemp) considerava como o pior dos males, ou seja o que teria podido ser uma luta fratricida», conclui rádio-Varsóvia.

Entretanto, algumas unidades do exército polaco entram de licença de 23 a 26 de Dezembro para as festividades do Natal, soube-se ontem em Bona de fonte próxima dos serviços de informação oeste-alemães.

«A situação parece relativamente mais calma, declarou à agência «France Presse» uma fonte segura, e um certo número de unidades polacas formadas por soldados do contingente que não tiveram férias em Setembro como estava previsto, entrarão de licença para as festividades». «É impossível dizer quanto tempo durará esta trégua mas provavelmente, em todo o caso, do Natal ao Ano Novo. Não temos nenhum indicio, por outra parte, esclareceu a mesma fonte, de movimentos de tropas soviéticas no interior ou no exterior da Polónia».

Igreja quer diálogo

O secretário da Conferência Episcopal Polaca, Monsenhor Bronislaw Dabrowski, ao deixar Roma com destino a Varsóvia, declarou que «O papel da Igreja na Polónia, neste momento é de fazer recomendar o diálogo entre as duas partes. A igreja é uma mãe que tem de salvar todos os seus filhos».

Em Roma, uma fonte polaca afirmou que o conselho social, que funciona junto do primaz da Polónia, obteve já resultados, nomeadamente melhores condições de detenção para certos prisioneiros.

Este conselho, presidido por Stanislaw Stomma, antigo deputado católico de Znak, existia antes da instauração do estado de sítio e acaba de ser reativado, precisa a mesma fonte.

O «conselho» está em contacto com o presidente do «Solidariedade» Lech Walesa, adiantou a mesma fonte.

Reunião do POUN de Gdansk

A situação na Voivodia (região) de Gdansk é «complexa» e exige uma abordagem «resoluta e reflectida» ao mesmo tempo, comentou Tadeusz Fiszbach, primeiro secretário do POUN de Gdansk, na reunião de ontem naquela cidade com vários responsáveis locais do partido.

Os directores e as organizações do partido nas empresas industriais têm que concentrar os seus esforços na preparação do reatamento do trabalho, que deve dar-se depois das festas, disse o primeiro secretário do partido de Gdansk.

Entretanto, rádio-Varsóvia, citando um comentário do gabinete de Imprensa do Governo polaco, anunciou que na primeira semana da lei marcial

foram saneados quatro governadores de província, três governadores adjuntos e 77 presidentes de municípios.

Segundo a emissora, captada pela BBC, também foram demitidos dos seus cargos funcionários municipais e comunais e houve mudanças de pessoal em 29 províncias.

A rádio acrescenta que estas mudanças de pessoal vão prosseguir e frisa que «a lei marcial as acelerou, mas de que qualquer modo se viriam a verificar».

Sindicalistas condenados à prisão

Três militantes do «Solidariedade» foram condenados a três anos de prisão e privados dos seus direitos civis por dois anos, anunciou, ontem, a TV polaca, captada em Londres pelos serviços de escuta da BBC.

Citando um comunicado do gabinete do procurador-geral, a televisão precisou que o tribunal provincial de Czeszochowa tinha infligido esta pena a dois sindicalistas, Witold Strak e Teresa Staniewska, acusados de terem organizado uma greve. O terceiro, Grzegorz Glapinski, foi condenado à mesma pena e a uma multa de 10 mil zlotys, pelo tribunal de Slupsk, por ter tentado assaltar uma cooperativa.

Os procuradores-gerais e militares instruíram respectivamente os processos de 22 e 26 pessoas durante as últimas 24 horas, acrescenta o comunicado, que faz uma lista dos acusados.

Entre as acusações feitas contam-se «agressões» a soldados, actividades sindicais diversas, pintura de «slogans hostis», criação de comités de resistência, distribuição de comunicados aos soldados e apelos à greve.

Reagan anunciou suspensão de cooperação económica

O presidente Ronald Reagan anunciou, ontem à noite, a suspensão dos principais aspectos das relações económicas entre os Estados Unidos e a Polónia.

Num discurso de Natal pronunciado na Casa Branca, Reagan precisou, nomeadamente, que os Estados Unidos suspenderam a linha de crédito do banco de importação-exportação ao Governo polaco.

Além disso, os Estados Unidos vão tomar outras medidas: suspensão dos privilégios da aviação civil polaca nos Estados Unidos; suspensão do direito da frota de pesca polaca operar nas águas de pesca americanas; proposta aos aliados dos Estados Unidos de aumentar as restrições sobre as exportações de tecnologia de ponta para a Polónia.

Recordando que o Governo americano já tinha suspendido os envios de auxílio alimentar à Polónia, Reagan precisou: «Estas medidas não são dirigidas contra a Polónia, mas constituem um aviso ao Governo polaco de que homens livres não podem permanecer passivos quando se vêem confrontados

com uma repressão brutal».

Reagan acusou nominalmente a União Soviética, dizendo que «os acontecimentos trágicos em curso na Polónia foram acelerados por uma pressão pública, assim como secreta, por parte da União Soviética». «Os cartazes que anunciavam a lei marcial na Polónia foram impressos na União Soviética em Setembro passado» — acusou o presidente americano.

Reagan precisou que enviou uma carta ao presidente soviético Leonid Brejnev, «instando-o a permitir que sejam restaurados os direitos fundamentais na Polónia de harmonia com a acta final de Helsínquia».

Nesta carta ao dirigente soviético, o presidente Reagan informou-o que se esta situação continuar, «aos Estados Unidos só restará o recurso de tomar outras medidas concretas, políticas e económicas, no tocante às suas relações».

Reagan precisou também que escreveu ao general Jaruzelski para o informar das medidas que tomou.

Posição de Bona

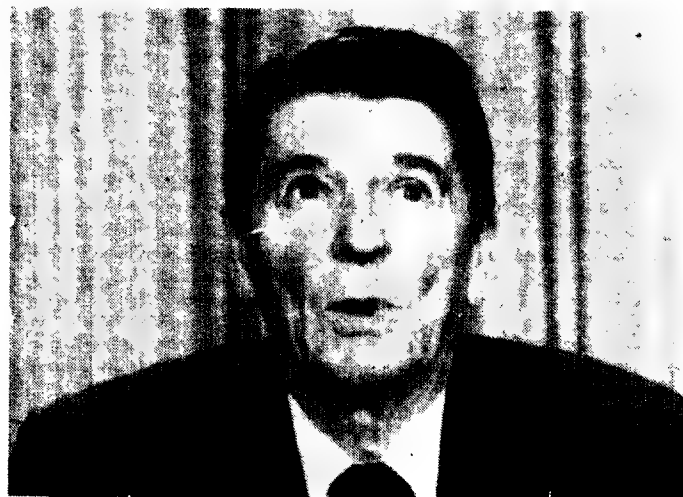
Um porta-voz alemão federal

acentuou ontem a necessidade de desdramatizar a situação na Polónia e exortou o Ocidente a reagir cautelosamente à actualização dos novos dirigentes militares polacos.

«A política da Alemanha Federal destina-se a evitar um agravamento da crise na Polónia provocado do exterior e a evitar complicações que poderiam produzir resultados contrários aos desejáveis» — disse Lothar Ruehl, na sua conferência de Imprensa semanal. «De momento não há razão para conclusões dramáticas» — frisou Ruehl, acrescentando que a política do Governo de Bona é de «reserva, moderação e cuidado».

Contudo, fontes oficiais em Bona disseram como ontem noticiámos que Genscher avisara Eagleburger dos perigos de uma «reacção excessiva» e sobre o perigo de reacender o conflito polaco.

Genscher terá defendido a opinião de que o general Jaruzelski, primeiro-ministro polaco, não fora instrumento da União Soviética a declarar a lei marcial, tentando, pelo contrário, evi-



No seu discurso de Natal, o presidente norte-americano Ronald Reagan anunciou a suspensão da cooperação económica com a Polónia. (Telefoto UPI/ANOP/DL)

tar o pior: uma intervenção soviética.

O ministro teria também defendido que sanções ocidentais à Polónia dificultariam a Jaruzelski cumprir a sua promessa de prosseguir com o movimento de reformas depois de levantada a lei marcial.

Ruehl referiu-se igualmente a este aspecto, salientando que existiam forças positivas e negativas a exercerem influência na Polónia, sendo a questão fundamental a de saber «quais desses elementos se imporão».

Embaixador polaco pede asilo

O embaixador da Polónia em Tóquio, Zdzislaw Ruraz, pediu asilo político aos Estados Unidos segundo declarou hoje a Rádio japonesa. Desconhece-se ainda se o seu pedido foi aceite pelas autoridades americanas. Contudo, e após idêntica atitude tomada para com o ex-chefe da missão diplomática polaca em Washington, pensa-se que Ruraz obterá o consentimento americano.

exclusivo

Brasil

Um mosaico de raças com grandes problemas de integração

Mário Osava

IPS



Negros brasileiros no trabalho

RIO de Janeiro - Constituída basicamente por brancos chegados de Portugal, por negros trazidos como escravos oriundos de África e por índios aborígenes, a população brasileira é um mosaico de diversos tipos étnicos, com um elevado índice de mestiçagem. Neste quadro, os numerosos imigrantes europeus, árabes e asiáticos que chegaram ao Brasil, sobretudo na segunda metade do século passado e na primeira metade do actual, contribuíram em grande medida para a diversificação étnica e para as grandes diferenças regionais no que se refere aos aspectos populacional e cultural.

Segundo a imagem oficial difundida pela informação estatal, principalmente através da educação, todas as raças e povos oriundos de todas as partes do mundo convivem harmoniosamente no Brasil. No entanto, diversos movimentos e manifestações de grupos minoritários revelam a subsistência de muitos problemas de integração. Estes movimentos ganharam uma crescente importância no país e estão a impulsionar uma revisão da história, realizada até hoje pela população branca, na qual se escamoteia a participação dos outros grupos que compõem a população nacional, discriminando-os.

No dia 20 de Novembro último teve lugar uma grande mostra de afirmação da população negra, assinalando-se essa data como o «dia nacional da consciência negra». Nas principais capitais e cidades das regiões onde os negros constituem uma componente importante, realizaram-se festas, actos de protesto e comemorações.

Calcula-se que os negros e mulatos do país são cerca de 45 milhões de pessoas, ou seja, 37 por cento da população brasileira. Este enorme sector concentra-se fundamentalmente no Estado da Baía, no nordeste do

país, mas estão disseminados por todas as regiões e é mais numeroso nos sítios onde foi mais intensa a utilização do trabalho «escravo», quer nas minas de ouro, no cultivo da cana-de-açúcar ou no do café.

Nos últimos anos tem vindo a assistir-se no Brasil à gestação dum forte movimento negro e em todo o país foram criados dezenas de grupos e associações que advogam por uma afirmação cultural da população de origem africana e contra a discriminação de que o negro é objecto. Embora a legislação brasileira condene o racismo, a discriminação racial existe de facto no país, o que contribui para que a imensa maioria da população negra careça de condições para subir socialmente.

A presença dos negros na universidade é ínfima e são raros os que foram aceites no seio das restritas elites nacionais. Por vezes, são vítimas de humilhações. Actualmente, várias organizações de negros encontram-se a discutir uma nova legislação antidiscriminatória que, num futuro próximo, será remetida ao Parlamento. A este respeito, uma jurista negra, Eunice Aparecida de Jesus, que participa na elaboração do projecto de lei, sustenta que a actual legislação, adoptada em 1951, não responde às expectativas da população negra. Nessa lei, o racismo não se caracteriza como um crime, mas meramente como uma infracção penal, isto é, uma transgressão equivalente à condução de um automóvel sem carta.

O que os negros desejam é caracterizar o racismo como um crime contra as pessoas, como um acto que afecta a integridade física e moral da pessoa humana. De acordo com esta caracterização, os negros querem que a discriminação racial esteja sujeita a sanções. No que respeita à integração da comunidade nacional, o problema mais grave é o dos índios, embora estes constituam uma pequena parte da população. Os índios, são apenas umas 200.000 pes-

soas que vivem sob a tutela do Estado - considerados como menores de idade, sem responsabilidade civil - em reservas indígenas ou em territórios virtualmente virgens da Amazónia.

Estima-se que na época em que chegaram os portugueses ao Brasil, no ano de 1500, havia em território nacional mais de cinco milhões de índios. Ao revoltarem-se perante a escravatura implantada pelos colonizadores brancos, foram submetidos a um extermínio sistemático, em consequência da guerra ou das doenças trazidas pelos europeus, contra as quais não dispunham de anticorpos de defesa. Todavia, actualmente há no interior da Amazónia tribos indígenas sem qualquer espécie de contacto com a «Civilização». Porém, o avanço da fronteira agrícola e a penetração dos «garimpeiros» (pesquisadores de pedras preciosas) estão a reduzir os espaços virgens. E não é raro que se produzam conflitos armados com os índios.

Perante isto, os índios e as associações de antropólogos e de defesa do índio reclamam a demarcação das reservas indígenas como uma medida peremptória para evitar que este extermínio prossiga.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão do Ministério do Interior, incumbido da tutela dos índios e demarca das suas reservas. Mas a sua actividade, dirigida por coronéis do Exército,

converteu-se no alvo de duras críticas dos principais interessados na questão, isto é, os próprios índios, e as associações que se dedicam ao problema.

Por outro lado, os imigrantes e seus descendentes concentraram-se no sudeste e Sul do País. Os mais numerosos são provenientes de Itália, Alemanha, Espanha, Países Árabes (sobretudo sírios e libaneses), Japão, Portugal, Polónia e Ucrânia.

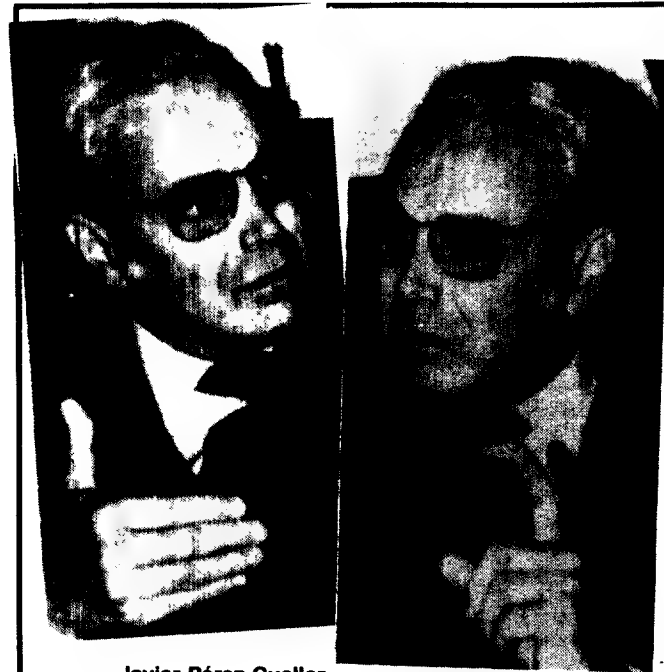
Geralmente os imigrantes misturam-se entre a população brasileira, intensificando assim a diversificação de tipos étnicos e a mestiçagem. Porém, nalguns casos, dada a grande concentração de imigrantes duma mesma nacionalidade em algumas regiões, não pode todavia falar-se de uma integração. Este é, por exemplo, o caso de alemães e japoneses, que constituem a maioria da população em alguns distritos.

Este facto determina a sobrevivência da cultura trazida do país de origem dos imigrantes, com um total predomínio das línguas e costumes estrangeiros, além de instituições próprias, como o ensino, que propicia que mantenham as suas características de origem.

Estes grupos são, todavia, muito escassos e significam muito pouco dentro dum país de 120 milhões de habitantes que constituem um verdadeiro recipiente de raças e povos.



Índia brasileira



Javier Pérez Cuellar



Quem é o novo secretário-geral das Nações Unidas?

Javier Pérez de Cuellar, de nacionalidade peruana, eleito por aclamação Secretário-Geral das Nações Unidas pela Assembleia Geral, em 15 de Dezembro de 1981, desempenhou recentemente as funções de Representante Pessoal do anterior Secretário-Geral, Kurt Waldheim, para a questão do Afeganistão e de Secretário-Geral Adjunto para os Assuntos Políticos Especiais.

Advogado e diplomata de carreira, ocupou também o cargo de embaixador do Peru na Venezuela, na U.R.S.S., na Polónia e Suíça e bem assim o de Representante Permanente do seu país junto das Nações Unidas e de Representante Especial do Secretário-Geral da ONU em Chipre.

Pérez de Cuellar ingressou no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Peru em 1940 e na carreira diplomática em 1944, tendo desempenhado funções de secretário nas embaixadas do seu país em França, Reino Unido, Bolívia e Brasil e de conselheiro na embaixada do Peru no Brasil.

De 1964 a 1966, foi embaixador do Peru na Suíça. Posteriormente foi nomeado subsecretário e secretário-geral permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Pérez de Cuellar foi o primeiro embaixador do seu país na U.R.S.S., onde permaneceu de 1969 a 1971, acumulando esse posto com o de embaixador na Polónia.

Fez parte da primeira delegação peruana na primeira Assembleia Geral das Nações Unidas em 1946 e das delegações do seu país em todas as Assembleias Gerais compreendidas entre a vigésima quinta e a trigésima quinta. Em 1971, foi designado Representante Permanente do Peru junto das Nações Unidas e chefe das delegações daquele país até 1975. Em 1973 e 1974, desempenhou igualmente as funções de representante do seu país no Conselho de Segurança. Era Pérez de Cuellar presidente deste Conselho quando eclodiu a crise no Chipre de 1974. Em 18 de Setembro de 1975, foi nomeado Representante Especial do Secretário-Geral em Chipre, cargo que ocupou até 1977.

Mais tarde, Pérez de Cuellar desempenhou as funções de embaixador do Peru na Venezuela, após o que foi designado Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas para os Assuntos Políticos Especiais, em 27 de Fevereiro de 1979. A partir de Abril de 1981, acumulou esse cargo com o de Representante Pessoal do Secretário-Geral para o Afeganistão. Nessa qualidade, visitou o Paquistão e o Afeganistão, em Abril e Agosto de 1981, a fim de prosseguir as consultas iniciadas pelo próprio Secretário-Geral uns meses antes.

Em 31 de Maio de 1981, resignou do cargo de Secretário-Geral Adjunto para os Assuntos Políticos Especiais, continuando, no entanto, a exercer funções de Representante Pessoal do Secretário-Geral para a questão do Afeganistão. Depois de abandonar as Nações Unidas, reingressou no Ministério dos Negócios Estrangeiros do seu país.

Foi professor de Direito Diplomático na Academia Diplomática do Peru e professor de Relações Internacionais na Academia de Guerra Aérea do Peru e é autor dum manual de Direito Diplomático (1964).

Pérez de Cuellar nasceu em Lima, no Peru, em 19 de Janeiro de 1920 e licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Lima, em 1943. É casado com a senhora Marcela Temple, de seu nome de solteira, e tem uma filha e um filho.

DESPORTO

Carlos Manuel "brasileiro"

O-benquista Carlos Manuel interessa ao Vasco da Gama, indicam informações recolhidas em círculos futebolísticos brasileiros.

Fontes ligadas aquele clube do Rio de Janeiro disseram que o seu homem forte, António Soares Caloada, mantém o seu interesse na colaboração do médio do Benfica e da selecção nacional portuguesa.

O Vasco da Gama está a reforçar a sua equipa, para tentar a conquista da Taça de Ouro do nacional brasileiro de futebol.

Um sonho antigo do Vasco é ter um «craque» português nas suas fileiras, afirma-se nos círculos cariocas do futebol e a actual situação de Carlos Manuel, resultantes de declarações públicas que lhe criaram mau ambiente na Luz, poderia vir a facilitar a transferência para o Vasco da Gama.

Inácio recupera em casa

Inácio abandonou ontem a clínica João de Deus, em Lisboa, onde no dia 18 foi operado ao menisco.

Inácio poderá passar o Natal com os seus familiares, prosseguindo os tratamentos em casa, onde se deslocará com frequência o massagista do Sporting Manuel Marques.

O futebolista leonino sofria de uma desinserção do menisco e teve de ser submetido a uma intervenção cirúrgica que decorreu normalmente.

É de crer que o Sporting possa contar de novo com o seu internacional e defesa esquerdo na última semana de Fevereiro, embora a recuperação de campo deva começar bastante mais cedo.

Belenenses empata com super-reserva benfiquista

A equipa de reservas do Belenenses foi ontem empatar à Luz por 2-2 no único encontro da 9.ª jornada do Campeonato de Reservas da Associação de Futebol de Lisboa. Ao intervalo o resultado era marcado já pelo empate (então a uma bola).

As equipas alinharam: BENFICA: Botelho (Jorge ao intervalo); Carlos Pereira, Laranjeira, Frederico (Bancalheiro aos



Inácio: Natal em casa

55 m) e João António; Carlos Manuel I, Carlos Manuel II e Padinha; César, Folha e Jorge Gomes.

BELENENSES: Jacinto João (Quim 38 m); Paulo Vilar (Dama 78 m), Sérgio, Luís Horta e Pedro; Silva Rocha, Djaló e Paulo Ferreira; Bonito, Osvaldo e Américo.

Nota curiosa da jornada com a recusa do Sacavenense em jogar com o Sporting, no pelado. Inicialmente, o clube de Alvalade tinha marcado o encontro para o relvado mas, posteriormente, decidiu transferi-lo para o pelado.

Classificação actual deste campeonato de reservas coloca ainda o Benfica em 1.º, com 19 pontos, seguindo-se-lhe, Sporting, 17; Belenenses, 14; Estoril, 13; Amadora, 13 e Sacavenenses, 12.

Castigos federativos

Um único jogador da 1.ª Divisão, José Carlos, do Sporting de Braga foi punido pela acção disciplinar da FPF, com um jogo de suspensão.

Nos escalões secundários, a pena mais elevada nem sequer vai para um jogador, mas para o delegado do Mirandela ao encontro da 13.ª jornada. Ameaças de agressão ao trio de arbitragem valem a este dirigente (?) três meses de suspensão.

Belenenses-Amora: Dia do clube

O Belenenses escolheu para dia do clube o do seu próximo encontro com o Amora, domingo, a contar para o Campeonato Nacional. Como é hábito, nestes casos, os sócios terão de se munir de um bilhete que custará cem escudos.



Carlos Manuel: o «Vascão» parece ter o olho nele

Para o «Mundial»

Nova Zelândia quer jogar em terreno «neutro»

A Federação Neozelandesa de Futebol pediu para ser alterado o local do jogo entre a China e a Nova Zelândia que decidirá a vigésima quarta e última equipa para a final do Mundial de 82 em Espanha.

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) marcou para Kuala Lumpur, Malásia, em 9 de Janeiro, a partida que decidirá o segundo apurado pela Zona Asia-Oceania.

Os dirigentes do futebol neozelandês afirmam que o jogo terá de se disputar em campo totalmente neutro e alegam que na Malásia existe uma importante colónia de emigrantes chineses. Para a Nova Zelândia, e uma vez que em todos os países da região os emigrantes chineses são em elevado número, o jogo deveria ser marcado para um local fora da zona Asia-Oceania.

A Federação solicitou à FIFA a alteração do local, sugerindo designadamente a Espanha como cenário da partida.

Levski lidera

O Levski lidera, após a décima quinta jornada, o Campeonato Búlgaro de Futebol da primeira divisão, que será interrompido pelo Inverno até 28 de Fevereiro.

Em dois jogos da décima quinta jornada os resultados foram os seguintes: Haskovo - Levski, 2-2; Beroe - Trakia, 1-1.

Classificação actual: 1.º, Levski, 22 pontos; 2.º, Cska, 20; 3.º, Slávia, 20; 4.º, Chernomorets, 19; 5.º, Cherno More, 19; 6.º, Etur, 19; 7.º, Lokomotiv, 18; 8.º, Haskovo, 15; 9.º, Delastitsa, 11; 10.º, Trakia, 11; 11.º, Spartak, 11; 12.º, Beroe, 11; 13.º, Marek, 11; 14.º, Silven, 10; 15.º, Botey, 10; 16.º, Akademik, 9.

Miljanic promove «miúdo»

O seleccionador jugoslavo de futebol Miljan Miljanic tenciona

incluir um estudante de 16 anos, Mitar Mrkela, na lista dos 40 candidatos para o Mundial-82 em Espanha — noticiou a imprensa de Belgrado.

O jovem avançado do SC Belgrado, que completou 16 anos em Outubro, será o mais jovem futebolista jugoslavo do pós-guerra a ser seleccionado para os trabalhos da equipa nacional.

Markela deu entrada segunda-feira num hospital de Belgrado para receber tratamento a uma lesão no nariz, ocorrida na sequência de um incidente no liceu que frequenta.

«Bola de ouro» assenta em Maradona

O avançado do Boca Juniors e da Selecção da Argentina, Diego

Maradona, recebeu ontem à noite em Buenos Aires a «Bola de Ouro», atribuída por jornalistas desportivos ao «futebolista do ano».

Há poucos dias Diego Maradona já havia sido distinguido pelo conjunto da Imprensa desportiva que lhe concedeu o troféu «Olimpia de Plata».

Outras personalidades do mundo do futebol foram igualmente recompensadas ontem à noite: César Menotti, director técnico da selecção da Argentina, Carlos Griguol, director técnico do Ferrocarril Oeste, vice-campeão da Argentina, o árbitro Teodoro Nitti, a senhora Amália Lacroze de Fortabat pela sua dedicação para com o futebol argentino, o guarda-redes Carlos Barisio (Ferrocarril) por ser o menos batido, Boca Juniors e River Plate.

Atletismo

Odivelas-Loures ainda comporta inscrições

Mais de dois mil atletas participam dia 17 de Janeiro na quarta corrida Odivelas-Loures-Odivelas, revelou um elemento da organização.

A prova, que apresenta um percurso de 18 quilómetros, é organizada pelo Centro do Desporto Popular de Odivelas em colaboração com a Câmara Municipal de Loures e a revista Spiridon.

As inscrições encerram-se a 11 de Janeiro.

Carlos de Oliveira: ainda o estado de coma

Os médicos do atleta brasileiro João Carlos de Oliveira, vítima de um acidente de viação, disseram que o atleta se mantém em estado de coma.

Um médico revelou que Oliveira, 27 anos, que sofreu múltiplas fracturas, vive com a ajuda de um aparelho de respiração artificial.

«O que nos preocupa mais é uma séria lesão interna nos pul-

mões», adiantaram os médicos do recordista mundial do triplo salto.

João Carlos de Oliveira, considerado o melhor atleta da América Latina, sofreu o acidente quando regressava a casa de um banquete em Campinas, onde discursou perante um grupo de novos professores de educação física.

Oliveira é recordista mundial do triplo salto com 17,89 m, marca obtida em 1975 durante os Jogos Pan-Americanos no México.

FORÇA AÉREA PORTUGUESA

CONCURSO DE ADMISSÃO N.º 19/81

Escriturários Dactilógrafos

Torna-se público que as provas do concurso de admissão de escriturários dactilógrafos realizam-se em:

LISBOA — Depósito Geral de Adidos da Força Aérea (Paço do Lumiar — carreira de autocarros n.º 7B, entre Sete Rios e Alvalade): dias 28, 29 e 30 de Dezembro de 1981 e 4 a 9 de Janeiro de 1982.

Há 4 sessões diárias, com 90 candidatos por sessão, com início às 09 h., 11 h., 14 h. e 16 h.

MONTE REAL — Base Aérea n.º 5: dia 5 Jan. 82, às 09 h.

S. JACINTO — Base Operacional de Tropas Para-Quedistas n.º 2: dia 5 Jan. 82, às 09 h.

BEJA — Base Aérea n.º 11: dia 5 Jan. 82, às 09 h.

Os candidatos são chamados por ordem alfabética dos nomes. As listas dos candidatos admitidos a concurso estão patentes nos locais indicados e na Direcção do Serviço de Pessoal (R. Rodrigues Sampaio, 99 1100 LISBOA).

SERRA DA ESTRELA-ALGARVE



você que pretende organizar um passeio faça já a sua reserva do autocarro

AV. CASAL RIBEIRO N.º 18-B 5.º PISO LISBOA (TEL.: 57 06 56)

DESPORTO

8600 km por estradas africanas

Três equipas portuguesas no Rallye Paris-Dakar

Três equipas portuguesas, em viaturas UMM inscritas pela equipa Cigarettes SG Gigante, estarão presentes no Rallye Paris-Dakar uma prova de 8.600 quilómetros que principia no primeiro dia do ano próximo, na Praça da Concórdia, em Paris. José Megre- Manuel Romão, Pedro Cortez-Joaquim Miranda e Diogo Amado-Pedro Vilas Boas, serão os protagonistas desta aventura desportiva através do Norte de África, juntamente com mais de 400 outros participantes, entre os quais se contam nomes famosos dos rallyes e da Fórmula 1, como é o caso do belga Jacky Ickx.

A prova terá uma duração de 20 dias durante os quais os participantes terão que sujeitar-se às mais duras condições. Apenas haverá um descanso de dois dias entre as etapas Gao-Mopti e Mopti-Gao, mas que naturalmente pouco descanso dará aos concorrentes que ainda se encontram em prova.

Sem pretensões de figurarem

entre os possíveis ganhadores as equipas portuguesas são apesar de tudo constituídas por elementos dos quais é justo esperar um bom comportamento.

José Megre é um reputado técnico há muitos anos ligado à preparação de carros de competição e simultaneamente um bom piloto ainda que nunca tivesse feito uma carreira regular.

Manuel Romão, igualmente técnico ligado ao sector automóvel, possui uma vasta experiência desportiva.

Quanto a Pedro Cortez é um dos mais brilhantes pilotos portugueses de rallyes dos últimos anos e ao mesmo tempo um excelente conhecedor de mecânica.

Diogo Amado e Pedro Vilas Boas são os menos experientes no campo desportivo mas nem por isso deixam de contar com algumas condições favoráveis. O primeiro é um jovem técnico da UMM, que conhece por isso em pormenor a máquina que vai conduzir. Pedro Vilas Boas é en-

genheiro electrotécnico e ao que dizem explorador nos tempos livres o que não deixa de ser útil nos desertos africanos.

Um conjunto de marcas tornou possível esta aventura. A Tabaqueira, que já tem o seu SG Gigante comercializado em França e agora procura novos mercados, patrocinou a equipa, a Koni através dos seus representantes em Portugal forneceu os amortecedores, a Autosil todos os componentes eléctricos Cibi e Jaeger, a Centrel forneceu os equipamentos de rádio para as comunicações entre as viaturas, a NEV forneceu os capacetes e a Cinefoto Avis o material fotográfico para utilizar durante a prova.

Depois de uma ligeira correcção em que foram suprimidos os trajectos junto à fronteira da Líbia, o percurso final passou a ser o seguinte: 1 de Janeiro - Paris, Olivet, Toulouse (750 km); 2 de Janeiro - Toulouse, Les Garrigues, Sète (400 km); 3 - Travessia Sète, Alger; (4 - Alger, Blida, Médéa, Bou Saada, Ouled

Djellal (470 km); 5 - Ouled Djellal, Touggourt, Guerara, Hassi Messaoud (391 km); 6 - Hassi Messaoud, Hassi Bel Guebbour, Les 4 Chemins (421 km); 7 - Les 4 Chemins, In Ecker, Tit (728 km); 8 - Tit, Timéaouine (540 km); 9 - Timéaouine, Gao (740 km); 10 - Repouso; 11 - Gao, In Tellit, Ndaki, Gossi, Mopti (885 km); 12 - Mopti, Bandiagara, Ouahigouya, Mont Hombori, Gao (665 km); 13 de Janeiro - Repouso; 14 - Gao, Tombouctou (425 km); 15 - Tombouctou, Niono (55 km); 16 - Niono, Nioro du Sachel (517 km); 17 - Nioro du Sachel, Kayes, Kidira (356 km); 18 - Kidira, Tambacounda; Kounhgueul (311 km); 19 - Kounhgueul, Linguère, Dara, Louga, Tiougoune (343 km); 20 - Tiougoune, Dakar (140 km).

As equipas portuguesas têm os números 216 (José Megre - Manuel Romão), 217 (Pedro Cortez-Joaquim Miranda) e 218 (Diogo Amado - Pedro Vilas Boas).

Fórmula Um

Prémio na Argentina cumpre calendário

O Grande Prémio da Argentina de Fórmula Um decorrerá como estava previsto no dia 7 de Março de 1982, declarou em Buenos Aires, Juan Manuel Bordado, um dos dirigentes do Automóvel Clube da Argentina (ACA) e representante no seu país da «FISA».

O dirigente do ACA reconheceu que o Grande Prémio da Ar-

gentina suscitava um interesse maior no seu país depois da decisão de Reutemann de continuar na competição pela marca «Williams».

Anteriormente houve dúvidas sobre a realização do Grande Prémio da Argentina, devido às dificuldades económicas do país.

Basquete

Brasileiro no Figueirense

José Pedrosa, brasileiro, 21 anos, 2,04 m de altura, é o novo

reforço do Ginásio Figueirense para a segunda fase do «Nacional» de Basquetebol.

Pedrosa, que actuava no Tennis Clube de São Paulo na posição de poste, foi internacional júnior pelo Brasil e vem cre-

enciado como jogador de largo futuro.

O jogador deve estar na Figueira da Foz na próxima segunda-feira, integrando-se, desde logo, na preparação da equipa com vista ao reinício do campeonato.

MICROSEPIO

Homens de força

O halterofilista soviético Israil Arsamakov melhorou o seu

recorde mundial júnior do aranco da categoria de 82,5 quilos, ao levantar 173,5 kg. A anterior marca de Arsamakov era de 173 quilos. O máximo foi estabe-

lecido em Donetsk, durante a «Taça da URSS». Por seu lado, o também soviético Adam Sadulaev estabeleceu um novo recorde do Mundo do «arrache» na categoria de 90 kg, com um le-

vantamento de 186 kg. Adam Sadulaev (25 anos) melhorou de 0,5 kg o anterior recorde, que pertencia ao búlgaro Glagol Glagoev, com 185,5 kgs.

Caminhos de Ferro Portugueses

FESTAS DO NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS

Informam-se os srs. Passageiros de que no período do Natal Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até 6 de Janeiro de 1982.

Entretanto serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25 e 31 de Dezembro e 1 de Janeiro de 1982.

Para informações mais detalhadas, os srs. Passageiros devem consultar as nossas Secções de Informações e os Avisos afixados nas estações.

Câmara Municipal do Seixal AVISO

Torna-se público, que se encontram abertos cursos públicos, até ao próximo dia 30, para as seguintes categorias:

Calceteiro de 3.ª classe — vencimento mensal 13 400\$;

Ajudante de calceteiro — vencimento mensal 12 200\$;

Asfaltador de 3.ª classe — vencimento mensal de 12 800\$;

Ajudante de asfaltador — vencimento mensal de 11 500\$;

Cabouqueiros de 2.ª classe — vencimento mensal de 12 200\$.

Os interessados deverão endereçar os seus pedidos, em papel selado, ao Presidente da Câmara, com a assinatura sobre estampilha de 100\$00.

Para mais esclarecimentos contactar o serviço de pessoal da Câmara Municipal.

Seixal, 21 de Dezembro de 1981

O Vereador, servindo de Presidente da Câmara
António Pires de Matos

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 19 DE 27 DEZEMBRO.

Rádio Totobola, x21 121 1xx 11xx; Correio de Coimbra, 121 1x1 121 1211; Correio do Vouga, x21 1x1 11x 1111; Defesa de Espinho, 121 121 1xx 1x1x1; O Distrito de Portalegre, 121 121 111 1xx1; Folha do Domingo, 121 111 1x1 12x1; O Jornal de Felgueiras, x21 121 1xx 1211; O Jornal da Lixa, x21 1x1 1x1 1xx1; Jornal de Sintra, x2x 11x 1x1 11xx; Jornal Linhas de Elvas, 121 111 1x1 11xx; Litoral, 121 1x1 11x 1x11; Maria da Fonte, x21 1x1 122 2x11; Jornal a Voz das Beiras, 121 11x 111 1x2x; RDP/Centro/Diário Desportivo, 121 1x1 111 11xx; Diário de Lisboa, x21 1x1 1x1 21x1; RDP/Secção Desportiva, x21 1x1 1xx 1x11; RDP/Grafonola Ideal, x21

121 121 x2x2; Rádio Renascença/Secção Desportiva, 121 111 1x2 1x21; Rádio Renascença/Música e Não Só, x21 1x1 11x 2111; Reconquista de Castelo Branco, x21 1x1 1x1 1111; Jornal do Sul, 221 121 111 1x11; O Norte Desportivo, 121 121 121 xxx1; A Voz do Domingo/Coluna Desportiva, xx1 1x1 1x1 2x11; A Voz do Domingo/Palpações, 121 111 111 2111; Notícias de Felgueiras, x2x 1x1 1x1 xxx1; Diário de Coimbra, 1x1 1x1 1x1 2111; Ecos do Cacia, x21 1x1 12x 1111; Jornal da Beira, x21 121 11x 11x1; Notícias de Guimarães, 2x1 122 1xx 1x11; Eu Sei Tudo, 121 121 1xx xxx1; Jornal de Gaia, 121 1x1 1x2 11x1; Re-

senha Desportiva, 121 1x1 1x1 11x1; Quadrante Norte, x21 111 11x 2111; Repórter do Dia, 121 1x1 1x1 22x1; A Voz dos Ridículos, 221 1x1 1xx 11x1; Jornal da Graça, 121 1xx 121 1x1x1; O Primeiro de Janeiro, 121 1x1 1x1 21x1; O Comércio de Leixões, 221 121 11x 1xx1; Penalti, 122 121 211 12x1; Manchete Desportiva, x22 2x1 211 1x2x; Estúdio 64, 1x1 1x1 12x 1x11; Rádio Placard, x2x 12x 1x1 12x1; Notícias de Évora, x21 1x1 111 11xx; Alvo Desportivo, 1x1 111 111 xx11; Jornal de Notícias, x21 1x1 1xx 1x11; Rádio Alvo, x21 121 1xx 12xx; A Voz do Ave, 2x1 111 111 1111; Jornal o Porto, xx1 1x1 1x1 1111.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 a)
1. ESPINHO - BOAVISTA	21	22	5	5	6	1
2. PENAFIEL - BENFICA	0	7	41	1	2	10
3. SETÚBAL - PORTIMONENSE	42	3	3	10	1	1
4. BRAGA - U. LEIRIA	45	3	0	11	1	1
5. A. VISEU - GUIMARÃES	10	23	15	3	6	3
6. BELZENENSES - ANDARA	42	5	1	10	1	1
7. PORTO - RIO AVE	46	0	2	11	1	1
8. LEIXÕES - VARZIM	16	25	7	4	6	2
9. GIL VICENTE - SANJOANENSE	28	17	3	7	4	1
10. LEÇA - BRAGANÇA	30	9	9	8	2	2
11. RIO MAIOR - NAZARENOS	23	17	8	6	4	2
12. OLIVEIRENSE - O. DO BAIRRO	17	28	3	4	7	1
13. NACIONAL - U. MADEIRA	38	9	1	9	2	1

a) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
X21 1X1 1X1 11X1

Sete milhões vendidos em 1981

“Boom” dos discos portugueses

Com sete milhões de discos vendidos, entre singles, LP's e cassetes, a indústria discográfica portuguesa termina o ano de 1981 praticamente sem conhecer qualquer crise.

O número exacto de discos produzidos, somente títulos estrangeiros, é quase impossível de saber, mas uma coisa é certa: dos sete milhões de discos, cassetes e LP's vendidos (quase um disco para cada português), a predominância do comprador foi para o «rock», seja ele de língua anglo-saxónica ou para o chamado «rock» português.

Durante o ano que passou foram lançados mais de cinco mil títulos de músicas, entre os singles, triplicando para o caso dos LP's chegando quase aos 20 mil títulos de canções.

A indústria discográfica atravessou o ano cheia de optimismo, com as principais fábricas a trabalharem a 100 por cento, mesmo aos fins de semana. Os resultados são satisfatórios: um disco LP chega ao comprador por menos de 400 escudos, tornando-se assim um dos poucos produtos de consumo que praticamente não aumentou em 1981. Além disso, um disco fabricado em Portugal é o mais barato da Europa.

Devido a isso, muitos discos portugueses foram colocados fora do mercado nacional, dirigindo-se fundamentalmente para a Inglaterra. O resultado foi

imediato: as potentes editoras inglesas protestaram contra as suas representantes portuguesas, reflectindo, assim, um sintoma da crise discográfica no resto da Europa.

A Stiff — editora britânica, virada para a «New-wave» e o «reggae» — retira a representação em Portugal; a Virgin, outra etiqueta inglesa, troca o seu representante em Portugal; a Sire, norte-americana, poderá passar para a Warner Brothers; cria-se uma editora independente, a Cliché, que passa a representar pequenas editoras inglesas e norte-americanas.

Como se não bastasse, a multinacional CBS ainda não definiu em que moldes se irá instalar em Portugal, embora tenha adquirido um prédio em Benfica e prometer «estoirar» entre Fevereiro e Março de 82 com novidades.

Mas com a instalação de CBS, a etiqueta norte-americana também muda de mãos, deixando a Valentim de Carvalho, casa que foi representante durante vários anos daquela que foi considerada uma das primeiras etiquetas independentes do mundo, mas hoje a casa de grupos como Police, Supertramp, Squeeze, Joan Armstranding, entre outros.

Enquanto a indústria discográfica termina o ano em alta, o mesmo não se pode dizer dos concertos ao vivo. Estranho movimento este: em 1980 Portugal

surge para os grupos de «rock» de várias partes do mundo como «um País a conquistar», obrigando as editoras a correrem e acompanharem os lançamentos das bandas que se apresentavam em Lisboa. As etiquetas foram obrigadas ainda a mudarem todo o seu esquema, inclusive, a deixarem os artistas que vinham a Lisboa com seu «play-back» para cantarem na televisão.

Mas em 1981 os concertos foram poucos e as editoras voltaram a chamar os artistas para virem a Lisboa, em promoção, como foram os casos dos Psandau Ballet, Lourenço Santa Maria, Pedro Marin, Johnny Warman, Sheena Easton, Chris de Burgh, Fischer-z, Duran-Duran, Classix Nouveaux, Kim Wilde e Rick Wakemann.

Os concertos ao vivo, ao contrário de 1980, concentraram-se principalmente em Lisboa e depois Porto: em Lisboa estiveram os Blues Band, Magna Carta, Telephone, Camel, Tubes, Clash, Iggy Pop, Wilko Johnson, Dexty's Midnight Runners, Ian Dury, Gnrchooses e Tom Robinson.

1981 traz também, com sucesso, os brasileiros Caetano Veloso, Paulino da Viola, Ivan Ling, Joyce, Tania Maria, Gilberto Gil e muitos prometem vir em 82, como Maria Bethania, Ney Matogrosso, Rita Lee e Milton Nascimento, mostrando uma nova tendência do público para

este tipo de «shows», cujos bilhetes foram bem mais caros que os concertos de «rock».

Em 1980 os concertos de «rock» levaram aos diversos pavilhões portugueses mais de 300 mil pessoas. Em 1981, este número desceu para 100 mil espectadores, facto este que se deve às más organizações destes concertos, como as Camel em Março, quando um «show» em Cascais acabou por não se realizar e os dos Tubes, em Maio, no Pavilhão de Alvalade, onde havia mais público que a capacidade do recinto. Por coincidência, o organizador dos concertos foi o mesmo.

O que acontecerá em 1982? Além da vinda de vários brasileiros, pouco se sabe quanto aos grupos de «rock». As diversas organizações preferem o silêncio e só revelam seus espectáculos quando eles estiverem minimamente garantidos.

Porque noites em Cascais como as dos Clash, dos Dexty's de Ian Dury ou de Gilberto Gil no Coliseu dos Recreios, provaram que em 1981 a música em Portugal ainda é um mar a conquistar.

Resta saber se depois de conquistar o mar musical português, tal mar, por uma dessas insólitas catástrofes ecológicas a que os tempos modernos nos habituaram, não se volverá em pântano, e as pessoas — sempre musicalmente falando — em rãs, ou pior, em sapos.



Costa Ferreira, Francisco Costa, Alda Rodrigues, Gilberto Gonçalves e Márcia Breia num ensaio de «O Labirinto de Creta»

Cornucópia em ensaios

Depois de quase um ano de apresentação de «Não se Paga! Não se Paga!» a Cornucópia entra agora na fase final de preparação do seu próximo espectáculo: «O Labirinto de Creta» de António José da Silva (O Judeu). A Cornucópia pretende com o espectáculo continuar o trabalho que tem vindo a fazer na história da «comédia». A preparação da peça O Judeu torna-se excepcionalmente complicada porque a encenação pretende recriar tanto do ponto de vista cenográfico como musical o ambiente desta «ópera» portuguesa da primeira parte do século XVIII. A música foi composta por Paulo Brandão a partir da música da época. A direcção vocálica do espectáculo é de Maria João Serrão. O espectáculo será acompanhado ao cravo por Irene Mello. A cenografia é de Cristina Reis. A encenação é de Luís Miguel Cintra. Participa no espectáculo todo o elenco da compa-

nhia: Alda Rodrigues, Dalila Rocha, Márcia Breia, Raquel Maria, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra e Rogério Vieira e ainda Costa Ferreira que é cedido pelo Teatro Nacional D. Maria II.

Entretanto a Cornucópia vai acolher na sua sala o grupo de teatro para crianças «O Bando» com quem várias vezes tem já colaborado e que neste momento luta com graves problemas de sala. O Bando apresentará no Teatro do Bairro Alto «Caras ou Coras».

A partir do dia 28 de Dezembro também estará em cena na Sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto um espectáculo de Rogério Vieira: «Memórias de uma Mulher-Fatal» de Augusto Sobral. Trata-se de um dos projectos individuais que a SEC subsidiou durante o presente ano e que a Cornucópia acolhe no seu programa.

II Congresso dos Escritores em Fevereiro

Problemas especificamente literários e questões sócio-profissionais serão debatidas no Segundo Congresso dos Escritores Portugueses a realizar em Fevereiro em Lisboa — anunciarão ontem os responsáveis.

Elementos das comissões nacional e executiva do Congresso divulgaram em conferência de imprensa os quatro temas objecto de comunicações e teses: questões estético-literárias, questões da literatura portuguesa, as literaturas de língua portuguesa e o escritor e a sociedade portuguesa.

O tratamento do primeiro tema não obriga a áreas prévias.

No segundo serão abordados temas genéricos de literatura portuguesa, a literatura durante o fascismo (censura), autocensura (formas de ocultação da mensagem, etc.), e a literatura após o 25 de Abril.

O terceiro tema inclui as seguintes áreas: especificidades nacionais nas várias literaturas de língua portuguesa, intercâmbio das várias literaturas de língua portuguesa, estudos comparativos em literatura de língua portuguesa e intercâmbio edito-

rial entre os países de língua portuguesa.

O quarto tema prevê comunicações e teses sobre a situação sócio-profissional do escritor (direitos autorais, a edição, segurança social e impostos), relações escritor-leitor, a participação organizada do escritor na vida cultural do país, a problemática dos novos escritores, os escritores nos órgãos de comunicação social e no sector editorial, a literatura portuguesa contemporânea nos programas escolares (critérios de selecção de obras) e a situação e perspectivas da literatura infantil-juvenil em Portugal.

O temário foi concebido pela direcção da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e pela Comissão Executiva do Congresso mas as comunicações poderão ser apresentadas por qualquer escritor, seja ou não sócio da APE.

Esta organização de classe convidou os seus cerca de quinhentos associados a participarem nos trabalhos e ainda mais de cem outros escritores não sócios.

«Queremos que o Congresso seja aberto a todos os escritores portugueses, sem discriminações de natureza estética ou ideológica, salvo evidentemente os casos de simpatia fascista» — disse na conferência de imprensa o presidente da APE, Urbano Tavares Rodrigues.

A mesma ideia foi de uma forma ou outra sublinhada pelos restantes membros da mesa no encontro como os jornalistas (Alexandre Babo, Manuela de Azevedo e Carlos Eurico da Costa).

Foram convidados a participar nos trabalhos, com o estatuto de observadores, representantes de todos os países de expressão portuguesa e ainda escritores de 11 outros países: França, Espanha, Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca, União Soviética, Holanda, Bulgária e República Democrática Alemã.

Os países estrangeiros convidados foram os que anteriormente abriram congressos seus de escritores a representantes da APE.

Editores e livreiros portugueses deverão igualmente participar no Congresso, que se realiza

nos dias 26, 27 e 28 de Fevereiro presumivelmente na Fundação Gulbenkian e cujo programa prevê actividades paralelas.

Tais manifestações incluirão espectáculos de Ballet, Teatro, Música e Canto, recitais de poesia, exposições de pintura, escultura e manuscritos.

A Comissão Executiva está ainda a estudar a criação de um Prémio Nacional do Romance e da Novela cujo estatuto será apresentado no decorrer dos trabalhos.

O Congresso é apoiado pela SEC (através do Instituto do Livro), pelo Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, pela Sociedade Portuguesa de Autores, pela Associação de Editores e Livres e pela Gulbenkian.

Os responsáveis afirmaram que este Segundo Congresso dos escritores portugueses pretende, para além dos objectivos enumerados, constituir um ensaio para a realização a curto prazo de uma iniciativa da mesma natureza, mas alargada aos problemas de todos os países de expressão portuguesa.

Venha cantar connosco — a TV da amizade

Muito se falou, e provavelmente muito se irá cantar, das «canções de amizade e convívio» da cerveja Sagres.

A propósito do 40.º Aniversário daquela marca, a Cinevoz, uma agência de publicidade que há doze anos presta serviço à Sagres, lembrou-se de promover um certame entre cerca de 40 compositores de música portuguesa. Aceite a ideia, convidando os autores, apresentadas e seleccionadas as canções (com o único critério da adequação ao regulamento), restaram 16, com as quais se produziu um programa de Televisão e um disco, ambos com o título «Venha Cantar Connosco».

A gravação deste programa de Televisão, realizada há dias na Cervejaria Portuguesa foi um acontecimento. O trabalho começa «a frio», com os artistas e os coros a

«cantar para a Televisão». Mas, algum tempo depois, todas as pessoas envolvidas (e são mais de 100) esqueceram as câmaras e o programa e deixaram-se empolgar pelas canções, pelos poemas, pelo convívio humano e... talvez pela cerveja.

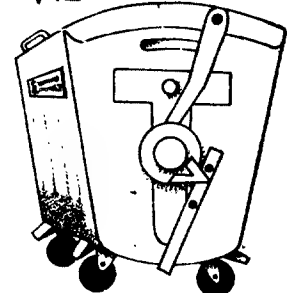
As imagens captadas, de toda uma sala a cantar em coro, a «balançar» com a música, são do mais fascinante até hoje conseguido em Portugal. O realizador Luís Andrade conseguiu um programa notável pelo ritmo e pela beleza dos enquadramentos.

As canções são interligadas por Tossan, o célebre contador de histórias (ele próprio canta uma canção).

A emissão de «Venha Cantar Connosco» é no próximo dia 26 à noite, no 1.º Canal — um programa a não perder.

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

CML



proteja a sua saúde
mantenha
a tampa fechada



Boas-
-Festas

A GERÊNCIA DA CHURRASQUEIRA DO CAMPO GRANDE DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS FELIZ NATAL E UM NOVO ANO CHEIO DE PROSPERIDADES.

ADÓQUE
teatro

INFANTIL

TEL. 874476

«TEATRINHO»

AMANHÃ
DIA DE
NATAL
MATINÉE
ÀS
15.00



SÁBADO
MATINÉE
ÀS
16.00
•
DOMINGO
ÀS
14.30

UM MUSICAL INFANTIL COM UMA GRANDE PINTAROLA!

Em OLHÃO o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA MODERNA

21.^a SEMANA

um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência

MIU-MIU
MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

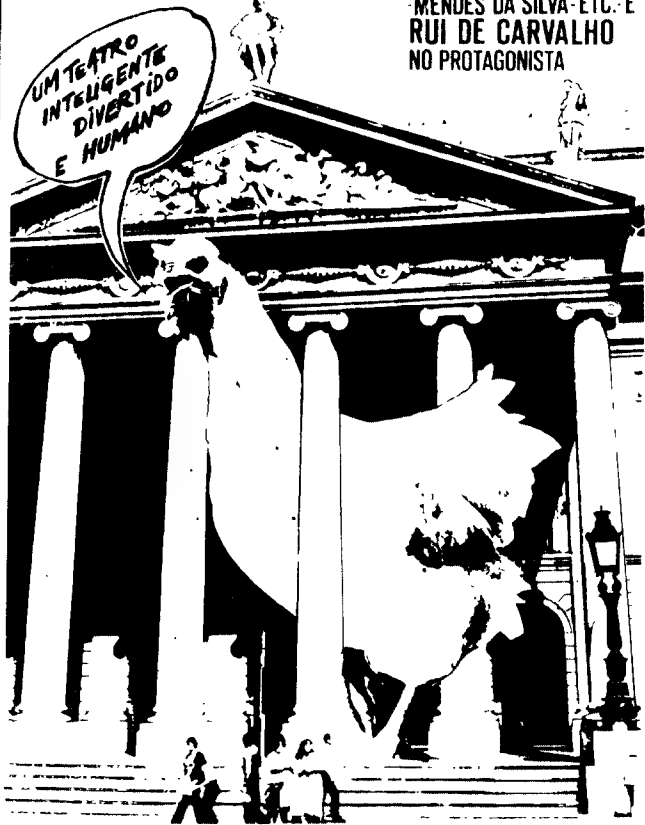
HOJE NÃO HA ESPECTACULO
AMANHÃ SÓ AS 16 HORAS

Rómvlo o grande

DE
DÜRRENMATT

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
DAVID MOURÃO-FERREIRA
CENARIOS E FIGURINOS
OCTAVIO CLERIGO
MUSICA
FERNANDO GUERRA
ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO
VARELA SILVA

com
MANUEL COELHO IGOR
SAMPAIO VICTOR RIBEIRO
FERNANDA BORSATTI
MARIO PEREIRA ALBERTO
VILAR RUY DE MATOS
ANTONIO SARMENTO
CARLOS CABRAL CARLOS
PIMENTA LUIS BANDEIRA
MEENDES DA SILVA-ETC. E
RUI DE CARVALHO
NO PROTAGONISTA



Matinées, Sábados e Domingos às 16 horas. Preços de 100\$00 (3.º Balcão) a 200\$00 (Plateia). Redução de 50% a estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas. Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos. Descanso da Companhia a Segunda-feira.

PÔR DO SOL BENAVENTE

Faça o seu fim de ano em ambiente castiço.
Jantar ou ceia tipicamente ribatejano cantares
e danças regionais
Marque a sua mesa pelo telf: 52546-BENAVENTE

CASA BERNINA

LISBOA, PORTO, COVA DA PIEDADE,
BARREIRO, AMADORA, TORRES NOVAS,
PORTIMÃO

*Deseja aos seus Ex.mos Clientes um Natal Feliz e
um Ano Novo cheio de prosperidades.*

A EXCEÇÃO
E A REGRA

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

tradução
LUIS FRANCISCO REBELLO

cenários
NUNO AMORIM

direcção musical
BERNARDINO NASCIMENTO

**GRUPO DE
CAMPOLIDE**

DIA 31 às 20.30 e 22 h.
DIA 1 às 18 e 21.45 h.
DIA 2 às 21.45 h.
DIA 3 às 16 e 21.45 h.

Dia 31 às 22 h.

GRANDE "SHOW" DE FIM DE ANO COM

PAULO DE CARVALHO • VITORINO e o bando da planície
ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA • CARLOS PAREDES
FERNANDO FARINHA • JOSÉ VIANA e DORA LEAL
HENRIQUETA MAYA • ISABEL BAHIA • CONJUNTOS
"A PLEBE" e "ABRIL ABRIL" • LE-A-FAR
MANUEL MAIA • MACEDO E BRITO • JORGE MATIAS.
E MUITOS OUTROS ARTISTAS.

**SORTEIO DE: 1 SEMANA NA MADEIRA (AG. VISA
DE ALMADA), 1 SEMANA NO ALGARVE (CITUS)
E MUITOS OUTROS PRÉMIOS OFERECIDOS POR
STUDATA, ISOTELAS, MÓVEIS OLAI, EDITORIAL
CAMINHO, "O PONTO", SINODOCE, ETC.**

SERVICO DE BAR

RESERVAS E MARCAÇÕES PELO TEL. 275 2175

DIA 1 às 16 Horas **ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS**
"O ESPANTA PARDAIS", de Maria Rosa Colaço.
SORTEIO DE UMA BICICLETA VILAR, oferecida por CICLO AREIRO

RN

VIAGENS E TURISMO VIAGENS DE NATAL

Natal Medieval em Torre de Nevões

— 24 a 26 6 750\$00
Almoço Mistério (Dia de Natal) 1 600\$00

VIAGENS

DE FIM DE ANO

Fim do ano no Hotel Tivoli-Sintra
— 31/12 e 1/1 6 450\$00
Fim do ano na Serra da Estrela
— 31/12 a 2/1 5 350\$00
Fim do ano em Madrid — 31/12 a 3/1 7 250\$00
Almoço Regional (dia de Ano Novo) 1 500\$00

RN

Informações e Reservas:
RN VIAGENS E TURISMO — Claras Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
TEL. 560015 — 563451/2

A EXCEÇÃO
E A REGRA

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

tradução
LUIS FRANCISCO REBELLO

cenários
NUNO AMORIM

direcção musical
BERNARDINO NASCIMENTO

**GRUPO DE
CAMPOLIDE**
TEATRO ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

DIAS 25 e 27
às
16 H. e 21 e 45



**Caminhos de Ferro.
Portugueses**

CENTRO COMERCIAL DO BARREIRO

Aceitam-se inscrições para a exploração das lojas
que constituirão a 2.^a fase, designadamente para os
seguintes ramos de actividade:

- Electrodomésticos
- Ferragens e Ferramentas
- Artesanato
- Macrobótica
- Florista
- Cabeleireiro — Homem/Senhora
- Lãs e Retrosaria
- Menage e Cutelaria

INFORMAÇÕES

Serviço Comercial da Região Sul
Rua da Recosta 2830 Barreiro
Telefone — 2073028



AV. PRAIA DA VICTORIA 37

ELE VOLTOU PARA LHE DAR FESTAS DIVERTIDAS



**TERENCE
HILL** / **BUD
SPENCER**

CÓPIA NOVA

ÀS 14.15 • 16.30 • 19 E 21.30
EM 2.^a SEMANA

pessoas & factos



“A informática em Portugal” debatida em Mesa-Redonda

«A informática em Portugal» foi o tema de uma mesa redonda realizada no Grémio Literário, sob coordenação do dr. Mário Valadas, e que contou com a participação de individualidades pertencentes a diversas empresas, designadamente a Centrel, Sorefame, EDP, CTT/TLP, Processa, Banco Pinto & Sotto Mayor e Departamento de Planeamento do Ministério das Finanças e do plano.

Os temas propostos foram «A implantação da Informática nas empresas portuguesas — situação actual e perspectivas futuras» e «A influência da Informática no desenvolvimento socioeconómico do País».

Como ponto de partida para a discussão destes temas foram utilizados alguns resultados de um inquérito à situação da Informática em Portugal, realizado pela Norma em Junho passado, e que cobriu cerca de 2000 empresas e organizações portuguesas.

Covina debateu sector vidreiro

Mais de 200 elementos ligados ao sector vidreiro — da produção ao retalho — estiveram reunidos com responsáveis da Covina, para debaterem os vários aspectos da actividade vidreira com particular incidência nas potencialidades do novo Climasol, um enviaçador isolante termoacústico, produzido por aquela empresa, cuja tecnologia acaba de ser mais uma vez recompensada com a recente atribuição do Prémio Internacional de Tecnologia.



Agentes da Bosch visitaram o México

Um grupo de clientes da Bosch visitou a convite daquela empresa a Cidade do México, Cuernavaca, Taxco e Acapulco. A viagem, concretizada no âmbito da «Accao Mexico 81», permitiu o convívio dos agentes da Bosch e o contacto com a cultura do país.

NCK e Siboney duas grandes da publicidade assinam acordo de cooperação

A NCK Organization Ltd., grande agência de publicidade com sede em Nova Iorque e a Publicidade Siboney, agência latino-americana com sede em Caracas, assinaram um acordo de cooperação formal que prevê a futura tomada pela NCK de uma posição no capital da Siboney. Esta última agência tem um

volume de facturação anual de 45 milhões de dólares e escritórios em 12 países das Caraíbas, América Central e América do Sul. A NCK factura anualmente 402 milhões de dólares e actua em 20 países, incluindo os Estados Unidos, Canadá, México, Caraíbas e Europa. Como resultado desta as-

sociação, um conjunto de clientes de ambas as agências passará a ser apoiado por um só grupo na Europa, América Latina e Caraíbas.

Em Portugal, a NCK está representada pela Cies-NCK, agência que ocupa um lugar destacado no mercado português.

RESTAURANTE SONICRIST

- Exposição permanente de velharias e antiguidades
- Cozinha Regional
 - Mariscos
 - Serviços de gelados
 - Grelhados a carvão

ESPECIALIDADES

- Strogonof
- Cordon bleu
- Wiener Schnitzel
- Tournedo

Rinchoa — Rio de Mouro (Junto à estação)

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 2961450
RECORTE ESTE ANÚNCIO E TERA O DESCONTO DE 10%

TEATRO MESTRE GIL
Apresenta
a revista à portuguesa



NA FILARMONICA
DA AMADORA

Rua Elias Garcia, 142 - Tel. 93 45 61

TODOS OS DIAS AS 21.30 h
DOMINGOS E FÉRIAS AS 16 h
DESCANSO AS 17 FÉRIAS

A bilheteira abre às 18 horas

Bem-vindos ao Clube dos Malandrecos Frequência Altamente Selecta O Serviço é Horrroso, e a Loucura Contagiosa



O Clube dos "Malandrecos"

A Jon Peters Production
"CADDYSHACK"

CHEVY CHASE · RODNEY DANGERFIELD · TED KNIGHT
MICHAEL O'KEEFE e BILL MURRAY em Carl

Canções Originais de KENNY LOGGINS · Música Composta por JOHNNY MANDEL
Argumento de BRIAN DOYLE-MURRAY & HAROLD RAMIS & DOUGLAS KENNEY · Produtor Executivo JON PETERS
Produção de DOUGLAS KENNEY · Realização de HAROLD RAMIS

Thru WARNER BROS. A Warner Communications Company

An ORION PICTURES Release

AMANHÃ ESTREIA

ÀS 15-17-19

21.30 E 23.30 NO

cine estudio
erminal

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Um ser de corpo e alma, entre o amor,
as paixões, o dinheiro, o poder, a Imprensa...



ROMY SCHNEIDER
A BANQUEIRA
LA BANQUIERE

Entre duas guerras, nos anos loucos de Paris,
uma bela mulher domina os destinos da Banca.

MARIE-FRANCE PISIER · CLAUDE BRASSEUR · JEAN CARMET
JEAN-CLAUDE BRÉALY · JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
um filme de FRANCIS GIROD

estudio
RUCRUCRUCRU

7.ª SEMANA

estudio
444

EASTMANCOLOR

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

sacil

RN

SERVIÇO EXPRESSO
«OESTE LITORAL»

Início em 14 de Dezembro de 1981

	(A)		(B)		
08.30	17.00	19.30	Lisboa	08.30	11.30
10.10	18.40	21.10	Caldas da Rainha	06.50	09.50
10.23	18.53	21.23	Alfeizerão	06.37	09.37
10.40	19.10	21.40	Nazare	06.20	09.20
10.52	19.22	21.52	Patalas	06.08	09.08
11.05	19.35	22.05	M. Grande	05.55	08.55
11.22	19.52	22.22	V. Leiria	05.38	08.38
11.30	20.00	22.30	Monte Real	05.30	08.30
11.40	—	—	M. Redondo	—	15.50
11.48	—	—	Guia	—	15.42
11.53	—	—	Mat. Carriço	—	15.37
12.00	—	—	Lourical	—	15.30
13.00	—	—	Coimbra	—	14.30

(Viagens diárias)

- (A) — Efectua-se às sextas-feiras, excepto quando este dia coincide com um feriado, neste caso antecipa para quinta-feira.
(B) — Efectua-se às segundas-feiras, excepto quando este dia coincide com um feriado, neste caso passa para terça-feira.

RN

INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:
LISBOA — Gare RN — Av. Casal Ribeiro Telef. 577715
PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE AS AGÊNCIAS
E FILIAIS RN.



MINISTÉRIO DA INDUSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-J.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portalegre em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2223, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Reguengo, concelho de Portalegre, de uma linha aérea a 30 KV, com 2208 m, do poste n.º 12 da linha Portalegre-Elvas ao PST n.º 802 de Biquinha.

Linha aérea a 30 KV com 707 m, do poste n.º 10 da linha para o PST n.º 802 de Biquinha ao PT n.º 804 de Ribeira de Seda.

Linha aérea a 30 KV com 1781 m, do PST n.º 802 de Biquinha ao PT n.º 803 de Lameira e Montinho.

Linha aérea a 30 KV, com 728 m, do poste n.º 11 da linha para o PT n.º 803 de Lameira e Montinho ao PT n.º 805 de Briando.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 14 de Dezembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



JULIO IGLÉSIAS

ESQUECE-TE DE VIVER

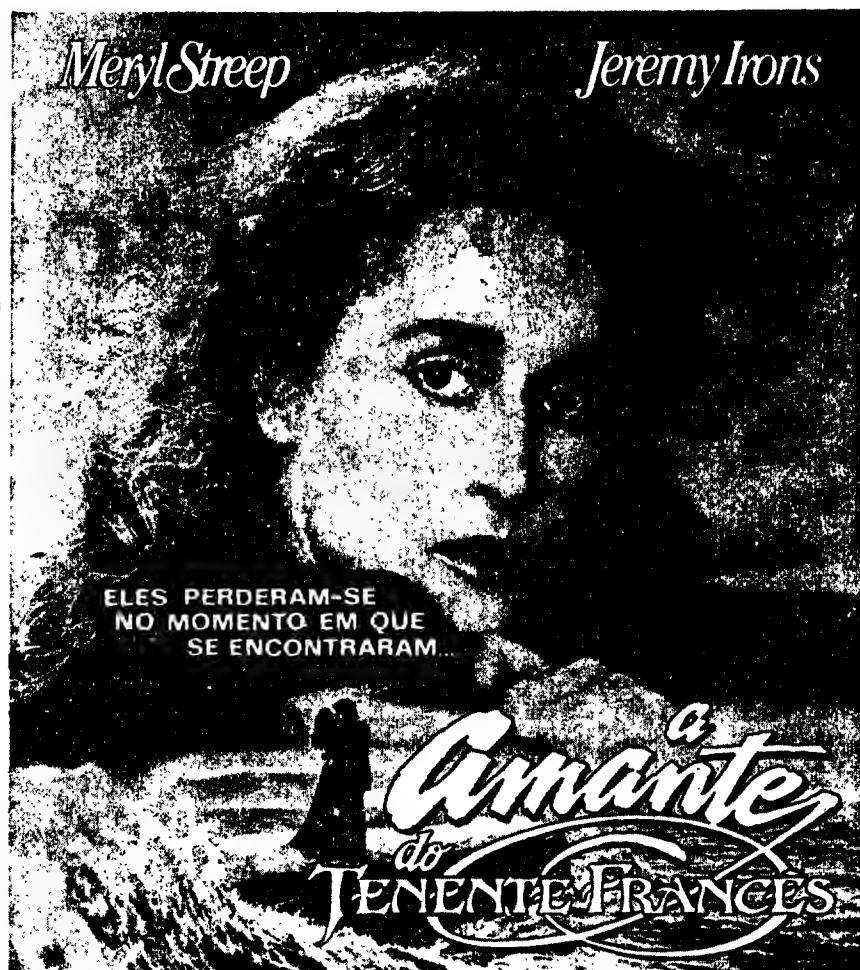
UM FESTIVAL DE BELAS CANÇÕES QUE NÃO ESQUECEM!

GRANDE ÊXITO

EM 5.ª

SEMANA NO

ODEON

O PASSADO E O PRESENTE
ENCONTRAM-SE NA MAIS
FASCINANTE HISTÓRIA DE AMOR...

MERYL STREEP JEREMY IRONS num filme de KAREL REISZ "THE FRENCH LIEUTENANT'S WOMAN"
Argumento baseado no livro de LEO MCKERN HAROLD PINTER JOHN FOWLES CARL DAVIS LEON CLORE KAREL REISZ
Produção de Realizador
TECHNICOLOR United Artists

SÃO JORGE 1

FILME DE QUALIDADE

AMANHÃ
À 1.ª MATINÉE
ESTREIA

7ª arte cinema
CINEMA COMERCIAL
TEL 750715
AV DA REPUBLICA
JUNTO A ESTACAO
DE ENTRE CAMPOS

UM FILME INESQUECÍVEL

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS



Expressamente para si, a C.P. criou um novo serviço de transporte de encomendas até 30 quilos — ENCOMENDA EXPRESSO. Até trinta minutos antes de cada comboio, pode expedir a sua encomenda — trinta minutos depois do comboio chegar a encomenda pode estar na mão do destinatário. E o fim do plantão não há burocracias. É só entregar e receber (devolvendo o recibo). Uma encomenda expresso! Só o tempo da viagem — seguramente como se viajasse consigo!

Relações já estabelecidas: LISBOA/PORTO
LISBOA/FARO
LISBOA/ABRANTES
LISBOA/CASTELO BRANCO
LISBOA/COVILHA
COVILHA/PORTO

Só o tempo da viagem! É tão seguro como se viajasse consigo!

Caminhos de Ferro
Portugueses

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

As dores e o tambor

A RTP tomou uma curiosa iniciativa na passada sexta-feira: a transmissão, a partir das três e meia da tarde, de um filme de longa metragem. Assim se fará durante os próximos dias.

Feliz ideia! Suspendem-se as emissões da Telescola, a miudagem não tem aulas e uma fita a meio da tarde sempre ajuda a passar o tempo de maneira tranquila. Num País onde, a respeito de tempos para jovens e crianças, quase nada existe, uma televisãozeca vem mesmo a calhar prá malta.

Pois é. Só que a história do Pinóquio, de sexta-feira foi rebate falso. Os filmes são para adultos — quando os adultos não podem ver televisão. Os que a podem ver, não a têm.

Só mesmo a RTP do nosso descontentamento era capaz deste genial desarranço.

● A véspera de Natal foi, na TV, dedicada aos doentes. Inicialmente do «Diário de Notícias», horas e horas. Em todo o caso, não tantas como noutras ocasiões. O que já constitui progresso evidente.

Nas obras de bem-fazer é tradicional a crítica abrandar. O costume tem raízes nas «réclitas de beneficência» ao tempo da excelsa, aliás excelsíssima, Rainha Dona Amélia. Nessas sessões, deixava-se o cacete em casa. Ainda hoje, nas touradas a favor

disto ou daquilo se observa **quase** o mesmo princípio. Digo «quase» porque, na maior parte dos casos, essas touradas já só também **quase** são de beneficência.

● No entanto, contra ventos e marés, «o Natal dos Hospitais» lá se vai purgando anualmente. Os artistas dividem-se em duas grandes categorias: aqueles a quem a televisão não quer pagar para lá irem normalmente (e assim os tem lá de borla uma vez por ano...) e aqueles que não têm padrinhos ou não podem pagar à televisão para lá irem ao menos uma vez — e agarram esta oportunidade com unhas e dentes.

Ninguém espera que os doentes melhorem. Não piorem eles e já nos podemos dar por muito felizes após esta maratona.

Sigamos o conselho sábio de Maria Leonor: um sorriso...

● A desinformação a propósito da Polónia atinge proporções assustadoras. Nunca, nem mesmo nos piores momentos da televisão antes de 25 de Abril, assistimos a tamanho massacre.

Os polacos estão a utilizar os campos de concentração deixados pelos nazis... «Segundo uma fonte da Igreja», anunciam-se deportações de membros do «Solidariedade» para a União Soviética... Nos «campos de concentração», segundo infor-

mações não se sabe donde, os prisioneiros estão a sofrer de gangrenas por causa do frio... Walesa está preso, Walesa está doente, Walesa está em perigo, finalmente Walesa está de boa saúde e participa em negociações com o Governo...

O que se passa nas minas era «a resistência dos operários». Nisto se pôs a tónica da informação.

Mas ontem, nas 24 horas, mesmo-mesmo em cima da meia-noite, Rui Romano desvendou a ponta do trapo que cobria a realidade: não passava tudo da acção ameaçadora e terrorista de um grupo extremista que mantinha os trabalhadores como reféns...

● Infelizmente, telejornal dá conta dos intelectuais e outros que tais que, por esses extremos ocidentais, protestam contra as medidas de estado de sítio tomadas na Polónia. Sindicatos sociais-democratas também protestam. Bem como governantes. A imprensa, a rádio, a televisão dos países da Europa Ocidental desencadeiam uma baragem de fogo colossal contra a Polónia.

Não falam doutra coisa. Procuram instalar a questão no centro das preocupações dos cidadãos.

Tal como acontecia com o futebolismo e o hoiquismo histórico

de antigamente. Porque será? Não é por causa dos «Direitos Humanos» nem por solidariedade para com os trabalhadores polacos.

Não dá para entender que, quem não queira saber do que se passa no seu próprio País, se preocupe tanto com o que se passa nos outros...

● Comecei a perceber alguma coisa quando ouvi Madrede Ostry a falar do que acontecia na Europa Ocidental.

A coisa, segundo ela, é muito pior do que se julga. Situação dramática. Desesperada. A Europa Ocidental está em colapso. A beira da ruptura.

Madame Ostry avança números aterradores: longe de diminuir, a crise aumenta, nos países da CEE, em princípios de 1983, haverá 28 milhões e 500 mil desempregados...

Em Portugal, utilizando uma expressão do comunicado do Conselho da Revolução, há o **espectro do desemprego crescente**...

● Não é, pois, difícil a partir daqui perceber todo o barulho a propósito da Polónia. Tal como se um doente rufasse loucamente num tambor para não ouvir... as suas próprias dores. Mas...

● ... Mas as nossas dores persistem. E temos de lhes encontrar remédio. Não na Polónia. Aqui mesmo, no nosso próprio País.

JÚLIO PEREIRA



Sassetti

DIAP 20001

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alto Alentejo a que se refere o Processo 8/58 045, Arquivo 18 para o estabelecimento, concelho de Castelo Branco, da modificação, com diminuição de comprimento de 681 metros, da linha aérea a 15 KV para o Posto de Transformação n.º 25 em Tinalhas, consistindo na alteração do traçado entre a subestação de Alcains e o poste n.º 10.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 10 de Dezembro de 1981

P.O Director de Serviços,
Antonio Martins de Carvalho

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sintra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/4889-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 628/R-46, com 1105 m, do poste n.º 4 da linha n.º 628/R-4 ao P.T. n.º 4889.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Dezembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudnot Larcher Nunes

Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



A RTP-1 transmite esta noite, directamente de Roma, a Missa do Galo celebrada pelo Papa João Paulo II

- 15.57 Sumário — um resumo noticioso.
- 16.05 «Os Contos de Beatrix Potter» — intérpretes: Erin Raghty, Joan Benham e Wilfreda Babbge. Realizador: Reginald Muls.
- 17.30 Bailado Clássico — «O Lago dos Cisnes».
- 18.00 Tempo dos Mais Novos
- 18.25 Res-Pública — Ponte da Barca.
- 19.10 «Olhai os Lirios do Campo» — 49.º episódio.
- 19.55 O Tempo
- 20.00 Telejornal — as notícias do País e do estrangeiro.
- 20.30 Mensagem de Natal do Cardeal Patriarca de Lisboa
- 20.50 Topo Gigio — com Rui Guedes.
- 21.45 Cinco Visitas de Natal — a RTP apresenta um programa musical envolto numa atmosfera natalícia e familiar.
- 22.50 Missa da Meia-Noite — transmissão directa, de Roma, da Missa do Galo, celebrada por Sua Santidade o Papa João Paulo II.



Luciano Pavorotti, que esta noite, na RTP-2, interpreta canções de Natal

- 18.45 «Sítio do Picapau Amarelo»
- 19.10 Êxitos de Ontem — D. João II.
- 19.35 Musical Ligeiro — especial de Natal.
- 20.00 Informação/2 — as notícias do País e do estrangeiro.
- 20.30 Paz na Terra — anualmente os cristãos reúnem-se em Belém, para celebrar o nascimento de Jesus.
- 21.30 Natal com Luciano Pavorotti — programa preenchido com canções de Natal.

Amanhã



10.32: Animação Especial; 11.25: Missa — directa da Sé Patriarcal de Lisboa; 13.10: «A Flauta Mágica»; 14.00: Sumário; 14.05: Uma Baleia para Abater; 15.00: Inventário Musical; 16.00: «O Comboio que Leva Saudades»; 16.00: Jogos de Natal; 19.00: Os Marretas; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.35: Vinício para Crianças; 21.35: «O Quarto Milagre».

18.45: «Sítio do Picapau Amarelo»; 19.10: No Mundo dos Animais; 19.35: Jeito e Efeito; 20.00: Informação/2; 20.30: «Emilie Jolie»; 21.30: Um Acontecimento Milagroso

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

Missa da Meia-Noite
(22.50)Luciano Pavorotti
(21.30)

Além de um programa à escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Ângelo morre quando estava a dormir e Alzira e o dr. Seixas pedem a Ernesto que tente encontrar o irmão. O médico dá, a Madalena, o dinheiro necessário para o funeral, enquanto na quinta de Cintra, o industrial se propõe organizar uma grande festa para comemorar o noivado da filha com Eugénio.

Olivia visita o dr. Seixas, fica a saber que o pai de Eugénio falecera, e Ernesto, em casa de Cintra, entra em contacto com Filipe, que se oferece para o levar à quinta do pai de Eunice.

Enquanto velam o morto, Eugénio apresenta Eunice como sua noiva, mas Olivia parece encerrar a notícia com naturalidade.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua 8 Jesus Caraca 17, Cruz Quebrada — Tel. 2112871

A Barraca

Férias de Natal
recomeço 29-12FERNÃO,
MENTES?TRIBUNAL
DO TRABALHO
DE LISBOA2.ª Publicação
ANUNCIO

— Pelo 12.º Juízo — 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Execução de Sentença, registados sob o n.º 95/81, em que e exequente José Silva de Almeida Ferreira, residente na Calçada da Quintinha, n.º 2-2.º Esq.º em Lisboa e executada EUROMODUS — Sociedade de Comércio e Distribuição, S.A.R.L. com sede na Avenida de Roma, n.º 48-B em Lisboa e neles correm editos de 20 dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de 10 dias, findo o dos editos e estes a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos art.ºs 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 20 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO
José Maria Rodrigues da SilvaO ESCRIVÃO DE DIREITO
Álvaro Silva de Jesus

Teatro

O Grupo «Marionetas de S. Lourenço» vai continuar as exhibições da farsa musical «Lá nas Traseiras do Mundo», que tem estado a representar no AR.CO, na R. de S. Tiago, 18 (caminho para o Castelo de S. Jorge) até ao dia 2 de Janeiro. Realizar-se-ão assim, mais 6 espectáculos, nos dias 26, 27, 29, 30 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro, com o seguinte horário: sábado (26), terça e quarta (29 e 30), e sábado (2 de Janeiro), às 21.45. Domingo (27) e sexta (1 de Janeiro), às 18.30. Participam no espectáculo: Fernando Serafim (tenor), Mário Carvalho (contratenor), Carlos Passos (violino), Artur Moreira (clarinete), Neves Costa (trombone) e Soledade Santos (percussão). Manipulação de Teresa Gata, Luísa Aparício e Helena Vaz. Carlos Costa é o contra-regra. A música e o texto são de José Alberto Gil e as marionetas e cenografia de Helena Vaz. Trata-se de um espectáculo musical e satírico, que conta o que sucederia se o inferno tivesse ordem de despejo: a maldade ficaria «sem sítio», isto é, espalhar-se-ia por toda a parte...

Bailado

O Bailado «Romeu e Julieta», com coreografia de Georges Skibine e música de Prokofiev, está a ser apresentado no Teatro S. Luiz pela

roteiro cultural



«Desencanto» — serigrafia do artista espanhol Francisco Arizti patente na Gulbenkian, na exposição «Gravura 81»

Companhia Nacional de Bailado. Espectáculos no dia 26, às 18 e às 21.30, e no dia 27 às 16 horas. Actualmente, a Companhia Nacional de Bailado tem como responsável pela realização artística o prestigiado bailarino Armando Jorge.

Exposições

Duzentos desenhos e aguarelados de Alberto Souza vão ser expostos em Leiria, na Galeria Arte, com o patrocínio da Comissão Re-

gional de Turismo. A inauguração será precedida de um «intermezzo» de música barroca, por flauta de bisel e baixo contínuo, interpretado pelo professor Vicente Narciso, Lina e Dalila; de um momento de poesia pela dr.ª Isabel Aragão e outros poetas e declamadores, e de uma palestra acerca do artista, oferecida pelo dr. Matos Chaves, professor da Escola de Belas Artes do Porto, com início às 17 horas de sábado, dia 26 de Dezembro, nos salões da Comissão de Turismo, em

Leiria. A exposição estará patente até ao dia 3 de Janeiro.

A III Exposição Nacional de Gravura, uma iniciativa conjunta da Cooperativa de Gravadores Portugueses «Gravura» e da Gulbenkian, está patente ao público nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação. Em paralelo, são também apresentadas exposições dos gravadores David de Almeida e Sérgio Pinhão, premiados na

II Exposição (os vencedores do actual certame foram Sérgio Pombo e Jorge Pinheiro).

«Viana, o Natal e as Crianças» uma exposição promovida pelo Centro Cultural do Alto Minho, está patente no Salão da Casa da Cultura de Viana do Castelo. Nela estão expostos trabalhos de crianças de diversas escolas do distrito.

Manuel Justino expõe na Galeria S. Francisco doze pinturas a guache, óleo e pastel e oito tapeçarias.

Carlos Botelho, sob o título «Variações sobre um tema», expõe temperas e guaches na Galeria 111, ao Campo Grande.

Uma exposição de obras do escultor Martins Correia continua patente ao público até fins deste mês na Junta de Turismo da Costa do Estoril. A mostra pode ser visitada todos os dias das 13.30 às 18 horas, menos às segundas-feiras.

«O Corpo na Obra de João Cutileiro» (algumas esculturas de colecções de médicos) é o tema de uma exposição patente na sala 2 da Zona dos Congressos da Fundação Gulbenkian.

Vitor Fortes expõe desenho e pintura no Porto, na Galeria Dois/Grupo Alvarez. A exposição está aberta até ao dia 31 de Dezembro, das 16 às 20 horas.

ADOQUE
teatro

TEL. 87 44 76

8.º E ÚLTIMO MÊS
PAGA AS FAVASAMANHÃ
DIA DE
NATAL
MATINÉE
ÀS 17.00
E
NOITE ÀS
21.30SÁBADO
SESSÕES
ÀS
20.30
E 22.45DOMINGO
MATINÉE
ÀS 17
NOITE ÀS
21.30CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	63830	68830
ALEMANHA FED. (marco)	28850	29880
AUSTRIA (xelim)	4800	4820
BELGICA (franco)	15537	16737
BRASIL (cruzeiro)	3357	3607
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	54845	56845
(notas de 5 a 1000)	54895	56895
DINAMARCA (coroa)	8875	9515
ESPAÑA (peseta)	8630	8730
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	64555	66555
(notas de 5 a 1000)	65505	67505
FINLÂNDIA (marka)	14575	15335
FRANÇA (franco)	11315	11585
HOLANDA (florin)	26800	27800
INGLATERRA (libra)	12255	12655
IRLÂNDIA (libra)	10220	10620
ITALIA (lira)	3049	3059
JAPÃO (iene)	2288	3303
NORUEGA (coroa)	11810	11860
SUECIA (coroa)	11860	12260
SUEÇA (franco)	35875	36885
VENEZUELA (bolivar)	12590	13590

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

15.30: Paralelo 4; 17.00: Ovo de Colombo; 17.05: Figuras e figurantes; 17.30: Ontem, amanhã e depois; 18.15: A década prodigiosa; 20.00: Mensagem de Natal do Cardeal Patriarca de Lisboa; 20.20: Ler, ouvir e falar; 21.00: Mosaico de Natal; 22.00: Teatro; 23.00: Páginas de poesia; 23.30: Último jornal; 23.55: Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa, do Solene Pontifical da Noite de Natal.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 16.30: Cantata BWV 80. «O Nosso Deus é uma Fortaleza»; de Bach; 17.00: Os olhos férteis; 18.05: Encontro com Joly Braga Santos; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Concerto em sol maior, de Vivaldi; 20.10: Música portuguesa; 21.00: Ópera comentada; 23.00: Intercâmbio musical; 00.30: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (263, 290 e 397m)

15.15: Espelho meu; 15.45: Teatro trágico; 16.15: Os meus segredos de cozinha; 17.03: Todos no top; 18.10: Espaço 3 P; 18.15: Hora de ponta; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Diversos; 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Circuito em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.30: Três vezes seis; 16.30: Aqui e agora; 17.30: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Mensagem do sr. Cardeal Patriarca de Lisboa; 20.30: De no vinte; 21.00: Discos LAR; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.00: O que fica do que passa; 23.55: Mediando. Grandes blocos informativos às 19.30 e às 23.30. «Flashs» noticiosos de hora a hora.

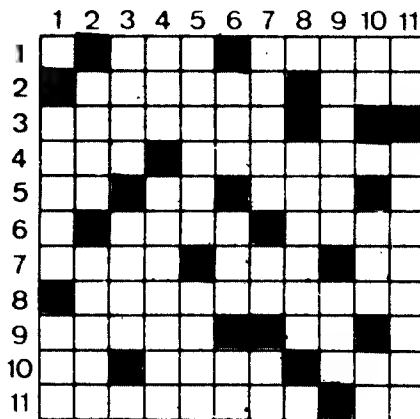
Tiragem média diária do
mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 311

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Infelicidade. Puxa para si.
- 2 Elegante. Olé.
- 3 Versejares.
- 4 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Antiga moeda brasileira de prata (pi).
- 5 Seguiu. Aqui. Nome de mulher.
- 6 Morada. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- 7 A parte do lombo dos bovinos entre a pé e o cachaço. Artéria. Baeta.
- 8 Derrearias.
- 9 Dera mios. Alteza Real.
- 10 Clima. Lavram. Rio de Portugal.
- 11 Afrouxamos. Pertences.



VERTICAIS:

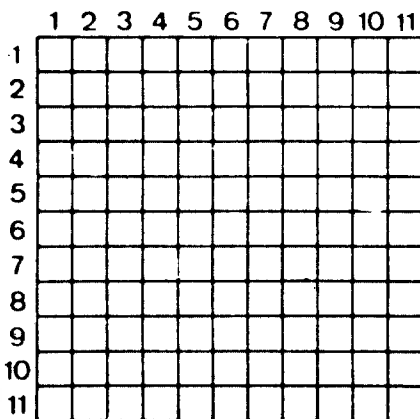
- 1 Artigo definido. Ódio. Desgraça. Ópera de Verdi. Tombara.
- 2 Afago. Cubículo.
- 3 Arara. Municípios.
- 4 Parvos. Cidade do Japão.
- 5 Pequeno sítio do Brasil. Donzela de Orléans. Amónio (s.q.).
- 7 Cidade de Itália. O mesmo que uma (ant e pop). Moderato.
- 8 Transferência para outro dia.
- 9 Embriaguez (pi e pop). Cólera.
- 10 O mais. Fruto de azeit. Lé.
- 11 Seguiu. Curastes.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 171

HORIZONTAIS:

- 1 Soco. Formara as abas a.
- 2 Nome de mulher. Mala. Piedoso.
- 3 Prender. Mal parecida.
- 4 Expulsa.
- 5 Amónio (s.q.). Neste momento. Cobalto (s.q.).
- 6 Embacia (os olhos). Tratar por tu.
- 7 Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Cantiga.
- 8 Natalício. Circulas.
- 9 Ramada. Empregas.
- 10 Um milhar.
- 11 Estado independente desde 1957 que faz parte da Comunidade britânica, situada entre a Costa do Marfim e a antiga Togo alemã. Vasilha com asas.



VERTICAIS:

- 1 Ruim. Condado da Irlanda. Prata (s.q.).
- 2 Ligue. Partir em migalhas.
- 3 Roa. Punha a data em.
- 4 Dilatam.
- 5 Obrigação. Sacerdote budista.
- 6 Moderato.
- 7 Colha. Sofreguidão.
- 8 Cobris de natas.
- 9 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Dera urros.
- 10 Esteiro. Disfarças.
- 11 Preposição e artigo. Colocarás. Nota musical.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 310

HORIZONTAIS:

- 1 PELA. BOCA.
- 2 Acordarias.
- 3 Raro. Ras.
- 4 Cioso.
- 5 Apagaram. Al.
- 6 Asaram. Bo.
- 7 Mm. Ri. Bar.
- 8 Operados. Co.
- 9 Ralo. Ita. Al.
- 10 Otava. CIX.
- 11 Esses. Sarre.

VERTICAIS:

- 1 Parra. MORRE.
- 2 Eça. Pampa.
- 3 Lorpas. Elos.
- 4 Aro. Garrote.
- 5 Caria. As.
- 6 Bar. Ra. DIV.
- 7 Or. Cambotas.
- 8 Cl. Im. Asa.
- 9 Aaro. Br. Cr.
- 10 Sasão. Cair.
- 11 O. Sol. PEIXE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 170

HORIZONTAIS:

- 1 Manca. Damão.
- 2 Amial. Alemã.
- 3 Sôcia. Rã. Si.
- 4 Sras. Rabi.
- 5 Aar. Mab. las.
- 6 Avisais.
- 7 Pã. Aas. Br.
- 8 Em. Data.
- 9 Limpo. Aitra.
- 10 Eguar. Aaro.
- 11 Morra. Assas.

VERTICAIS:

- 1 Massa. Pelem.
- 2 Amora. Amigo.
- 3 Nicara. Mur.
- 4 Cais. Va. Par.
- 5 Ala. Miado.
- 6 Passa.
- 7 Dar. Ba. Tal.
- 8 Alar. Inatas.
- 9 Me. Ais. las.
- 10 Amiba. Borra.
- 11 Oasis. Aos.

PROVERBIO Pela boca morre o peixe.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE

Centro Comercial de Alvalade

SALA A
 Às 14.30, 17.30 e 21.15
 - 13 a.
FRANCISCA
 Às 24 - 18 a.
SALÓ E OS 120 DIAS DE SODOMA

SALA B
 Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
 - 18 a.
O BURACO DA AGULHA
 c/ Donald Sutherland

ALVALADE

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19
 - Para Todos
 Walt Disney Productions apresenta
 O grande espetáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
 Falado em português
 3.ª Semana

APOLO

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30
 e 23.30 - N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
 e Roger C. Carmel
 Um filme de Jerry Lewis
 8.ª Semana

AVIS

Av. Duque de Avila, 45

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
 Um grande êxito de gargalhada e pancadaria!
 - N. ac. men. 13 a.
FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO
 c/ Bud Spencer e Terence Hill

BERNA

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
 c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
 Um filme de Steven Spielberg
 10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO

Campo Grande

Às 14, 16.30 e 21.30
 - Para Todos
O GENDARME EM FÉRIAS
 c/ Louis de Funès, Jean Lefebvre e Christian Marin
 Um filme de Jean Girault
 Eastmancolor

CASTIL

Rua Castilho

Todos os dias às 15.00, 17.00, 19.00 e
 Int. a menores de 13 anos
GELADO DE LIMÃO III
 2.ª Semana

CINE 222

Av. Pr. da Vitória 37 (ao Saldanha)

14.15, 16.30, 21.30, 24.00
TRINITY COWBOY INSOLENT
 Às 24 h - Int. m/ 13 anos
ROLETA RUSSA

CINEBOLSO

R. Actor Taborda 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19
 - Int. men. 18 a.
 Ultrapassada a última barreira no
 mundo do sexo
TABOO, O INCESTO
 Pornográfico - Hardcore

CINE BLOCO

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
 c/ Christiane Maybach e Karl-Heinz
 5.ª Semana
 Às 24 - N. ac. men. 13 anos
A CAVALGADA DOS DESTEMIDOS

CINE CAMOES

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 18.30
 Int. a men. 18 anos
5 DEMÔNIOS DE KUNG-FU
 Um filme de Gao Hsiuah-Li

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
EU TE AMO
 A grande revelação do Festival de Cannes de 1981
 6.ª Semana

EDEN

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00
 Não acons. a men. 13 anos
 Sylvester Stallone, Michael Caine, Max
 Von Sydow/Pelé
FUGA PARA A VITÓRIA

ESTÚDIO

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30
 N. ac. men. 13 a.
 Um ser de corpo e alma, entre o amor, as
 paixões, o dinheiro, o poder, a im-
 prensa...
A BANQUEIRA
 6.ª Semana

ESTÚDIO 444

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A BANQUEIRA
 6.ª Semana

IMPERIO

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30
 Não acons. a men. de 13 anos
 Sean Connery em
OUTLAND - ATMOSFERA ZERO
 Um filme de Peter Hyams

LONDRES

Av. de Roma, 7 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
 c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
 Filme de qualidade
 8.ª Semana

LUMIAR

Calçada de Carriche, 38

HOJE NAO HA ESPECTACULO
 AMANHÃ: às 15.30 e 21.30
 Não acons. a men. 13 anos
OS NOSSOS 15 ANOS

MONTECARLO

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Para todos
JESUS DE NAZARÉ (1.ª Parte)
 Sábado, dia 26/12, meia-noite
 Não acons. a men. de 18 anos
O QUARTO DE ALUGUER
 Com: Glória Guida

MONUMENTAL

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - Para Todos
POPEYE
 c/ Robin Williams e Shelley Duvall
 Revelon 81/82 - Bilhetes à venda
 - 13 a.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
SEM CULPA FORMADA
 c/ Romy Schneider, Lino Ventura
 e Michel Serrail
 Um filme de Claude Miller

ODEON

R. Condes 12 a 20

Às 15, 18.15
 - N. ac. men. 13 a.
ESQUECE-ME DE VIVER
 c/ Júlio Iglesias
 Colorado
 3.ª Semana

PATHE

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
 Para todos m. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
 Colorado com Julie Andrews e Christopher Plummer



ROMY SCHNEIDER numa cena do filme
 «A BANQUEIRA» em exibição nos cinemas
 ESTÚDIO e ESTÚDIO 444.

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
 Às 14, 16.30 e 18.30
 - M. 18 a.
MISMISTÉRIO DOBERWALD
 Realização de Antonioni

SALA 2

Às 14, 16.30 e 18.30

- M. 18 a.
O BOM POVO PORTUGUÊS
 Realização de Rui Simões

SALA 3

Às 14, 16.15 e 18.30

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT

SALA 4

Às 14, 16.15 e 18.30

- Int. men. 18 a.
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
 Realização de Daniel Duval

ROMA

Av. de Roma, 14 M-N

Hoje só às 15 e às 17 h
 Int. a men. 13 anos
 Um novo e sensacional êxito!
 O grande espetáculo da juventude!
GELADO LIMÃO III
 3.ª Semana

ROXY

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
JOGAR PARA GANHAR
 Colorado

S. JORGE

Av. da Liberdade 175

S. JORGE SALA 1
 Às 15.15 e 18.15
 - N. ac. men. 18 a.
O LADRÃO PROFISSIONAL
 c/ James Caan e Tuesday Weld
 3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45,

- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
 c/ Roger Moore e Carole Bouquet
 14.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14 e 17.30

N. acons. a m. 13 anos
FRANCISCA
 Um filme de Manoel de Oliveira
 4.ª Semana

SATELITE

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30
 - N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINEIRO
 33.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA

Av. Republica, a Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
 - N. ac. men. 18 a.
O LADRÃO PROFISSIONAL
 c/ James Caan
 Domingo às 11.15
BUGS BUNNY E SEUS AMIGOS

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14 C

Às 14.30 e 18 horas
 - N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
 70 actores de primeiro plano
 Um filme de Claude Lelouch
 Filme de qualidade
 3.ª Semana

TERMINAL

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30, 19.10, 21.30 e 24
 - Int. men. 13 a.
 Uma espada forjada por um Deus se-
 mente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
 8.ª SEMANA

TIVOLI

Av. da Liberdade 188

Às 14, 16.30, 19
 - Para Todos
 Walt Disney Productions apresenta
 O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
 Technicolor
 Falado em português

VOX

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 679

Às 14.15, 16.30, 18.45
 - N. ac. men. 13 a.
 Um filme encantador
O PEQUENO LORD
 c/ Ricky Schroder e Alec Guinness
 5.ª Semana

XENON

Av. da Liberdade 9

Às 14.15 e 16.30
 - N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO
 Em 7.ª semana de êxito

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Fuga para a Vitória», 19.00 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Aristogatos», às 19.30 (6 anos)
ALFA 3 - «Os Salteadores da Arca Perdida», 18.45 (13 anos)
OLÍMPIA - Sessões permanentes - «Sexo Interm», às (18 anos)
CITY CINE - «O Corsário Negro» 19.00 (6 anos)
CAPITOLIO - «Lisa, sexo Fatal», às 21 e 23 h (18 anos)
POLITEAMA - «Foi-se o Tesouro, Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
 2000 - «Amigos e Amantes», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «A Mais Bela História de Amor», às 15.00 (13 anos)
ROYAL - «O Corsário Negro» 18.00 (13 anos)
PROMOTORA - «Adeus Cegonha, Adeus» 15.15 (6 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «O Nosso Contato em Londres», às 21.15 (6 anos)
SETUBAL - «Já está» - «O Castelo Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA - «007-Missão Ultra Secreto» 21.45 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Excalibur», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «O Grande Golpe de Ouro», às 15.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «Pai Precisa-se», às 15.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «Armadilha Internacional», às 21.30 (13 anos)

Porto

S. JOÃO - «Popeye», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A - «Francisca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA L - «A Turma dos Repetentes», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI - «Ratataplum», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Foi-se o Tesouro ficou o Amigo», 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Os Dragões Atacam», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «Ninja, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
ÁGUA - «Fuga para a Vitória», 21.30 (13 anos)
COLUMEU - «Fuga para a Vitória», 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Uma Vida na Escuridão», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Lili Marleen», às 21.30 (13 anos)
IPOCO - «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)
BÉBÉ - «Crônica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)
CARLOS ALBERTO - «Amor e Raiva», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «Outland», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

PALMA, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T. 547088); **AMERICANA**, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **COSTA**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 637704); **RAINHA SANTA**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 785262); **VERAL**, R. Moreira Soares, 109-111 (T. 821732); **SÃO MARÇAL**, São Marçal, 100-102 (T. 325318); **CELTA**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MODELAR**, L. Dr. António S. Macedo, 7 (T. 808896); **UNIAO**, R. Seara de Carvalho, 145-F (T. 663743); **PRATES & AMOTA**, Av. da República, 27-A (T. 533068); **SANTO ANTÔNIO**, R. Leite Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **LAMBERA NIPO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **LEITÃO**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Falcão, 3-A.

REFORÇO

ZILBER, R. São Tomé, 54-56 (T. 882835); **ALBOPORTO**, Av. Almirante

teatros

COLUMBU - Circo de Natal, às 18.00 (6 anos)
MUNDIAL CIRCUS - P. DE ESPANHA - «Circo Chen» 18.30
FERRA POPULAR - «Circo Cardinale» 18.00
FLARMONICA DA AMADORA - «Ai a Toia», às 21.30 (18 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - **TEATRO DE CAMPOUDE** - «A Excepção e a Regra», às 21.45 (13 anos)
LAURA ALVES - «Estórias de Pouca Vergonha», às 21.30 (13 anos)
Porto
SÁ DA BANDA - «Oh Zé Arreganha a Taxa», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Linha de Cascais

TIPES: Guimarães, L. Duarte, lote 401 (T. 2216355); **SEXIAL**: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTELUJO**: Moderna, R. Buihãto Pato, 60 (T. 2310156); **MONTA**: União Montense, R. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS**: Guarnião, R. Cândido dos Reis, (T. 204020); **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100).
SETUBAL - Oliveira - R. da Misericórdia, (Tel. 22488); Louro - R. Frei António Chagas, 2-A (Tel. 24491)
LOURES - Sálvia - Av. da República, 29 (Tel. 2531240) Até às 22 horas;
MOSCÁVIDE - Pedro Gomes - Permanente; **SACAVEM** - Maria - R. Salvador Alenda, Lote 2 (Tel. 2514389) Até às 21 horas

Porto

(De dia e até às 22 horas)

CORNEIA DE ARAÚJO - Rua de Santa Catarina, 259; **SORRALHO** - Av. Fátima de Magalhães, 662; **PEREIRO BARRO** - Rua S. João de Brito, 25-29; **SANTA TERESA** - Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100; **SILVA PEREIRA** - Rua de Costa Cabral, 293; **BOA HORA** - Rua da Boa Hora, 80; **TERREIRO** - Rua da Reboleira, 21.

(De dia e toda a noite)

GONDALEM - Rua de Gonderém, 380 - Foz; **ALVES** - Praça do Exército Libertador, 62; **BARROS** - Rua do Loureiro, 104; **CAMERA** - Rua do Heróico, 90.

Coimbra

COIMBRA - R. Vilaça, R. Ferreira Borges, 132, tel. 22043

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **PIAMA**, R. E. das Gárcias, 78-1 (T. 932485). Até às 22 horas; **DAMAMA**: Lemos, R. de Goe, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Vasconcelos, E. Henrique Puzio (T. 964649); **CACÉM**: Santos Silva, L. 25 de Abril, 135-C-Apelação (Tel. 2513158); **ALGUEIRÃO** - Redrígues Rato, R. dos Morais, 1 (Tel. 2912038) Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURA**: Romouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2980194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA**: Gomes da Silva, Portela. Permanente; **COLARES**: Abreja, (Tel. 299088).



PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ BORGANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.48	3.8 m	7.27	1.4 m
14.09	3.7 m	19.41	1.3 m
Dia 25			
2.27	3.9 m	8.02	1.3 m
14.47	3.8 m	20.15	1.3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	7°
PORTO	9°
P. DOURADAS	0°
COIMBRA	8°
C. CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	11°
ÉVORA	9°
BEJA	9°
SAGRES	15°
FARO	13°
P. DELGADA	10°
FUNCHAL	16°



últimas

MORREU MAIS UMA VÍTIMA DE SILVARES, subindo assim a 12 o número de casos fatais do trágico desastre com o autocarro que caiu ao rio Insua na manhã do último domingo. Trata-se de Manuel Barbosa da Silva, de 35 anos, natural de Sequeiros, Santo Tirso, que trabalhava na Alemanha. Um seu filho de 7 anos, Paulo Barbosa, morto no mesmo acidente será também hoje enterrado, enquanto a mulher e mãe, Angelina Sá Ferreira, se encontra ainda internada no Hospital de S. João do Porto. Ontem realizaram-se os funerais de outras vítimas de S. João da Madeira para as respectivas terras de naturalidade na região de Santo Tirso.

CORRUPÇÃO DENUNCIADA NA CÂMARA DE PENACOVA pela bancada socialista na última reunião da Assembleia Municipal. A denúncia envolve concretamente o actual vice-presidente, Daniel Martins Rodrigues (PSD) e a oficina "Auto-Estrada a Espinheirense" de que é proprietário e que teria o exclusivo privilégio de todas as reparações e ainda fornecimento de pneus para as viaturas municipais, processando-se sem pedidos de orçamento. A prestação destes serviços atingiam montantes na ordem de 800 contos anuais.

CERCA DE 500 PROFESSORES do Ensino Primário do distrito de Setúbal não receberam subsídio de Novembro nem subsídio de Natal.

Nem a Direcção Escolar de Setúbal, nem a 10.ª Repartição em Lisboa dão qualquer resposta sobre o assunto.

NO PRÓXIMO DOMINGO, a Cooperativa Portuense "Erva Daninha" efectua o seu último passeio deste ano visitando duas exposições, uma de fotografia de Jorge Molder, tendo por guia Maria Teresa Siza e outra, na Fundação Eng.º António de Almeida, dedicada à obra gráfica do grande artista holandês M. Escher, falecido em 1972.

A concentração dos visitantes e associados está marcada para as 10 horas, junto à Galeria Roma e Pavia (junto ao Palácio de Cristal).

DISTRIBUÍDOS QUATROCENTOS E OITENTA MIL CONTOS pelo Centro Regional de Segurança Social do Porto a 150 instituições privadas de natureza social. Criado em Junho de 1979, aquele centro tem autonomia administrativa e financeira e congrega todas as instituições e serviços existentes no distrito, dependentes da Secretaria de Estado de Segurança Social bem como das Caixas de Previdência da Indústria, do Comércio, dos Transportes Colectivos, do Instituto de Família. Diversas instituições privadas estão também integradas: Centro de Reabilitação Vocacional; Centros Infantis de S. Mamede de Infesta, S. Tirso, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Lavadores, Bonfim, Colónia de Férias da Árvore e Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais.

AD: que Família?

Governo lança "bases" de um "edifício" que não constrói

O «Governo consagrou verdadeiramente a Família, desenvolvendo e concretizando esse reconhecimento» — lê-se no comunicado final do Conselho de Ministros, que aprovou a proposta de lei de Bases da Família. «O diploma em causa pode, nessa medida, ser considerado — e assim o considera o Governo — como uma importante vitória e afirmação das famílias portuguesas e do associativismo familiar, a que o Conselho de Ministros exprime a sua homenagem».

O diploma é classificado, pelo Conselho de Ministros como uma verdadeira «Carta de Direitos da Família». Numa entrevista ontem publicada num vespertino afecto à AD, a Secretaria de Estado da Família, classificou este diploma de «prioridade das prioridades».

A aprovação deste diploma, em Conselho de Ministros, surge horas depois da divulgação por um semanário de extrema-direita de fotografias dos principais dirigentes do



Para Teresa Costa Macedo, as «bases» da Família é a prioridade das prioridades. A secretária de Estado da Família... AD já sabe porquê

PSD. No decorrer de um jantar de deputados do PSD, os políticos que vão defender no Parlamento a «Família» evidenciavam o maior abaixamento moral. Desde o presidente do Grupo Parlamentar, Moura Guedes (exibindo, como troféu, umas «calcinhas») até aos sorrisos entusiasmados de todos os outros deputados: desde Silva Marques, vice-presidente do Grupo Parlamentar até aos ex-ministros

da Agricultura, Cardoso e Cunha ao da Integração Europeia, Alvaro Barreto.

Aguarda-se, obviamente, uma tomada de posição do presidente do PSD e da secretária de Estado da Família, dr.ª Teresa Costa Macedo. A «Família» da AD não se impõe por diploma; está a ser destruída pelos seus dirigentes. O silêncio de comportamentos, como os agora divulgados, reflectem uma Moral, retiram autoridade moral aos dirigentes da AD.

Para além das «bases» da Família — um «edifício» que a AD não constrói — o Conselho de Ministros aprovou também outros diplomas legais, nomeadamente uma proposta de lei sobre Direito de Asilo e Estatuto do Refugiado, regulando o Regime de instalação do Centro de Estudos e Formação Autárquica, alterando a orgânica do Instituto de Genética Médica, prorrogando o prazo para a adaptação dos Estatutos das Cooperativas ao regime cooperativo.

Turquia

Sindicalistas ameaçados de pena de morte

O julgamento de 52 dirigentes da confederação dos sindicatos progressistas (DISK) da Turquia — todos eles incorrendo na pena de morte — principia hoje no tribunal do estado de sítio de Istambul.

Os representantes regionais, os membros do conselho executivo e da administração, bem como o presidente do DISK, Abdullah Basturk, antigo deputado do Partido Republicano do Povo (social-democrata), são acusados de várias violações ao código penal turco.

O auto de acusação, com mais de 600 páginas, cobre o período que vai de 13 de Fevereiro de 1967, data da criação do DISK, a 12 de Setembro de 1980, data do golpe de Estado militar que pôs termo às actividades da confederação.

Assim, para além da principal acusação — tentativa de estabelecer a ditadura do proletariado derrubando a ordem constitucional por métodos revolucionários, na sua qualidade de membros de uma organização marxista-

-leninista — os 52 membros da confederação sindical progressista são acusados em particular de terem organizado marchas de protesto, consideradas pelo auto de acusação como «ensaio para a revolução»; terem, por várias vezes, organizado paralisações de trabalho qualificadas pelo procurador como «ensaio para a greve geral»; terem organizado manifestações do primeiro de Maio que «constituíram actos de propaganda comunista (interditada na Turquia) e em particular a manifestação do primeiro de Maio de 1977, que se saldou pela morte de 37 pessoas em Istambul; e, por fim, de terem causado a morte de vários membros das forças da Polícia no decorrer destas actividades, consideradas «clandestinas».

A confederação DISK é também acusada de ter estado ligada ao Partido Comunista da Turquia, que é ilegal, bem como a várias organizações sindicais de esquerda no estrangeiro.

Como prova destas actividades, o auto de acusação cita

cada decisão tomada, ou discurso pronunciado pelos líderes do sindicato, bem como todas as mensagens de felicitações ou solidariedade enviadas ou recebidas pelo DISK.

Entretanto a confederação internacional dos sindicatos livres anunciou que mandará observadores ao julgamento dos 52 sindicalistas turcos.

A organização acrescentou que a maioria dos acusados se encontram presos desde Setembro de 1980 e que há informações de que foram maltratados.

A confederação anunciou também que outros dois mil sindicalistas deverão ser julgados nos próximos meses.

Por seu turno, a confederação dos sindicalistas canadianos pediu ao Governo de Otava que envie um observador ao julgamento dos 52 sindicalistas. Os sindicatos canadianos pretendem que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mark Macquigan, envie ao julgamento um diplomata da embaixada do Canadá na Turquia.

“Curandeiros” sabem mais do que em geral se suspeita

O diabo sabe muito, menos por ser o diabo mas por ser velho. E os curandeiros sabem mais do que em geral se suspeita. Dúvidas que se tenham, por paradoxal que pareça, há avanços da medicina moderna que estão aí para as esclarecer. É um pouco mais do que admitível que os métodos e as práticas dos curandeiros sejam saudáveis, ainda que não vão além de fricções e panos quentes. O mesmo se diga das ervas do campo, infalivelmente receitas.

Um caso concreto ao encontro destas suposições vem em notícia da EFE, via ANOP, e assinada pelo correspondente daquela agência espanhola em Los Angeles, Califórnia, EUA. Diz a notícia que numa universidade deste Estado, a UCLA, um dos cientistas e professores mais cotados, o cardiologista Albert Kattus, afirmou recentemente que o pano quente (vulgo, pacho) é ainda o melhor meio para prevenir os riscos da crise cardíaca.

O pacho proposto por Albert Kattus não é propriamente como as papas de linhaça que ainda ontem curavam gripes e catarrhos numa só noite e hoje estão um pouco marginalizadas pela farmacopeia industrial. Todavia, o que o ilustre professor da UCLA propõe não tem nada de muito diferente. Na realidade, o pacho actua por um mecanismo semelhante à endosse, e o líquido em que está embebido vai penetrando lentamente no fluxo sanguíneo.

As pastilhas de nitroglicerina são ainda o método mais utilizado para prevenir ataques cardíacos antes que estes se manifestem com toda a violência. As pastilhas dissolvem-se lentamente na boca e facilitam a circulação, dilatando os vasos sanguíneos. Contudo, meia hora depois, os seus efeitos perderam-se, e o enfermo pode sofrer um ataque inesperado sem ter tempo de as tomar. Como o pacho proposto por Albert Kattus, e porque ele difunde lentamente o produto activo, os níveis de nitroglicerina mantêm-se no sangue. E, além disso, o líquido que embebe o pacho é compatível com todos os medicamentos conhecidos.

Os pachos devem ser renovados de 24 em 24 horas e o seu portador pode dedicar-se a qualquer actividade, dada a composição do adesivo.

Outro caso pelo menos aparentemente comprovativo de que a resolução de alguns problemas de saúde — mesmo casos em regra considerados irremediáveis — conta-o o jornalista da EFE, e passou-se com o director do Hospital Metodista de Filadélfia, Anthony Santilano.

Santilano tinha um cancro e estava para morrer, com dores insuportáveis que combatia à base de morfina. Uma vez, porém, deu boleia a dois «hippies» e, em conversa, contou-lhes o drama que o sufocava. Eles então disseram-lhe que conheciam muita gente que se tinha curado daquele mal e doutros através da alimentação macrobiótica. Ao contrário do que certamente faria, Santilano ouviu a sugestão e aceitou-a. Passou a fazer macrobiótica e, com tanto de surpresa como de gratidão, experimentou melhoras graduais até que hoje se encontra completamente restabelecido.

A dieta seguida não era certamente apetitosa: 50 por cento de cereais cozidos, 25 por cento de vegetais cultivados perto de casa, 15 por cento de ervas, algas marinhas, e o restante de nozes, algum peixe, outros vegetais. Eram as recomendações dum livro comprado num ervanário, e Santilano, a princípio, não as seguiu à risca. Ao fim duma semana desistia e verificava que as dores voltavam. Retomava as regras, porém, e as dores afastavam-se. Até que optou pelo regime, a rigor, com os melhores resultados. Ao fim de dois anos, todos os sintomas cancerosos tinham desaparecido.

Milagre? Acaso? Ou é possível que uma dieta possa influenciar o crescimento ou proporcionar a cura do cancro?

Os curandeiros não têm estatísticas dos seus êxitos ou fracassos. E sem isso é difícil acreditar nas suas curas.

Actualmente, no Hospital Metodista de Filadélfia, investiga-se a macrobiótica em relação ao cancro, pois o médico director acredita que se curou com este método natural.

EUROPEIA

Agência Turística, Lda.

Deseja a todos os seus clientes e colaboradores,
um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo



Os subúrbios do mistério

por Mário de Carvalho

Q UEM escreve automaticamente — O Caledónia — nem sente as fragâncias que rodam e rodam e pandem e expandem eflúvios nos ares quando quentes.

Obviamente é da Primavera que falo. Ai têm grande papel os bezouros, que passem riscantes e avoam e alteiam e abaixam e zu-zunem quando alguém os espreita, porque a Primavera tem isto de subjectivo. Só ao olhar de quem se dá. É na Primavera um alto castanheiro por um raio habitual lascado em dois. Excelente ponto de referência pró montar da cena, que miríades de floritas, maravilhas e outras de branco pontilham, a oferecer o pólen, e só por engano o besouro não bebe pólen e as abelhas andam longe, provavelmente noutra história.

Suponhamos que na Primavera há uma velha vestida de preto. Então serão setenta primaveras, com setenta castanheiros rachados, setenta besouros e por aí fora. Fica pois a Primavera enriquecida. Multiplicadota.

Na Primavera haverá uma ruína chape, mergulhada na água. Ruína misteriosa e não mais direi.

Largue-se a Primavera por ser tão verde — e o verde tão cansa, cf. palestra do prof. Martowsky no último congresso anual dos petróleos — e veja-se do alto de um monte, por exemplo a baía de Canaã, agora completamente seca, por intromissão de legiões e legiões de seculares pássaros sugadores.

O Canaã, coisas que de ti disseram e afinal é tão inexistente, como uma pequena bola de mercúrio ao soprá-la. Quem varre, quem varre o falso pó de ouro, que alguém te deixou acumular entre as areias gretadas?!

Continuemos, pois, Marreco que vai alto o Sol e a viagem é grada. Não vês em volta os deambulares das legiões distraídas? E quem me paga, quem me paga os ganhos que tive ao livrar-me das greves?

Pois fale-se então do corpo de Caledónia. É branco ao sol-pôr, vermelho e azul debaixo desse maldito sagitário, que sempre com ar falsamente distraído tropeça nas urzes. Fede ao sol, gela à lua, e dele sai um uivar característico nas noites pretas em que a lua está do outro lado, tranquilamente.

Professores todos, vinde analisar com vossos ponteiros e dizer comigo. Caledónia tem sangue preto, por mor de mascar tabaco, e tem o nariz infecto, por o botar num saco.

Fechada — O Caledónia — fechada tu no buraco, ficou o mundo meio mais disponível para a minha palavra aguda. É retirar-vos mestres, passar todos à peluda.

Quem não acredite que me passeio sempre pelo campo de botifarras anchas, aspirando sôfrego o pó das amoras, mordiscando azedo a palha do meu chapéu, cobrindo com a mão a corola das papoulas, fazendo a murros ecoar os cornos estorcidos dos bois, não está no seu elemento. Porque amante da natureza eu dela faço capacho. Ao mar, por exemplo, bebi-o todo, o que deu a grande inflação de conchas marinhas dos anos 32. É para que saibam.

Vêm-me agora os peraltas exigir contas por uma doninha que pisei?!

Mas, senhores, eu piso doninhas, piso e pisarei, se assim não fôr, de que viverei?



NATAL: o livro dentro e fora do sapato

C INQUENTA por cento dos livros que se vendem em Itália são adquiridos durante o mês de Dezembro. Por este motivo, as mais importantes editoras do país programam o lançamento das suas «novidades» tidas como mais ambiciosas pelo fim do ano.

E isso porque o livro como presente, o livro no sapato, o livro fora do sapato, se transformou num costume cada vez mais difundido — e para que o livro seja realmente um presente os editores competem em astúcia, elegância e promoção de vendas.

Todas as publicações periódicas são assaltadas por anúncios de livros. A editora Einaudi, conotada com a esquerda, publica duas páginas nos diversos diários do país anunciando um sem número de livros: Charles Baudelaire, «Escritos sobre a Arte», 379 páginas e 19 aguarelas de Constantin Guys (cerca de 2800 escudos); «Fábulas irlandesas», de William Butler Yeats, 470 páginas (perto de 1400 escudos); etc.

O semanário «L'Espresso» dedicou ultimamente uma extensa notícia sobre novidades editoriais «pensadas para o Natal», ao mesmo tempo que informava sobre livros-presente cujos preços oscilam entre 280 escudos. Um desses livros-presente é a enciclopédia em dois volumes de Diderot e D'Alembert, «o mais completa possível», pelo preço arredondado de 7700 escudos.

O livro-objecto preferido para a quadra natalícia é quase sempre um volume de arte com boas reproduções. Este ano, o pintor Renato Guttuso publicou um álbum de desenhos eróticos, na editora Mazzotta, que o lançou impresso em papel de alta qualidade. Preço: um pouco mais de 9 contos.

As 1200 ilustrações de «Photorealism», de Louis K. Meisel, surgem entre os livros mais caros: aproxima-se dos 13 mil escudos.

Em Itália, como em quase todos os países desenvolvidos, há editoras que têm o seu próprio público. É o caso, por exemplo, da Feltrinelli, cuja produção editorial se dirige principalmente ao leitor inconformista, sempre inquieto em cada dia que passa. Mas por muito fora das regras que seja este leitor, a verdade é que também se mostra sensível às novidades da quadra festiva natalícia. Assim, ei-lo que se debruça sobre os semanários da chamada esquerda democrática... E que compra ele...? Compra, por exemplo, «A aventureira história do Cinema Ita-

liano», escrita por Franca Feldini e Goffredo Fofi, com 110 ilustrações, desembolsando uma quantia que se aproxima dos 750

escudos. Mas não só: adquire todos os escritos de Man Ray em primeira edição, acompanhados de 351 ilustrações a preto e

branco e a cores. Cinco mil escudos, ou perto disso.

Um aspecto curioso nesta edição e compra de livros da quadra do Natal assenta na variedade temática dos mesmos. Todos os géneros estão à venda: ficção, arte, poesia, ensaio. E uma obra que este ano (espera-se...) estará em todas as mãos italianas é o livro intitulado «Longa viagem ao centro do cérebro», de Renato e Rosellina Balbi, que em pouco mais de um mês alcançou quatro edições. Sobre este livro, escreveu recentemente Italo Calvino: «Depois de lido, que cérebro o pode esquecer?»

Para os estudiosos, está já à venda, e com êxito assinalável, o livro «Vida e morte dos Incas», uma antologia organizada por Luisa Pranzetti, professora de literatura iberoamericana na Universidade de Roma, e editada pela Rizzoli.

A editora mais directamente conotada com o Partido Comunista Italiano, Editori Riuniti, propõe como prenda de Natal uma «Antologia da literatura fantástica», de Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Bullrich, já várias vezes publicada em espanhol. Qual o preço...? Baixo, relativamente ao preço de alguns livros acima mencionados: um pouco mais de mil e duzentos escudos.

Perante esta procura de livros (que em Itália só tem igual nos meses quentes, Julho/Agosto), afirmam os editores: «Todos os leitores se mostram sempre muito seguros quanto ao que desejam comprar. Mas a verdade é que esperam pelos nossos anúncios para se decidirem de uma vez para sempre... A grande maioria, pelo menos. Enfim — festa do Natal é também festa do livro...»

Júlia Maciel



DOIS POEMAS

A ÁGUA AZUL DA CEREJA

Cairá alguma cereja antes que cedo se dê e com cuidado deixará os ramos enquanto nos lábios acolho a sua cor.

Desvanecido estendo a noite deito o último silêncio e adormeço na água azul da sua cor

(À Tereza)

BUGANVÍLIA

Prestes a rebentar um nevão de muros brancos dou às mãos a maciez da buganvília.

Ali há o magoado outono já: segredo-lhe nomes cheios de pequenas gotas de água.

(À Isabel, amanhã)

JOSÉ BEBIANO

Crónica de andar e ver

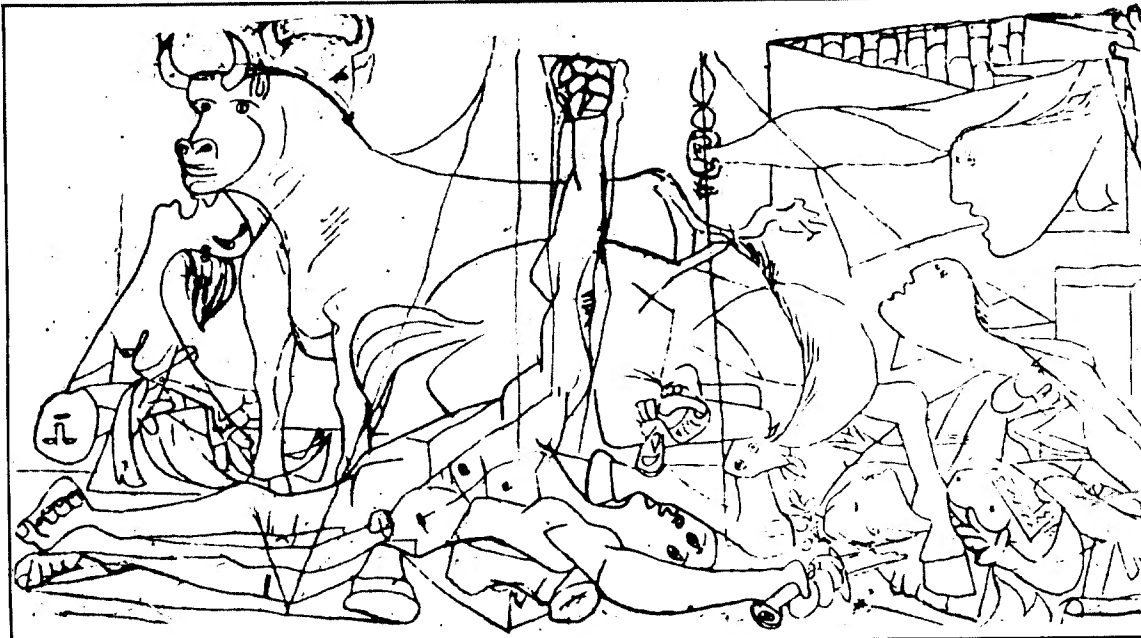
Guernica

Luís Veiga Leitão

Ao invés de Santiago de Compostela, vou de peregrinação a Madrid. Os peregrinos, em «pullmans», partiram do Porto e Lisboa. Entre os fiéis, contam-se e figuram artistas plásticos de nome feito (João Hogan, Ângelo de Sousa, Nuno San-Payo) e outros, mais jovens (Fernando Marques de Oliveira, Emerenciano, Gerardo Burmester, Albuquerque Mendes, Manuel Casimiro, Jaime Silva, Graça Morais, Veiga Luís). E os mestres da nossa crítica de Arte, Fernando Pernes, Fernando Azevedo (pintor), Rui Mário Gonçalves, Nelson Di-Mágio e Sílvia Chicó. Inevitáveis os poetas. Cabeça branca, muita neve vai pela serra, Luís Fortuna de Carvalho, poeta «bissexto». As aras, hoje, são de Picasso — O Touro sagrado nas suas múltiplas metamorfoses. Guernica, entre as maiores. Exposta numa ampla dependência, adrede escolhida, do Cason Del Buen Retiro, vizinho do Museu do Prado.

Domingo e manhã de sol limpo. Na sombra, corta como vidro. Gentes várias, longas as bichas, movem-se como lesmas dos jardins de Epicuro. Violinista, moço e seco, chapéu preto de abas largas ensombra-lhe a figura plantada na berma do passeio e, timidamente, fere Mozart, pregados os olhos na partitura. Cheguei, chegámos. No vestibulo, o clima de uma vigilância rigorosa. Máquinas fotográficas sob custódia, vasculhadas as bolsas. Há que tener a fúria niilista de um louco ou o terror organizado de bandos neofascistas. Transposta a passagem delectora (raios laser) de oculos objectos metálicos, última prova, esnamos nas salas que, mediante a ordem expositiva de esboços e estudos, aponta o caminho para a sala-mor de Guernica. Mais digna, se possível, de grande praça pública. Estudos que formam, ao cabo, a génese e a longa gestação da obra. Leitura de uma profunda e densa

biologia plástica. A lápis, a tinta, sei lá, riscados em pedaços de papel à mão de semear, ora sob golpes de febre alta, ora serena e friamente dominados, como quem agarra pelos cornos um «miura». Ressalta aqui e além a presença, bem digerida, de Goya. Dolorosíssimo e assombrado parto de cavalos, touros, mulheres com filhos mortos nos braços. Escancaradas bocas, pontas de faca as línguas. Touros com cabeças humanas. Olhos e lágrimas como peças de metal e pedra. O real e a fábula aproximam-se, a par e passo, o tempo não conta, de Guernica. Ao fundo e só. Toda a parede, maior que fosse. Agride com as armas de uma paixão violenta. Paixão lúcida. Quase quebra a urna de vidro (à prova de bala) que a protege. Para muitos, quase



A primeira das sete fases de «Guernica», (11 de Maio de 37)



O Touro nas suas múltiplas metamorfoses

mística. Para entendidos, um dos maiores universos da pintura. Para mim, além do mais, a força e a grandeza de uma epopeia. Sedimentada, historicamente, no episódio mais hodierno, genocídio extremo, da Guerra Civil de Espanha que marcou, fundo, os jovens da minha geração. Madelaine Chapsal, em «Mourir à Madrid», escreve: «O domingo de 26 de Abril de 1937 era, como todos os

domingos, dia de feira em Guernica. Às 5 da tarde, das quatro colinas que são o horizonte de Guernica, às 5 da tarde... Os aviões eram os «Heinkel III» e os «Junker 52». O bombardeamento durou três horas. As vagas sucediam-se com precisão de vinte em vinte minutos. As bombas pesavam 500 kilos. Arrasado todo o centro de Guernica. 1654 mortos. 889 feridos. Havia sete mil habi-

tar
ral
da
coi
«G
tiv
urr
I
ofi
Sh
coi
Na
coi
nã

LIDO E A LE «O Pé na Paisagem

de Filipe Leandro Ma

UM POEMA INÉDITO de Emanuel Jorge Botelho CESURAS, FRAGMENTO



todos os objectos no lugar, frios
os sítios; hoje nada a justificar a intimidade
com a tábua. o gozo era o rasto
dos animais nos muros dos livros, o seu ir pela cinza
sobranceiros ao vinho. estes os vestígios primeiros
da desordem; o prazer do caos confidente do
monólogo. podem tirar-me
tudo menos este alegre medo de mijar
no papel de parede ou contornar no pó o som
das tuas meias. eu venho para aqui
com um pássaro escondido na garganta
e ponho-o a chocar
os itálicos
da página. leva tempo por vezes o pássaro
morre e fica
para aqui abandonado sobre o alto brilho
de uma capa.
nada me preocupa. a pedra lá fora
é ainda um peso nas águas de uma mulher
grávida — trago-a comigo como quem depõe
uma árvore
no corpo frio de uma ave. dou-me
bem com a morte; a construção
dos sítios quentes passa
pelos sítios quentes. todos os objectos
no lugar, baixo
o copo

Emanuel Jorge Botelho

«O Pé na Paisagem», romance de Filipe Leandro Martins (Editorial Caminho) é o segundo livro do autor. O primeiro, a novela «A Caça às Rolas», data de 79 e parece que passou alguma coisa despercebido. Porque passou assim, não o saberemos. Mas, justamente por isso, não deixa de ser pertinente lembrá-lo aqui — até porque este segundo livro não o refere, por lapso da própria editora, que já o tinha publicado. De «A Caça», não se podendo dizer grande coisa em pormenor ou rigor, pode ao menos sentenciar-se que é ou foi uma das mais interessantes revelações no campo da prosa de ficção nos últimos anos entre nós. Não sendo um texto de arrojada concepção e construção aventureira, impunha-se porém (e há-de impor-se ainda) pela extrema lisura dos seus processos escriturais, pela destreza, pela agilidade e pela habilidade na manipulação dos expedientes próprios da prosa de ficção e narrativos.

São estas qualidades (clássicas, diríamos, e hoje em dia alguma coisa raras, talvez porque razoavelmente desvalorizadas) que vamos reencontrar agora em «O Pé na Paisagem». E vamos encontrá-las aplicadas a um projecto por certo mais ambicioso do que o anterior. E mais realizado, também, parece-nos, apesar de um que outro senão que será possível anotar. Do que se trata, este romance — já em tempos o autor o deixara calcular em entrevista dada a

este suplemento: «Um livro que fala de casernas, das casernas de onde se saía para a guerra colonial ou para a desercção». Não quer dizer muito, mas nem por isso deixaria de ser bastante indicativo.

São pouco mais de duas centenas de páginas, e o grupo textual fragmenta-se (ou — e não forçosamente pelo contrário — organiza-se) em cerca de uma dezena de capítulos. A narração faz-se e a narrativa estrutura-se a partir duma voz que fala em regra na primeira pessoa assumida no plural e revelando assim, nesta propensão para a assunção no plural o que pode ler-se como expressão de identificação com destinos colectivos, e suscitada solidariedade no sentido e na reflexão que eles despertam. Nada de especialmente assinalável, aliás, neste caso, tratando o livro do que trata, uma experiência vivida conjuntamente e por duas ou três gerações sucessivas. É sensível como o narrador desvaloriza a importância do seu papel singular na narração e na narrativa, priorizando o dos outros, na acção ou no sofrimento da história. A páginas tantas, para o fim — e à semelhança do que acontecia já em «A Caça às Rolas» — o narrador deixa-se nomear como Martins. É uma curiosidade sem interesse, certamente. Mas pode reforçar a ideia de reconhecer carácter testemunhal a quanto neste livro se escreve. E haverá nisto tudo uma relativa humildade: o autor não se importa de que o identifiquem

A propósito de «Eles Vieram de Madrugada»

Entrevista com Manuela Cândio Reis

PERGUNTA – Manuela:
porquê só agora o livro «Eles Vieram de Madrugada»?

RESPOSTA – Porque durante muitos anos, mesmo depois do 25 de Abril, mantive séria dúvida de que a narrativa que enviei a meu marido em 1944 pudesse interessar a outros que não à nossa própria família e, vamos lá, ao povo de Alhandra, minha terra natal que muito ficou devendo a Soeiro Pereira Gomes. Por outro lado, logo após o 25 de Abril, foi publicada tanta coisa emocionante, li e escutei tantos relatos de casos muito mais dramáticos do que o meu próprio caso, que, na verdade, só de longe a longe me inquietava o pensamento de que talvez fosse um dever meu escrever o livro pedido por meu marido.

Digo «inquietar» porquanto, a par da dúvida a que me refiro, também me fazia hesitar, e muito, a consciência da minha fraca capacidade intelectual, da simplicidade, por certo demasiada, com que o livro seria escrito. Não fosse o estímulo que recebi de alguns amigos, nomeadamente o do dr.^a Graça de Almeida Rodrigues e o de Alexandre Cabral, ainda hoje me sentiria sem coragem de apresentar o original a um editor.

P – Como têm reagido a crítica e o público-leitor em geral face a esta obra?

R – O que até hoje chegou ao meu conhecimento quanto a crítica na Imprensa foi apenas o que veio a lume, em 3 de Setembro e em 21 de Outubro, no «Diário de Lisboa», respectivamente dos escritores Pedro Alvim e José Manuel Mendes. Referências que me sensibilizaram profundamente e até me surpreenderam, tão longe andei sempre de supor que o livro obtivesse tal agrado. No que se refere ao acolhimento por parte do público-leitor em geral, sei, pelo meu editor, que ele tem sido muito apreciável. Eu própria

tenho recebido testemunhos de apreço, alguns deveras tocantes, da parte de inúmeras pessoas que me têm procurado. Portanto, tenho razões para estar satisfeita.

P – Como e quando conheceu Soeiro Pereira Gomes?

R – Pessoalmente, conheci-o em Coimbra, durante uma das festas de fim de curso que os alunos da Escola Nacional de Agricultura ali organizavam anualmente. Foi precisamente no ano em que Soeiro Pereira Gomes obteve o diploma de regente agrícola. Antes disso, porém, já ele não me era estranho, porque meu irmão, aluno interno na mesma escola, quando vinha a casa no tempo de férias, falava frequentemente daquele seu colega mais velho que, além de excelente companheiro, era um bom desportista, considerado mesmo um dos melhores ginastas da escola e, ainda por cima, nada desajeitado a cantar e a tocar guitarra. Qualidades que me despertavam natural interesse em o conhecer.

P – Ele era natural de uma aldeia do Douro, não é verdade?

R – Sim. Nasceu na freguesia de Gestação, concelho de Baião, na raia do distrito do Porto com o de Vila Real, entre Amarante e Mesão Frio, face ao Marão.

P – Como aparece, mais tarde, Soeiro Pereira Gomes em Alhandra?

R – Quando casou comigo, em 1931. Meu pai, então chefe dos escritórios da Fábrica de Cimentos Tejo (hoje Cimpor)

conseguiu-lhe um lugar nos mesmos escritórios.

P – A Manuela cita no seu livro «a sua vida tão carregada de amargura na infância». Quer explicar com mais precisão?

R – Cito porque o ouvi muitas vezes referir-se amargamente à excessiva severidade com que era tratado por sua madrinha, com quem residia em Espinho desde os 5 anos de idade para frequentar uma escola pré-primária.

P – Fala também «na dura experiência que ele teve em África»...

R – Foi de facto muito dura essa experiência. As condições de trabalho a que esteve submetido na Companhia da Catumbela, para onde fora contratado como regente agrícola, em nada corresponderam às suas habilitações. Trabalho rude que, juntamente com o clima da região, abalaram a tal ponto a sua saúde que cedo se viu forçado a regressar a Portugal.

P – Após ter escrito «Esteiros» e «Engrenagem», Soeiro Pereira Gomes afirmaria que «depois de mais um ou dois romances iria escrever livros para crianças». Porquê essa decisão?

R – Pelo grande interesse que as crianças lhe mereciam. Aliás, esse facto é notório até na sua obra.

P – Voltando aos «Esteiros»: recorda-se como nasceu a ideia dele escrever esse ro-

mance?

R – Como nasceu a ideia, só ele poderia responder. O que posso dizer é que a primeira vez em que o ouvi referir-se à intenção de escrever um romance sobre os rapazinhos que labutavam nos telhais foi à janela da primeira casa em que residimos, da qual costumávamos observar o duro trabalho dessas crianças. Note, porém, que no conto «O Pástiure» já uma dessas crianças é retratada.

P – O que representou para si as homenagens a seu marido na passagem, este ano, do 40.º aniversário da publicação dessa obra?

R – Uma homenagem inteiramente merecida e oportuna.

P – Como reagiu a população de Alhandra face às comemorações que ali se realizaram este ano pela primeira vez?

R – Eu não vivo em Alhandra, como sabe, mas pelo que verifiquei, quando lá fui assistir a duas sessões, a reacção não podia ter sido melhor. Há lá ainda muita gente que conviveu com Joaquim Pereira Gomes. Daí ter sido muita vez emocionante a maneira como algumas pessoas o recordaram nessas sessões. Aliás, não só em Alhandra como também em Vila Franca de Xira.

P – Quanto ao sector da juventude que impressões colheu da sua participação?

R – Creio que um dos pontos altos das comemorações foi atingido precisamente pela juventude, que não só assistiu às comemorações como também



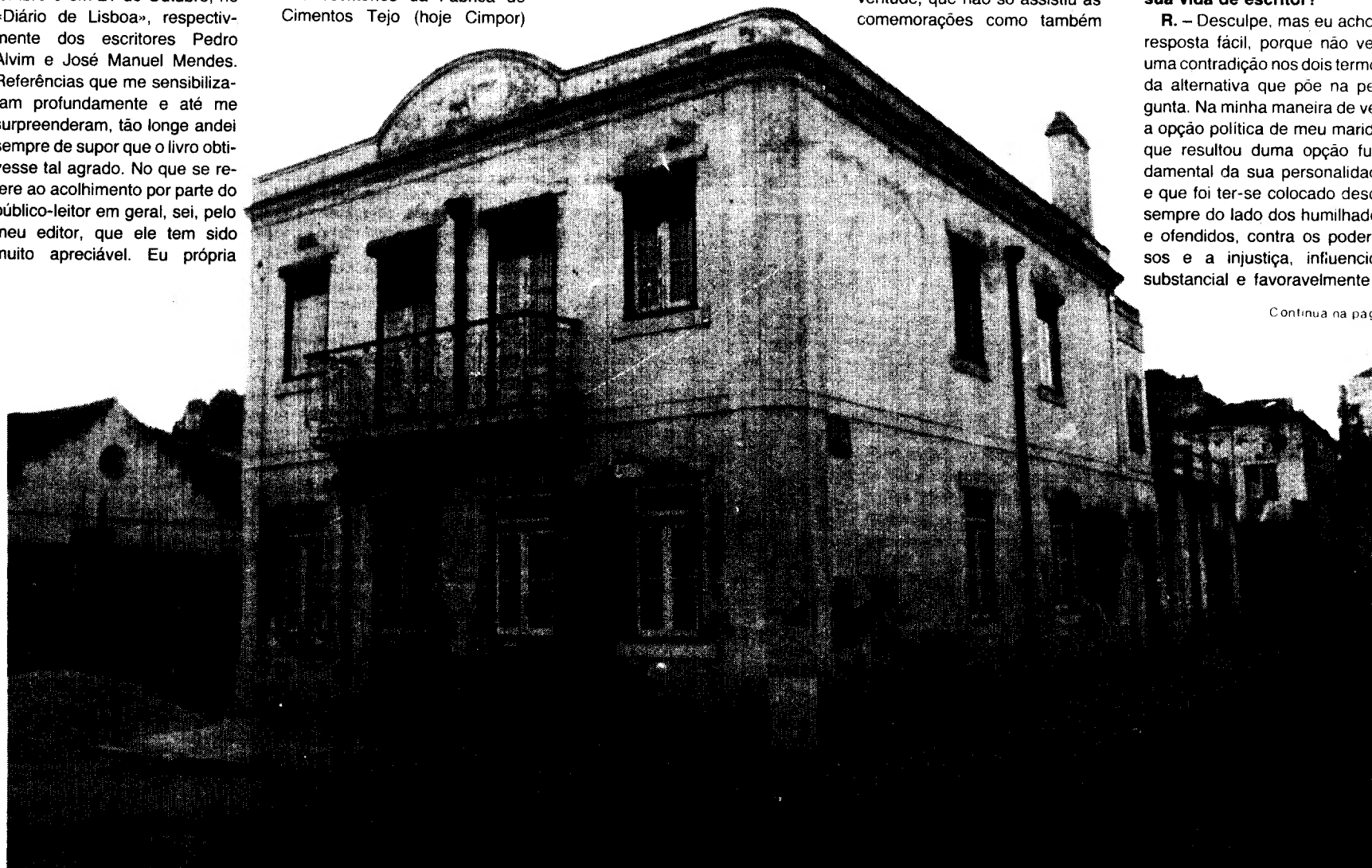
Manuela Cândio Reis

colaborou de maneira notável. Saliento o esforço e o trabalho extraordinário feito pelo grupo de teatro «Esteiros», da Sociedade Euterpe Alhandrense, que levou à cena a adaptação de um trecho do romance de que adoptou o nome, e também a de outro trecho de um dos contos de Soeiro. Esforço tanto mais notável quanto representou de sacrifício para aqueles jovens, ao que me consta todos eles trabalhadores, que, muitas vezes sem terem jantado iam para o palco ensaiar, ou preparar as encenações destinadas aos vários espectáculos que realizaram por todo o concelho.

P – Dada a divergência de opiniões uma pergunta que talvez não seja fácil: acha que a opção política de seu marido influenciou, no sentido positivo, o contexto da sua obra ou, pelo contrário, essa opção afectou, de alguma maneira, a sua vida de escritor?

R – Desculpe, mas eu acho a resposta fácil, porque não vejo uma contradição nos dois termos da alternativa que põe na pergunta. Na minha maneira de ver, a opção política de meu marido, que resultou numa opção fundamental da sua personalidade e que foi ter-se colocado desde sempre do lado dos humilhados e ofendidos, contra os poderosos e a injustiça, influenciou substancial e favoravelmente o

Continua na pag. 4



Casa em Alhandra, onde viveu Soeiro Pereira Gomes

Continua na pag. 4

A PROPÓSITO DE «Eles Vieram de Madrugada»

Continuação da pag. 3

contexto da sua obra. Note-se que esta obra foi iniciada por volta de 1935, se não antes, com a publicação de crónicas e contos, mais tarde reunidos no volume «Refúgio Perdido». Em seguida veio a elaboração de «Esteiros», nos anos 38/39, e publicado em 1941, ano em que meu marido ingressou no Partido Comunista Português. O que, em minha opinião, afectou a sua vida de escritor, foi, além da perseguição policial sem tréguas, a extraordinária e incansável actividade de militante a que ele se dedicou de corpo e alma na clandestinidade e, finalmente, o aparecimento do mal que lhe foi depauperando a saúde durante os escassos cinco anos que viveu depois de ter abandonado a nossa casa.

P. — Joaquim Soeiro Pereira Gomes teve um papel importante como impulsionador do movimento cultural entre a população operária de Alhandra. A Manuela, porém, como compositora, incentivou particularmente nas pessoas o gosto pela música e pelo teatro. Quer falar-nos um pouco dessa sua actividade?

R. — Não fui eu quem incentivei em Alhandra o gosto pela música e pelo teatro. Foi, sim, meu pai, Francisco Filipe dos Reis: um nome que Alhandra ainda hoje venera pelo muito que ele fez em prol da população, nos campos da cultura, do recreio e do desporto. Nada tive a ver também com a organização das bibliotecas, conferências e cursos de ginástica. Tudo isso partiu da iniciativa de Soeiro Pereira Gomes. Como compositora de música ligeira é que tive grande actividade a partir de 1935, ano em que dei colaboração a meu pai escrevendo parte da música e respectiva letra, para uma das suas revistas, intitulada «Carnaval», cuja coreografia foi toda delineada e ensaiada por mim com o auxílio de meu marido. Em 1937, porque muita gente lá na terra não acreditava que eu e o Joaquim fossemos capazes de realizar o que tinha causado tanto sucesso — certamente por nos acharem demasiado jovens —, decidimos, ele e eu, pormos em cena uma revista exclusivamente de nossa autoria: «Sonho ao Luar». Dessa revista, que resultou num êxito, e depois da apresentação de composições minhas num «Serão para Trabalhadores» organizado no Clube da «Cimentos Tejo» com a colaboração da então Emissora Nacional, partiu a minha carreira de compositora, através de contrato estabelecido com aquela Emissora. Carreira que, como era de esperar, foi cortada logo após os acontecimentos de 8 de Maio de 1944, que motivaram a fuga de meu marido para a clandestinidade e

a minha prisão como refém.

P. — No seu livro «Eles Vieram de Madrugada» não é dito ao leitor se Soeiro Pereira Gomes chegou a voltar para casa...

R. — Ele nunca voltou para nossa casa. Nem o poderia fazer, com a polícia política permanentemente no seu encalço. Voltou, sim, um dia, a casa de sua irmã, mas para morrer.

P. — Considera que na sua vida outros momentos houve, passados ao lado de Soeiro Pereira Gomes, ainda mais difíceis do que aqueles que nos relata no seu livro?

R. — Sim. Precisamente os momentos que vivi face ao seu grande sofrimento, sem lhe poder valer em nada, nos últimos dias da sua vida.

P. — Símbolo da resistência dos intelectuais portugueses ao fascismo, entre outras pessoas da época, a memória de Soeiro Pereira Gomes perdura ainda hoje muito viva na lembrança dos que o conheceram e com ele privaram. Quer lembrar alguns nomes que, juntamente com ele, se aliaram contra a ditadura vigente nesses anos?

R. — Mantive-me sempre afastada da actividade política de meu marido, de maiores responsabilidades. Aliás, as reuniões que ele tinha com os seus companheiros de luta eram todas realizadas fora de casa e, ao que hoje sei, em locais bastante distantes que, por vezes, obrigavam a longas caminhadas e sob péssimas condições climáticas. Alguns desses companheiros foram mencionados no meu livro, dois deles sob pseudónimos: Alexandre (Alfredo Diniz) e Cascais (Dias Lourenço).

P. — Com que idade e onde faleceu Joaquim Soeiro Pereira Gomes?

R. — Faleceu com 40 anos, em casa de Adolfo Casais Monteiro e de Alice Gomes, sua irmã, para onde foi levado secretamente quatro dias antes do seu falecimento, em 5 de Dezembro de 1949.

P. — «Eles Vieram de Madrugada» é primeiro que tudo e acima de tudo uma obra literária de invulgar qualidade «afirma Alexandre Cabral referindo-se ao seu livro». Daí a razão desta última pergunta: pensa continuar a escrever?

R. — Por enquanto não posso responder concretamente a essa pergunta. Certo é que gostaria de aceder ao que várias pessoas, de várias classes sociais, me têm pedido quanto a escrever outro livro. Querem saber mais coisas, porque «ficou muito por contar», dizem elas. Mas é uma tarefa tão difícil e de tanta responsabilidade que só posso dizer: Não sei, ainda. Talvez... se a vida mo permitir.

Soledade Martinho Costa

• AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS

AS CANÇÕES — Com prefácio de Carlos Paredes, e editado pela Ró, José Jorge Letria publicou «A canção como prática social». Escreve Carlos Paredes: «Para evitar que vozes da nossa antipatia se façam ouvir, temos dois processos à mão. Um, é calá-las pela força (...), o outro é abafá-las, fazendo mais barulho que elas. No que a canção ligeira diz respeito, ambas as receitas têm sido sistematicamente usadas ao nível de obscuras manobras que escondem, por trás de si, interesses financeiros e políticos.» O livro de J.J.L. aborda pontos e «casos» do panorama dessa música de intervenção e entretenimento, desfazendo dúvidas e esclarecendo «uma certa escuridão» que se vive nesse ramo da cultura.

«TRÊS NATAIS», de José Correia Tavares, é, segundo o autor, «Natal em Zala, Natal de camuflado e arma ao alcance da mão, Natal com as constelações voltadas ao contrário por cima da cabeça, Natal na grande catedral verde da floresta com todas as portas abertas.» São curtas narrativas nascidas da guerra colonial de «antigamente». É uma segunda edição. Dois prefácios — um de Liberto Cruz (1.ª ed.) e outro de João de Melo (2.ª ed.). Afirma o primeiro: «Reportagem breve mas cheia de contensão e raiva, de amor e amizade, de angústias e medo, de coragem e liberdade...» E o segundo: «Por mais que o contestem alguns (os que jamais se apercebem da génese de qualquer fenómeno), a geração literária da guerra colonial existe.» Ilustração de Rocha de Sousa.

«A SEMENTE NA AREIA», de Volodia Teitelboim, romance

agora lançado pela Editorial Caminho, foi considerado por Pablo Neruda «o livro da honra dos chilenos». Refira-se que o autor, presentemente no exílio, é um dos nomes da comissão política do Partido Comunista do Chile. O drama humano (lé-se numa nota introdutória) que «A semente na areia» encerra «é inegavelmente a pintura miniatral da presente situação chilena.»

TRADUÇÕES EM RUSSO — Mantive-se vários dias em Portugal uma delegação soviética de escritores constituída por Felix Kuznetsov, secretário da União dos Escritores da URSS, o dramaturgo Vassili Chuchkov, e Helena Volf, especialista de língua portuguesa. O objectivo da visita consistiu em contactar directamente com prosadores,

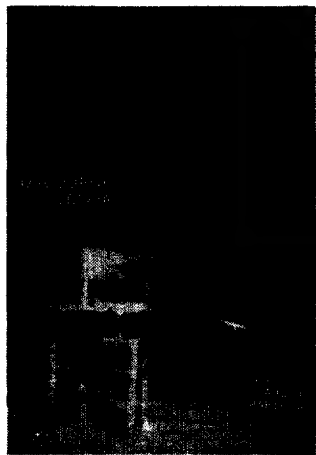
Congresso dos Escritores Portugueses, reunião que contará com a presença, como observadores, de escritores de vários países, nomeadamente dos de língua portuguesa.

A Comissão Nacional é constituída por Agustina Bessa-Luis, Alexandre Cabral, Almeida Faria, Alcada Baptista, António Ramos Rosa, Armindo Rodrigues, Casimiro de Brito, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Faure da Rosa, Fernanda Botelho, Fernando Namora, Gastão Cruz, Jacinto Prado Coelho, João de Araújo Correia, João-Pala Ferreira, Joaquim Namorado, Joel Serrão, José Blanc de Portugal, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Marmelo e Silva, José Saramago, Luís Francisco Rebelo, Luís Miguel

Paulo Quintela, Rui Nunes, Sophia de Mello Breyner e Vergílio Ferreira.

Por sua vez, a Comissão Executiva compreende os nomes de Alexandre Babo, António Vieira de Freitas, Carlos Eurico da Costa (presidente), Fátima Murta, Isabel Santa-Rita, José Correia Tavares, Júlio Conrado, Manuela de Azevedo, Maria Lúcia Lepecki e Orlando da Costa.

MARX E ENGELS — Numa organização e selecção de Vasco de Magalhães-Vilhena, Livros Horizonte, na sua colecção «Dialéctica», lançou agora nos escaparates «Raízes teóricas da formação doutrinal de Marx e Engels (1842-1846)». É mais um volume de uma colecção concebida geralmente sob a

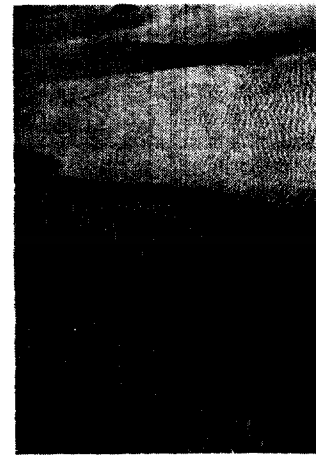


poetas, dramaturgos (compreendendo encenadores) e ensaístas para futuras traduções em russo de obras da nossa literatura.

NO FINAL DE FEVEREIRO vai decorrer em Lisboa o II



Nava, Manuel Alegre, padre Manuel Antunes, Manuel Ferreira, Manuel da Fonseca, Maria Judite de Carvalho, Maria Velho da Costa, Mário Dionísio, Matilde Rosa Araújo, Natália Correia, Natália Nunes, Nuno Júdice, Óscar Lopes,



forma de colectâneas sobre as ciências sociais, as implicações e os fundamentos sociais e filosóficos das ciências e das técnicas. De inegável interesse para todos quantos se queiram inteirar do pensamento dialéctico.

LIDO E A LER

«O Pé na Paisagem»



Leandro Martins

Continuação da pag. 2

agora), com um «discurso do Vergílio», sensivelmente a meio do livro. Até aí a narrativa segue uma ordem cronológica determinada, evocando toda a instrução militar do recrutado até à promoção de miliciano. Ai é já da fuga que se trata — e somente nas últimas linhas regressamos (ou avançamos de novo) para este plano temporal, posterior, e assim dir-se-ia que a meio do livro um pouco artificialmente

introduzido. Se a ideia de Leandro Martins era valorizar deste modo a tónica da fuga (deserção), não parece bastante convincente. Mas esta é talvez a única dúvida significativa que a leitura nos deixa sem resolução. E talvez possa ultrapassar-se ou esquecer-se promovendo a ideia de que o livro se estrutura menos interessadamente com o sentido na evolução da experiência de que aqui se trata, e mais assentadamente com a ideia de ir acumulando episódios, descrições e diversos registos pertinentes na tentativa de criar (recriar) um clima, uma ambiência, e um estado de crescente tensão tanto mais fortemente impressivo quanto desde as páginas iniciais se lê ou entreli os designios (particulares e colectivos) que apontam para a fuga como a mais plausível (mais fácil ou mais difícil) das saídas para a situação. De qualquer modo, ainda que a montagem ou a composição textual do livro possa parecer não suficientemente ou convincentemente conseguida, é evidente que ela foi feita (ou tentada fazer), e também não se vê que outras soluções poderia o autor ter encontrado (não querendo, como não queriz, por certo, escrever um romance de

acordo como os processos mais convencionais. Um trabalho de concepção já ousada como o que aqui se faz exigia uma execução transgressiva: se a vocação estilística não estava mobilizada para isso, tornou-se necessário agenciar expedientes para a feitura global do livro como um todo articulado e coerente. De parte o referido senão, é evidente que Leandro Martins obteve resultados carregados duma grande força expressiva e altamente não só persuasivos mas também convincentes, para um leitor que acaso pensasse em termos de que uma experiência forte, violenta, por vezes destruidora e até cruel — mas também com o sealdado de insensato, e ridículo, até aos limites do suportável e aos limites do absurdo —, tinha de ser tratada literariamente como aqui está: numa linguagem enérgica, excessiva, pungente, impiedosa, — com tonalidades e inflexões percorrendo uma escala numerosamente graduada de sentimentos e emoções, de estados psicológicos largamente variados e abundantemente diversos.

Estamos afinal, no âmbito da grande literatura, e dir-se-ia que entre nós e nos últimos tempos não se tem lido muitos

livros como este. Na mesma área de referência culturais, ocorrer-nos-ia que títulos? — «Directa», de Nuno Bragança, por exemplo. Noutras áreas (de relativo desprendimento do real para assunção, a alto nível, de plano simbólico), «Signo Sinal», de Vergílio Ferreira, e «Finisterra», de Carlos de Oliveira. Não é, já se vê, colocar «O Pé na Paisagem» num plano de lapidária e definitivo consequimento, de plena consagração dum autor. Leandro Martins tem aqui apenas o seu segundo livro publicado, é ainda recente a sua irradiante revelação. De qualquer modo, parece irrecusável que se trata dum escritor de raros recursos e invulgares capacidades para realizar o projecto duma obra que o livro de estreia mais do que augurava, e este romance começa a garantir, com destreza, fulgor, segurança e convicção.

Restaria ver esta obra situada no âmbito do que já se vai chamando literatura de guerra. Aqui não hesitaríamos: é óbvio que se trata do melhor livro que até hoje se pode ler, de autor português. Mas esta consideração nem é muito abonatória, dada a escassez de textos que nesse âmbito se têm feito e divulgado entre nós. L.M.S.